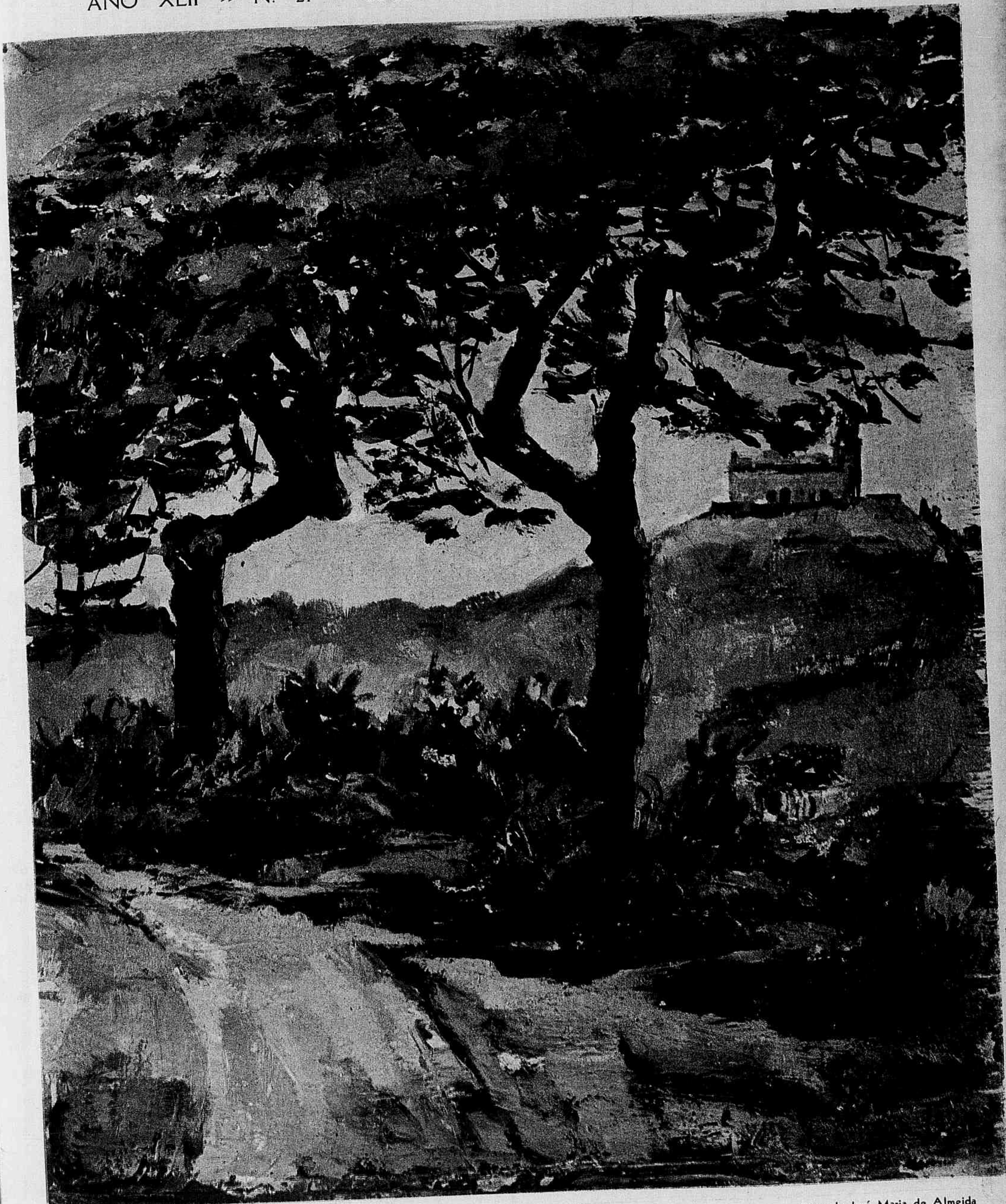


Revista da Semana

ANO XLII -- N. 21 -- 24 de Maio de 1941 -- 1\$500 em todo o Brasil

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
N. 21



FLAMBOYANT

Oleo de José Maria de Almeida

ALEGRIA de viver e TRABALHAR



Flagrante do salão de recreio e descanso das telefonistas, onde as jovens funcionárias, nas suas horas de repouso, lêem, bordam, palestram, escutam radio e jogam "Ping-pong" e outras diversões adequadas, num ambiente simples mas confortável.

AS fotografias que ilustram esta pagina — quatro expressivos flagrantes das Secções de «Informações» e «Interurbano», da Companhia Telefonica Brasileira, que funcionam no confortável predio da rua do Costa n. 69, mostram a atenção que a administração da referida Companhia dispensa às moças que ali trabalham, oferecendo-lhes o maximo conforto não só nas horas do intenso labor como nas que lhes são facultadas para as refeições e necessario repouso. Realmente, visitando a sede daqueles serviços, encontramos varios grupos de jovens funcionárias em plena atividade, completando ligações interurbanas, umas; informando o publico, outras; todas, porém, com o mesmo elevado espirito de ordem e disciplina e o desejo de bem servir os seus assinantes.

E no salão de repouso, após o almoço farto e sadio no refeitório da Companhia, a alegria vivaz e espontanea propria da juventude. Assim decorre o dia das moças que trabalham na Telefonica, vivendo as suas horas de serviço com a satisfação confortadora de quem se sente feliz...



Um aspecto da secção de "Inter-urbano". De pé, as Encarregadas, que prestam às telefonistas a maxima cooperação. Trabalho dos mais interessantes, exige, tanto como "Informações", instrução e inteligência apurada.



O refeitório das telefonistas é a prova do quanto a Companhia se preocupa em lhes proporcionar uma alimentação completa e sadio, a preços sempre abaixo do custo. Nesse refeitório, mantido ha vinte anos, são servidas diariamente 600 refeições.

Ao lado — A Secção de "Informações", vendo-se as telefonistas em serviço, auxiliadas pelas Encarregadas que, de pé, estão também atentas ao trabalho que exige um certo grau de inteligência e instrução.

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS
PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM DE 1911 E OS GRANDES PRÊMIOS NAS EXPOSIÇÕES DE SEVILHA E ANTUÉRIA EM 1930
E NA FEIRA INTERNACIONAL DE S. PAULO EM 1935.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.

DIRETOR: GRATULIANO BRITO

«REVISTA DA SEMANA»

DEVE VIR DATILOGRAFADO
ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Edifício Martinelli — 10.º andar — Sala G Telefone 3-3885
Endereço Telefónico: REVISTA

REPRESENTANTES

BAIA — Joaquim M. Cunha
Praça Castro Alves, 79 — São Salvador
PARANÁ — Gerson Gomes Lustosa (correspondente)
Rua Carlos de Carvalho n.º 237 — Curitiba
RIO GRANDE DO SUL

Ademar Lobato — (Agência Public)
Rua Siqueira Campos n.º 1169 - sala 6 — (PORTO ALEGRE)

ASSINATURAS

BRASIL E AS 3 AMÉRICAS	REGISTRADA
Um ano..... 63\$000	Um ano..... 80\$000
6 meses..... 32\$000	6 meses..... 40\$000
EXTRANGEIRO	REGISTRADA
Um ano..... 170\$000	6 meses..... 90\$000
Avulso..... 1\$500	Atrazado..... 2\$000
15 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ — 15	
Telefones: Direção 22-2622 Gerência 22-2550 Secretaria 22-4447	
Redação e Publicidade 22-9570 Fotog. 22-1013 Portaria 22-5602	
Endereço Telefónico: REVISTA — RIO DE JANEIRO	

TODOS OS ORIGINAIS ENVIADOS A

OS TRABALHOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

Quando a REVISTA DA SEMANA comemora quarenta e um anos de vida, eu venho contar a história de uma criaturinha que ainda não tem quarenta e um meses de existência.

Vera... Para todos, porém, é Verinha, num diminutivo que é um símbolo de engrandecimento, porque não há quem deixe de inclinar-se ante a grandeza que os diminutivos encerram na sua feição carinhosa. Ainda não é gente; mas parece... Parece, porque há nela toda uma intuição misteriosa do mundo, uma visão estranha das cousas, que ela define em imprevistos, numa linguagem em que às vezes falta, necessariamente, a gramática, mas em que não raro sobra a lógica que se supõe ser um privilégio das pessoas maduras.

A máxima de Valtour é uma verdade que todos conhecem experimentalmente: há na criança um pouco de homem desde o berço, como há no homem um pouco de criança até à morte.

Verinha amarra duas tranças pequeninas em volta da cabeça, usa a saia acima dos joelhos, anda na ponta dos pés como as dansarinas, arrasta o "Mimoso" — um cachorro de madeira pintada que parece ter pés de sapo — e, quando lhe dá na telha, diz cousas inesperadas, que são verdadeiras sentenças de gente velha.

Imagina-se, em via de regra, que as crianças teem apenas frases interrogativas, porque indagam tudo — bendita curiosidade da inteligência! — porque levam a fazer perguntas a todo instante, embaralhando o interlocutor com o desejo de saber por que é que venta e chove e por que é que um vovô é calvo e outro não é... Nem sempre, todavia, as crianças são perguntadoras: são, em muitos casos, afirmadoras.

Verinha pergunta, como todas as crianças, mas pouco. Tem pruridos de gente grande e cuida que descerá de sua dignidade si se der às interpelações. Prefere um juízo próprio, e o externa em deduções que espantam os circunstantes.

Papai e mamãe, alucinados com o problema da criadagem, esperando em vão pela bemaventurança de uma cozinheira, apelaram para a conhecida marmita de pensão. A marmita chegava todos os dias, mais ou menos pontualmente. Mas foi só uma semana... Papai e mamãe não aguentaram! E a mamãe — bem dizia Victor Hugo que numa mulher completa deve haver uma rainha e uma escrava... — resolveu ir para a cozinha. Nesse dia, à hora do almoço, chegou uma tia velha e, ao serem servidas umas almôndegas douradas, bonitas, cheirosas, Verinha, ao sentir o olhar indeciso da velha tia, que ainda pensaria talvez na comida equívoca da marmita, tranquilizou-a com uma afirmação maravilhosa:

— Pode comer, titia... Foi mamãe que fez... Isso não é comida p'ra cachorro...

Que auditório circunspecto seria capaz de manter a sisudez depois de semelhante tirada?

A alavanca de Arquimedes levantaria o mundo material; a graça infantil revoluciona os mundos espirituais.

A criança vivaz tem às vezes aparências que se nos afiguram

VERINHA

OCTAVIO

TAVARES

sobrenaturais, chegando a sobrepôr-se aos adultos pelo instantâneo das respostas e pela propriedade dos conceitos. Há uma inspiração secreta, um instinto misterioso que lhe dá uma concepção original dos am-

bientes.

Verinha é assim. Pequenina, minúscula, equilibrando-se na ponta dos pés, dá a impressão de querer crescer de repente, e por isso procura a única forma ilusória que tem ao seu alcance. Tem cem olhos como Argus e cem braços como Briaren. E' toda movimento e atenção. As suas paradas são raras e momentâneas; mal se senta, por uma exceção, levanta-se novamente, com a aparência de um dínamo desorientado, a vibrar por todos os cantos da casa. Si lhe medissem os passos que dá, resultaria uma quilometragem de estarrecer, porque teria, por força, de convencer que seria capaz de dar a volta ao mundo em poucos dias... Para ela, não há fadiga. A natureza infantil tem um poder inesgotável, que vai ao infinito. E aí está a razão por que Verinha não chora: não tem tempo...

Antes assim! E' sempre preferível a criança-azougue à criança manhosa.

No gênero de crianças travessas, inquietas, que não param, que vivem de cá para lá e de lá para cá, há várias modalidades, uma das quais é notável. E' a das que destróem os brinquedos implacavelmente, e que ora arrebatam um realejo para ver quem está cantando dentro d'ele, ora abrem uma boneca de alto a baixo para examinar o que há no interior. Para êsses vândalos inconcientes não há brinquedos que cheguem, porque seriam capazes de levar à falência, em vinte e quatro horas, todas as fábricas de Nuremberg... Mas como não lhes permitem que tenham as fábricas por suas, fazem o esplendor da indústria de brinquedos.

Verinha não é destruidora. Seus brinquedos duram muito e só não servem mais quando já está cansada d'eles e deseja outros, melhores ou diferentes. Conclue-se daí, sem esforço mental, que até os brinquedos cansam...

Verinha fez agora mais uma das suas. Estava a andar pela casa, açodada, arrastando o "Mimoso". O cachorro de madeira, de pés semelhantes aos dos sapos, ia também numa pressa louca, levado por ela e fazia tanto barulho, que parecia estar de tamancos, como as moças de hoje. Verinha ia distraída, a ouvir as pisadas violentas do "Mimoso". Nisto, reparou: a tia vinha da cozinha com alguma coisa num prato. Eram ovos cozidos... A tia pôz o prato sobre a mesa, descascou um dos ovos, salpicou-o com um pouco de sal e comeu-o. Verinha nunca tinha comido ovo cozido... Pediu um, e foi atendida. Mas a tia, que suportava o calor do ovo vindo da água fervente, esqueceu-se de prevenir a garota... Verinha partiu o celebrado "produto espontâneo da esposa do galo, como afirmam que a Baroneza de Canindé chamava, e levou um pedaço à boquinha delicada e mais colorida que todas as bocas que levam rouge. Que horror! Estava quente! E ela então, formalizada, virou-se para a tia, erguida na ponta dos pés, e disse, com um encanto de endoidecer:

— Mas, titia... eu não disse coisa feia!...

Octavio Tavares

A ARMAILHA DO AMOR

conto de J. Ad. Arennes.

Schmiel empurrou a porta do estabelecimento e entrou. Aquele simples impulso desencadeou um retinir frenético de campainhas, como si uma récuca de mulas castelhanas houvesse disparado à aproximação do visitante...

Da penumbra da loja veio uma voz ao mesmo tempo dolente e áspera, perguntando:

— Que desejás, senhor?

Ouviram-se o ruído dum par de tamancos batendo lentamente, um pouco arrastadamente, o soalho; e Schmiel avistou, alumiada pela reverberação da parede fronteira, côr de rosa, uma longa cabeça com um carapuço negro, um nariz caindo sobre uma barba sem côr definida, e mãos já prontas para a presdigitação do negócio.

— Cheguei hontem a Tanger... explicou o recém-chegado. — Vim de Paris por causa do falecimento de meu tio Ezequiel...

Da barba de côr incerta saiu uma série de oh! oh! em que se podia notar ao mesmo tempo a dôr, a curiosidade e a desconfiança.

Seguiu-se longo silêncio. Assim, num match de box, cada contendor espera que o outro ataque... e se exponha. Foi Schmiel quem falou primeiro:

— Vim por causa da herança.

O velho, com as mãos espalmadas, impôs-lhe moderação na voz:

— Não grites dessa maneira, rapaz! Vai-se juntar gente aí, na rua!

Schmiel voltou-se, um tanto inquieto. Mas só viu a jovem Conchita, filha da dona da casa onde se hospedara — Conchita que, leve e ágil, dansava sobre a sua própria sombra, porque já o sol ia alto. Schmiel repetiu:

— Por causa da herança...

— A herança, a herança... O que nela mais há são dívidas. E, si eu te disser a quanto montam, então é que gritarás, de se ouvir a dez léguas de distância!

— Mas...

— De que vale zangares-te? O siroco crestou os campos. E como, em razão das colheitas perdidas, se tornou geral a ruína, ninguém se lembra de vir comprar o quer que seja.

— No entanto...

— Escuta... Tu que és tão moço, como ousas censurar um homem que podia ser teu pai si tivesse encontrado a tempo aquela que havia de ser tua mãe?

Mas todas as mercadorias do estabelecimento...

— Julgas, então, que teu tio era tão tolo que as pagasse antes de as ter vendido?

— Há o armazem, o automóvel...

— O automóvel! Um calhambeque trôpego e enferrujado, que geme, tosse, espirra, bufa e, volta e meia, parece que vai ficar em pedaços!

— Está bem. Vou procurar um advogado... e veremos.

O fluxo de palavras que jorrava da barba duvidosa deteve-se por completo. Da penumbra vinha agora uma espécie de gemido penoso e insistente como o gemido dum mártir ou a respiração dum moribundo, Schmiel teve de repente a impressão de haver matado alguém sem querer, sem dar por isso — e recuou prudentemente em direção à porta...

Soluçando, a voz repetia:

— Um advogado! Deus não quize, quando aqui chegaste, que minha filha Séfora estivesse presente, para conjurar o mau olhado, deitando sobre a minha cabeça uma mancheia de sal! Trouxeste então contigo

T. JANÉ R & CIA.

Fornecedores da REVISTA DA SEMANA

GRANDE STOCK

DE

PAPEL ESTRANGEIRO
COM LINHAS D'AGUA
PARA REVISTAS E JORNAES

PAPEL NACIONAL
PARA JORNAES E REVISTAS NÃO
REGISTRADOS NA ALFANDEGA

E

PAPEL PARA EMBALAGEM DE LARANJAS
IMPRESSO "MAPPA DO BRASIL"

CELULOSE E PASTA DE MADEIRA
PARA FABRICAÇÃO DE PAPEL

MATRIZ:

RIO DE JANEIRO

Rua Benedictinos, 17

TEL. 23-2064

FILIAL:

SÃO PAULO

Largo do Thezouro, 16

TEL. 2-6728

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: JANER
AGENTES NAS CIDADES PRINCIPAES

todas as pragas, todas as desgraças? Um advogado! Queres, pois, arruinar-nos; desejas que, vendo a miséria entrar nesta casa, Séfora cáia morta e depois, ao seu redor, os que velam os mortos clamem pela noite fora: *Eleolam hassdú! Eleolam hassdú!* O Eterno a chamou a si!

Diante daquele chorrilho de lamentações Schmiel continuava a recuar. Já não era um assassinato que ele havia cometido e sim dois, dois assassinatos! Chegou à rua... E foi nesse exato momento que o milagre se produziu.

Uma formosa moça caminhava para ele. E sorria-lhe:

— Que deseja o senhor?

Agora ele próprio não sabia bem o que desejava. Balbuciou:

— Sou o sobrinho do velho Ezequiel...

A moça chamou:

— Meu pai! Meu pai! E, voltando-se de novo para Schmiel: —

Queira perdoar-nos. Não estamos acostumados a visitas que não sejam as dos fregueses. E tantas estas são, realmente, que não podemos pensar em mais coisa alguma! Fazemos imenso negócio, não imagina! Isto de seu tio comprar ultimamente um caminhão-automóvel para entrega das encomendas desenvolveu extraordinariamente o movimento da casa.

Schmiel escutava, boquiaberto. Que linda criatura! E tão leal, tão sincera... Como aquela boca sabia falar... e sorrir!

Séfora continuava

— Mas nem por isso, acredite, esquecemos as leis da hospitalidade. Queira entrar! Consagrávamos ao nosso velho amigo Ezequiel a mais grata das afeições. Venha comer alguma coisa conosco. Meu pai lhe contará como Ezequiel morreu e quais foram as suas últimas palavras...

Em verdade, não fôra para recolher as últimas falas dum tio desconhecido que o rapaz percorrera tal distância, sofrendo, entre outros males, os tormentos do enjôo... Não lhe acudiu, porém, resposta alguma.

Séfora apontou a descarada Conchita:

— Esta moça veio com o senhor?

— Não! declarou covardemente Schmiel.

Tudo nele era confusão. Como poderia chamar a contas olhos tão magníficos, tão adorável criatura?

Conchita soltou uma risadinha de atrevimento e de mofa... Mas quem pode salvar uma alma adolescente das eternas armadilhas do amor?

O REI SOLDADO

Ao notar, certa manhã, que sobre um edifício público flutuava uma bandeira nazista, o rei Cristiano da Dinamarca chamou para o caso a atenção dum oficial alemão, fazendo-lhe ver que tal fato violava o acordo firmado entre Copenhague e Berlim. O oficial, porém, respondeu que a bandeira fôra içada conforme instruções procedentes da capital alemã.

— Pois, si a bandeira ainda ali estiver ao meio dia, mandarei um soldado arriá-la.

— Teremos então que fazer fogo contra o soldado... declarou o oficial.

Ao que o soberano retrucou:

— Muito bem. O soldado serei eu.

Não foi preciso mais nada para que os alemães imediatamente arriassem a bandeira.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma commoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

As molestias mais perigosas das mulheres começam sempre assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das molestias mais perigosas!

Para evitar e tratar as congestões e as inflamações internas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do utero, a asma nervosa, peso, dores e colicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do utero, fraqueza geral e desanimo, a fraqueza do utero, tristezas subitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormencia nas pernas, enjôos, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, canções e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do utero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

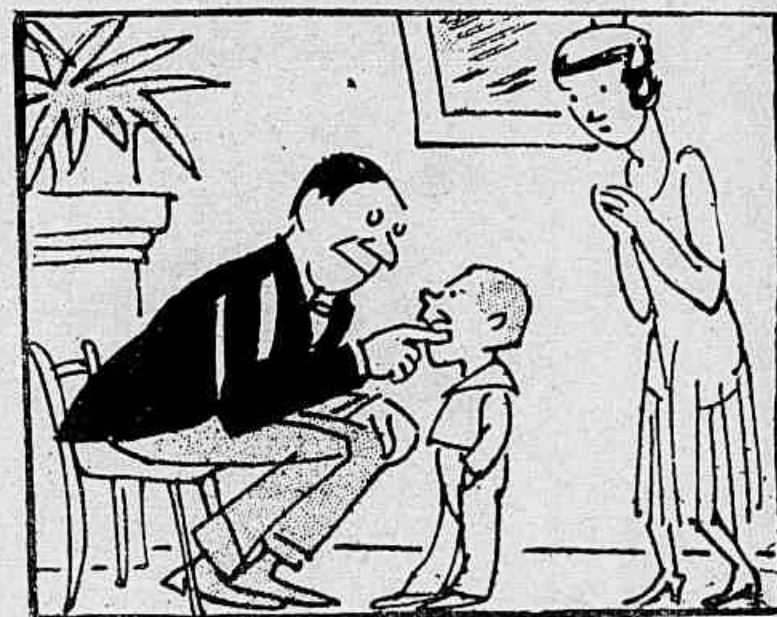
Regulador Gesteira evita e trata também as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**



— Então você casou (de novo, e com sua cunhada?

— Era o unico meio de não ter duas sogras!



— Que é que você vai fazer quando crescer?

— Nada, como o senhor! Casarei com uma mulher rica.

Elimine a sífilis proporcionando dias felizes

A apresentação é o fator principal para o sucesso em qualquer oportunidade. O contraste que se nota nos cavalheiros acima, mostra o sofrimento de um e o bem estar do outro. A sífilis é a causadora do sofrimento, razão por que deve ser combatida sem tréguas, de modo a prolongar a vida sempre com saúde. Lembra-se que é uma das molestias mais traiçoeiras e que maior sofrimento provoca pelas suas dolorosas manifestações, reumatismo, úlceras ou feridas, dores de cabeça, queda do cabelo, eczemas, desanimo, as quais são dominadas com alguns vidros de elixir depurativo IODOPEPTARSAN (609), que ataca o microbio onde ele estiver, restituindo a alegria e o prazer de viver.

ELIXIR IODOPEPTARSAN (609)

Unindo o Teatro á Cultura

No Brasil o teatro é a cousa mais discutida d'este mundo, havendo desde as pessoas que dizem que elle não existe até ás pessoas que o acham um dos melhores do mundo.

Dentro d'esses extremos apparecem opiniões como a de Jaime Costa, que acha que o teatro brasileiro precisa de 5.000 contos para viver; como a de Bricio de Abreu, que acha estar o verdadeiro problema do teatro no sr. Abadie Faria Rosa; como a de Joracy Camargo, que pensa que o nosso público quer é um bom teatro, e como a de muitas mais que acham que o nosso teatro precisa é de público. Enfim é um problema.

O que, todavia, não está em desacôrdo com o pensamento de ninguém é que uma cousa que poderia melhorar a situação de nosso teatro seria baixar os seus preços a um nível bem popular, igualando-os com os do cinema. Outra medida necessária seria a de acostumar nosso público aos problemas culturais do teatro e a formar uma cultura teatral o mais ampla possível.

Visando isto é que surgiu no Rio de Janeiro uma iniciativa digna dos maiores louvores pelas boas intenções que encerra. Trata-se do "Conservatório Teatral", inaugurado na semana passada numa sessão em que falaram sobre o Teatro Francês e sobre o Teatro Brasileiro, respectivamente os professores Fortunat Strowski e Aloisio de Castro. Também na mesma sessão madame Henriette Risner-Morineau interpretou poemas francezes, brasileiros, e a peça em 1 ato, de Jean Cocteau, autor ultimamente comentado com brilhantismo por Alvaro Lins, "La Voix Humaine".



O prof. Fortunat Strowski no momento em que fazia considerações sobre o Teatro Francês, do qual elle é um dos maiores conhecedores.



Mme. Henriette Morineau e o professor Aloisio de Castro apparecem nesta fotografia. A primeira é a presidente da diretoria executiva do "Conservatório Teatral" e o segundo fez uma conferencia sobre o Teatro Brasileiro na sessão que inaugurou as atividades da nova instituição.

Falámos ligeiramente com madame Henriette sobre os objetivos do Conservatório Teatral, que tem como presidente de honra o ministro da Educação dr. Gustavo Capanema e o embaixador de França conde Doynel de St. Quentin, e está sob o patrocínio do P.E.N. Clube do Brasil e da Associação de Cultura Franco-Brasileira.

Mme. Henriette Risner-Morineau vai ensinar a arte de dizer e de interpretar as maiores obras dramáticas brasileiras e francezas. Aliás ella além de declamar muito bem já fala perfeitamente o português, como o demonstrou no dia em que o Conservatório inaugurou suas atividades. Ella já obteve o 1.º prêmio no concurso de "Comédia", foi laureada pelo Conservatório de Paris e fez parte da Companhia Albert Lambert da Comédie Française e do Teatro Antoine de Paris.

Soubemos que no fim d'este ano ella pretende com seus alunos representar algumas peças teatraes. Perguntámos qual a peça de autor francês que ella preferiria levar á cena. Respondeu-nos:

— Por enquanto ainda não posso afirmar qual será, pois dependerá muito da predileção e das tendências dos rapazes e moças que ficarem comigo até o fim do curso. Mas preferiria uma peça de Molière.

— E de autor brasileiro?

— Está nas mesmas condições. Já li peças de diversos autores brasileiros e gostei muito de Domingos Magalhães e Machado de Assis, entre os mortos, e de Claudio de Souza, entre os vivos. Espero representar peças d'esses três autores. Quanto a Machado de Assis acho um pouco difficil devido á montagem de suas peças não ser das menos custosas.

— O que a senhora pretende realizar no Conservatório?

— Desejo dar uma educação artistica bem sólida e fundamentada, desenvolvendo

do nos meus alunos o gosto pelo Teatro e pela literatura teatral. A primeira parte do curso constará de treino e educação do modo de falar, base importante do trabalho teatral, desenvolvido em diversas fases, como sejam a califasia, a articulação e outras mais.

"Aproveitaremos trechos de poetas francezes e brasileiros, entre os quais André Chenier, Lamartine, Alfred de Musset, Victor Hugo, Baudelaire, José Maria de Herédia, Verlaine, Rimbaud, Mallarmé e Castro Alves; Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Martins Fontes, Cruz e Souza e outros mais.

"Das peças teatraes nós faremos leituras

e explicações de cenas com indicações da psicologia e do modo de apresentação das personagens. Molière, Corneille, Racine, Alfred de Musset, Rostand, José de Alencar, Martins Pena, Manoel de Azevedo. Artur de Azevedo, Machado de Assis e Domingos de Magalhães serão utilizados nas aulas bem como alguns contemporâneos e alguns modernos.

Estávamos interessados em saber quaes seriam os colaboradores directos de madame Henriette nesse esforço louvável que ella vai empreender. Imediatamente ella nos informou que Raul Pedroza Anibal Falcão, Renato de Almeida e Georges Morineau também estavam na diretoria d'esse órgão de cultura teatral.

Larga-me!... Deixa-me gritar!...



Xarope São João

E' INDICADO PARA TOSSE E DOENÇAS DO PEITO

Com o seu uso regular: 1 — A tosse cessa rapidamente. 2 — As gripes, constipações ou defluxos cedem, e com ellas as dores do peito e das costas. 3 — Aliviam-se prontamente as crises (aflições) dos asmáticos e os acessos da coqueluche, tornando-se mais ampla e suave a respiração. 4 — As bronquites cedem suavemente, assim como as inflamações da garganta. 5 — A insônia, a febre e os suores noturnos desaparecem. 6 — Acentuam-se as forças e normalizam-se as funções dos órgãos respiratorios.

CENTRO ARTISTICO MUSICAL

Inaugurando sua série de concertos do corrente ano, o Centro Artístico Musical apresentou-nos a cantora Silvia Lima Ramos e o violinista Isaac Feldman, dois artistas nacionais dos mais destacados.

O soprano Silvia Lima Ramos, que ora realiza um curso de aperfeiçoamento com o insigne professor Murilo de Carvalho, deu às obras constantes do programa interpretação primorosa, notadamente em *Noyer*, de Schumann, e *Triste est le Steppe*, de Gretchaninow. No registro agudo, a voz da senhora Lima Ramos me pareceu um tanto clara, algo incompatível com o timbre de sua voz, um dos mais belos dentre os muitos que possuem as nossas cantoras. Contudo, foi bastante aplaudida, deliciando-nos com alguns extras.

Isaac Feldman, um dos raros talentos nacionais na arte do violino, fez-nos ouvir um programa cheio de beleza e graça aliado a uma interpretação digna de todos os elogios. O *Noturno*, de Chopin, e a *Serenata*, de Tomas de Lima, foram os melhores momentos da noite. Pena é que um talento de primeira grandeza, como Isaac, não possa se dedicar inteiramente ao violino como concertista, e que para ganhar a vida tenha que ser violino de fila em orquestra sinfônica.

O pianista prof. Geraldo Barbosa, pode ser um bom musicista, mas não se sentia à vontade no recital. Além de acanhado, não emprestou aos acompanhamentos o desembaraço adequado, prejudicando, destarte, a interpretação das obras. Não basta tocar piano: é mistér sentir as obras executadas.

Afora os pequeninos senões anotados, o concerto do Centro Artístico Musical, foi no conjunto um acontecimento artístico digno de nota.

MAGDALENA TAGLIAFERRO

Realizou-se no dia 26 de abril, no Teatro Municipal, o último recital de Magdalena Tagliaferro. Ouvimos na primeira parte do programa: o *Concerto em Dó Maior*, de Bach, e a *Sonata* opus 81, de Beethoven, obras monumentais da arte clássica, as quais tiveram na ilustre pianista brasileira, fiel intérprete. A seguir apresentou-nos Tagliaferro: 3 *Estudos*, e a 3.^a *Balada*, de Chopin; *La Leggerezza* e *Rêve d'Amour*, de Liszt. Agradou-nos sobretudo a execução de todas essas obras, exceto *Rêve d'Amour*, cuja interpretação não nos pareceu das melhores. *Danse Plaisante et Sentimentale*, *Les Rêveries du Prince Eglantine*, respectivamente de Ivan D'Hunac e Reynaldo Hahn; *Seguidilhas* e *Navarra*, de Albeniz, foram as obras constantes da 3.^a parte. Magdalena emprestou a essas obras uma interpretação pouco adequada ao seu glorioso nome. Quanto à *Navarra*, de Albeniz, já nos acostumamos a ouvir a versão de Rubinstein, que é deveras muito mais interessante e muito mais imponente do que a do próprio autor, apresentada por Tagliaferro.

Finalmente, a tão querida pianista patricia não estava muito feliz. Parecia um tanto cansada.

ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA

O primeiro concerto da série oficial da Escola Nacional de Música, teve lugar no dia 24 do mês próximo passado, com uma audição do jovem compositor brasileiro Camargo Guarnieri.

Nunca um concerto oficial da Escola reuniu tantos nomes ilustres da nossa música como este. Alice Ribeiro, Eunice de Conte, Arnaldo Estrela, Oscar Borgerth, Edmundo Blois e Iberê Gomes Grosso, foram os intérpretes notáveis das últimas produções do jovem músico, intérpretes estes que muito contribuíram para o sucesso da audição.

Das obras de Camargo, tais como: a 2.^a e 3.^a *Sonatina*, a *Toada Triste* e a *Tocata* para piano; todas as peças para canto e piano, e o *Trio* para violino, viola e violoncelo, confesso que somente a 3.^a *Sonatina* e a *Tocata*, para piano, *Você, Cantiga da tua lembrança*, *Segue-me, Não faça assim*, *Tanta coisa a dizer-te*, me causaram boa impressão. Pareceram-me obras de caráter duradouro. As demais peças, inclusive o *Trio*, não emocionaram. Talvez que ouvidas com mais frequência, possam ser melhor compreendidas, notadamente o *Trio*, que achei um tanto confuso.

Sobre a 2.^a *Sonata* para violino e pia-

no, já tive ocasião de manifestar-me no ano passado. É um trabalho digno de nota. Eunice de Conte não me pareceu muito bem interpretando-a. Achei a sonoridade do seu violino um tanto áspera, não sei si devido ao calor estafante da noite.

Quero aproveitar esta oportunidade para desfazer um engano verificado em S. Paulo a respeito de uma entrevista que concedi a uma revista dessa capital, onde cito Camargo Guarnieri. Disse eu, então: "Nós não temos regentes profissionais. O nosso meio não permite. O regente é um produto da orquestra. Sem orquestra não há regente. Camargo Guarnieri é um ótimo compositor mas não se pode comparar a Szenkar, como regente. É um principiante".

Vejamos por que disse eu ser Guarnieri um principiante. Em 1938 seguiu para a Europa o nosso compositor, em virtude de ter obtido o prêmio de "Aperfeiçoamento Artístico", instituído pelo Governo de S. Paulo. Em Paris, estudou composição e estética musical com Charles Kocklin, e regência de orquestra e coros com François Ruhlmann. Regressou ao Brasil antes de concluir os estudos, devido à guerra, aqui chegando em 1940. Ora, si Camargo acaba de regressar da Europa onde fôra aperfeiçoar-se, é ou não é um principiante?

Por que querem seus coestaduanos torcer a significação da palavra principiante?

Não quiz com tal afirmação comprometer o jovem compositor, mas costumo sempre dizer a verdade quando falo ou escrevo. A grande vocação de Camargo não evita que ele seja na arte da regência como na da composição um principiante, embora digno de todo o acatamento, pois é realmente um dos raros valores nacionais da nova geração.

Protegê-lo, dar-lhe oportunidades, é dever de todos aqueles que desejam ver o país dotado de grandes nomes, nas ciências, nas letras e nas artes.

José Siqueira

Dialogo entre Talleyrand e Luiz XVIII:

— Admiro vossa influencia sobre tudo que se passa na França. Como fizestes para abater primeiro o Directorio, e, mais tarde o poder colossal de Napoleão?

— Na verdade, Majestade, nada fiz para isto; é uma coisa inexplicavel que tenho em mim que provoca a desgraça dos governos que me afastam.



— Minha querida, vou casar-me com um homem que tem experiencia, porque viveu muito e sofreu bastante!

— E' com um viuvo que vaes casar?



*Comece o dia
com um sorriso*

Experimente, de manhã cedo em primeiro lugar, o Creme Dental Squibb e delicie-se com a sensação estimulante e agradável que elle produz em todo o meio bucal. Verifique tambem com que suavidade e efficacia limpa os dentes. Seu sorriso mostrará dentes limpos de maneira certa, de maneira segura.

O Creme Dental Squibb não contém absolutamente nada que possa desgastar o esmalte ou irritar as gengivas. Siga o exemplo de milhões de pessoas: use tambem este dentifricio melhor e mais agradável.

*Limpa sem
prejudicar
Purifica o hálito
É economico*

**CREME DENTAL
SQUIBB**

SCIENTIFICAMENTE PURO... EFFICAZ



DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama
Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000.

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

EXIMIO CONTRA-MESTRE

H. W. CHAPETA

CORTE LONDRINO

AVENIDA RIO BRANCO, 111

2.º ANDAR — SALA 202

TELEPHONE 43-3234

PENSAMENTO

Pronunciam-se por êsse mundo numerosos discursos — observa o escritor norte-americano Bruce Burton — e, para completar tal infortúnio, quasi todos são enormes. O Padre-Nosso, o Salmo XXIII e o discurso de Lincoln em Gettysburg constituem três obras primas da literatura universal, que irão até à consumação dos séculos. Pois nenhuma delas chega a ter trezentas palavras. Com tão admiráveis exemplos do poder da concisão, realmente admira que ainda existam neste mundo de Deus, tão prolixos oradores.



O jornalista

Depois de longas horas de trabalho mental, no agitado ambiente de uma redação, o cérebro sente-se exausto e os nervos descontrolados. Utilíssimo é, então, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, cuja acção suave, mas segura, restitue ao espirito a calma necessária ao trabalho intelectual. ADALINA é um produto da Casa Bayer. Isto lhe serve de garantia.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

OS "FANS"



fanática



fancharia



fantasma



fantasia



fanfarrão



fantóche



faniquito



fanado

PAGINAS BRASILEIRAS

A Rua do Ouvidor

Primeiramente levantaram á beira do mar casas e choupanas com uma só linha, formando o que alguns anos mais tarde recebeu o nome de rua da Misericórdia; em seguida, foram adiantando suas rudes construções pela praia de Nossa Senhora do O', que a mudança de denominação se foi chamando logar do Ferreiro da Polé, praça do Carmo, Terreiro do Paço, largo do Paço, e enfim praça D. Pedro II.

Da praia de Nossa Senhora do O' (onde logo depois de 1567 um devoto erguera pequena capela com essa santa invocação) as casas e palhoças continuaram a levantar-se mais ou menos separadas umas das outras e ainda á beira do mar, e também em uma só linha, que muito em breve formaram a primitiva rua Direita, que é desde 1870 rua Primeiro de Março.

Tudo isso foi obra de 1568 a 1572, e não admira, porque as primeiras casas eram de construção muito ligeira e evidentemente provisórias.

Mas em ano que correu entre o de 1568 e o de 1572

Efemérides da semana

24 de Maio. — Primeira batalha de Tuiuti, vencida por Osório, então barão do Herval (1866). — Falece o economista Diogo Duarte Silva (1857).

25 de Maio. — Falece em Lagôa Santa o notável naturalista dinamarquês Pedro Guilherme Lund (1880). — Falece no Rio Canuto José Saraiwa, ministro do Supremo Tribunal Federal (1919). — Nasce na cidade do Salvador Eduardo Ramos, jornalista, político, da Academia Brasileira (1854).

26 de Maio. — Nasce em São Paulo o almirante Jaceguai, vulto da guerra do Paraguai, da Academia Brasileira (1843). — Falece Candido Batista de Oliveira, professor, ministro de Estado e diplomata (1865). — Falece o dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, médico (1878).

27 de Maio. — Falece na ilha Terceira o mineralogista José Vieira Couto, nascido no Rio de Janeiro (1811). — Nasce em Limoeiro (Pernambuco) Henrique Pereira de Lucena, barão de Lucena (1835).

28 de Maio. — Falece em Rio Pardo (R. G. do Sul) o general Patrício José Corrêa da Camara, visconde de Pelotas (1827). — Falece Saldanha Marinho, grande figura de republicano (1895). — Falece no Rio Francisco Otaviano de Almeida Rosa, jornalista, poeta, diplomata, patrono da cadeira n.º 13 da Academia Brasileira (1889).

29 de Maio. — Falece á margem do rio Miranda o coronel Camisão, comandante da expedição do Apa (1867). — Nasce em Estância (Sergipe) Heitor de Souza, que foi ministro do Supremo Tribunal Federal (1871).

30 de Maio. — Falece em Porto Alegre o marechal Bento Manoel Ribeiro (1855). — Falece no Rio João Joaquim da Silva, Ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1870).



A agua do mar e o ar salitroso das praias não alteram as côres dos tecidos tintos com as Anilinas

INDANTHREN

Prefiram, pois, estes tecidos na confecção de capas, pyjamas e roupões para praia.



Indanthren

PAPEL

para jornaes e revistas

CELULOSE

para as fabricas de papel

TELAS

"O'NEILL"

para a fabricação de papel

PARA IMPORTAÇÃO

COMPANHIA

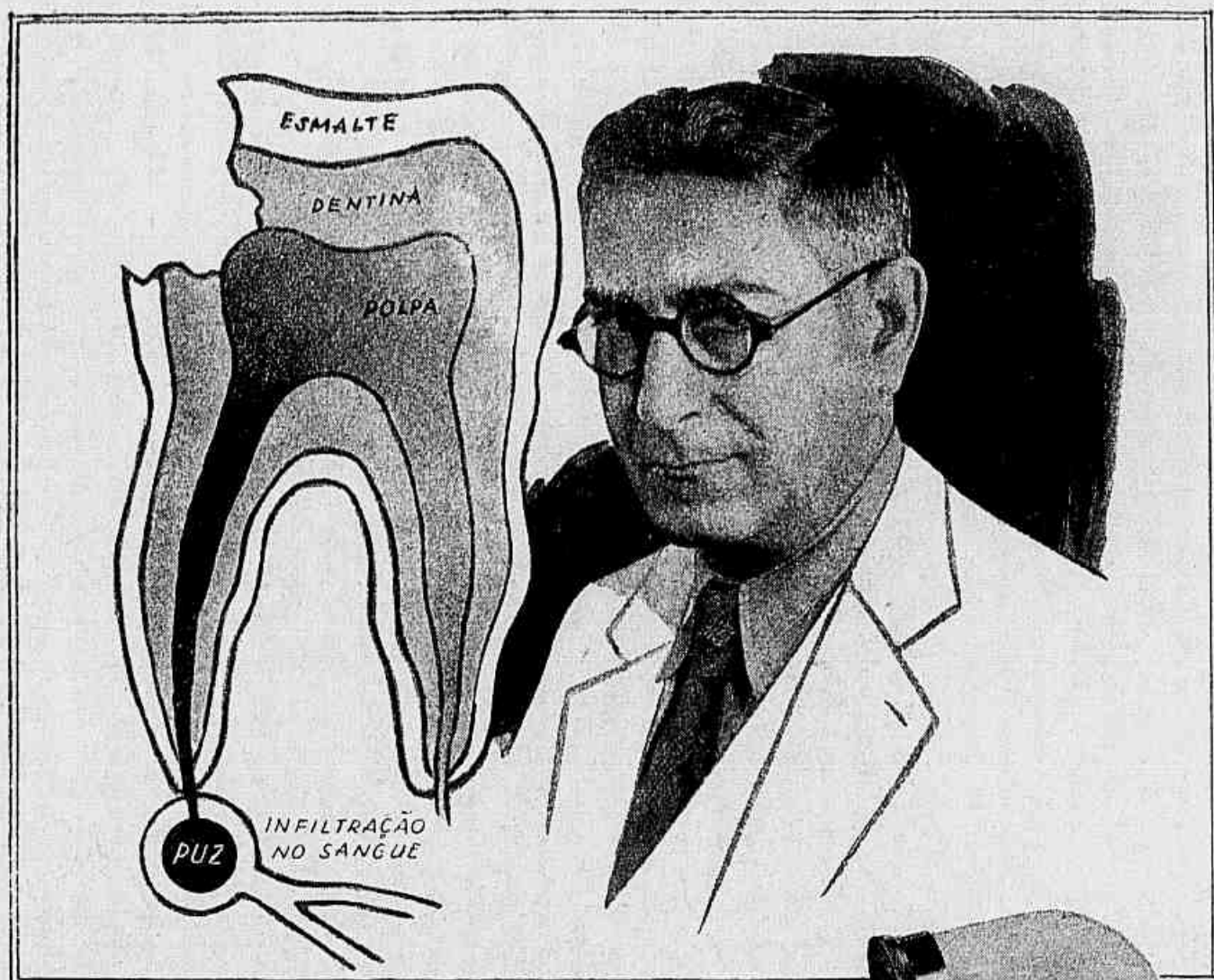
IMPORTADORA

SUECA LTDA.

Avenida Rio Branco, 52

Telefone: 23-0632

RIO DE JANEIRO



O SEU DENTISTA LHE DIRÁ:

"Um dente mal tratado é porta aberta para infecções e molestias gravissimas, do coração, do fígado, dos pulmões e de todos os órgãos internos. Não descure a hygiene de seus dentes!" Ouça a palavra experiente de seu dentista. Visite-o duas vezes por anno e escove os dentes com ODOL tres vezes ao dia. ODOL assegura uma asepsia completa do meio buccal, neutralizando as fermentações produzidas pelos residuos de alimentos nos interstícios dentarios. Tem gosto agradável, sendo usado com prazer até mesmo pelas crianças.



Para a protecção completa da bocca:
Dentista duas vezes por anno.
ODOL tres vezes ao dia.

alguns colonos abriram a pouca distância do começo da rua que se denominou Direita, uma entrada em ângulo reto com ela e cada qual foi improvisando grosseiro "ubi" para si e para sua família aos lados dessa aberta feita sobre areias e por entre mesquinha vegetação denunciadora do antigo domínio do mar.

E, curiosa, interessante, notável, notabilíssima ideia ou inspiração daqueles colonos portugueses, tão bisonhos e sem malícia!... como aquela "aberta" ainda não era rua, e eles precisavam designá-la por algum nome, chamaram-na Desvio do Mar. Desvio!...

Eis o berço da bonita, vaidosa e pimpona atual rua do Ouvidor! Fica, pois, historiado, que ela nasceu de um desvio, e desvio da rua Direita, ou do caminho direito o que, a falar a verdade, não era de bom agouro.

Todavia, foi ali aumentando logo o número dos tétos abrigadores; como, porém, se já estivesse prevenido e prelibando seus destinos futuros, o Desvio do Mar ostentou desde os seus primitivos anos suas duas séries de cabanas de aspecto rústico, mas agradável, e perfeitamente alinhadas e paralelas.

O Desvio teve por primeiros moradores gente pobre, no trabalho porém ativa; peões que exerciam mistérios, operários e um cirurgião que era barbeiro de nobres.

Mas no ano de 1590 e sem intervenção nem audiência da Camara Municipal o Desvio do Mar por acôrdo dos colonos subiu ao grau honorífico de rua urbana com o nome de Aleixo Manuel.

A rua chamada de Aleixo Manuel, quando atravessou a rua Direita e foi parar na Quitanda das Cabanas não tinha mais aquele nome; pois que desde o ano de 1659 se denominava rua do Padre Homem da Costa.

Mas a rua do Padre Homem da Costa não podia mais conservar a denominação envelhecida.

Continuava a teima dos zombeteiros e dos inimigos do tenente valentão e espalha-brasas em querer chamá-la rua do Amotinado.

Acresceu logo depois a pretensão de alguns cônegos e de gente devota, que propunham a denominação de rua do Cabido ou rua da Sé Nova, em honra da Sé Nova que então, embora já desanimadamente, se construía no largo ainda dêsse nome, e onde se abria a rua do Padre Homem da Costa.

E quando mais fervente se achava esta contenda chegou de Lisboa nomeado ouvidor da comarca para o Rio de Janeiro o dr. Francisco Berquó da Silveira (da família Berquó da qual foi membro o posteriormente marquês de Cantagalo, amigo dedicadíssimo e estimado de D. Pedro I), e logo ou pouco depois de sua chegada á capital do Brasil-colônia, foi morar em 1780 á rua do Padre Homem da Costa, na casa de sobrado, que é hoje de número 62-A, e ocupada pela loja de papéis pintados do sr. Anacoreta.

Um ouvidor de comarca era naquele tempo muito mais do que um simples mortal, era uma potestade, que o povo respeitava mais do que hoje respeita ao presidente do supremo tribunal de justiça, e não havia quem deixasse de pôr-se de chapéu na mão quando êle passava.

Desde que o dr. Berquó estabeleceu sua residência á rua Padre Homem da Costa, desfizeram-se as pretensões denominativas de rua do Amotinado e do Cabido e todos de acôrdo a chamaram rua do Ouvidor.

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO
(1878)



ALERTA

— Ora esta... não se tem mais o direito de fumar cachimbo em sua casa?

CABELLOS BRANCOS SÃO SIGNAL DE VELHICE!

É preciso combater a causa do embranquecimento dos cabellos



★ Os cabellos brancos são provocados pela destruição da materia pigmentar que lhes dá a cor natural a qual é atacada por um micro-organismo, que age como um verdadeiro oxydo.



HA muita gente moça de cabelleira branca. As feições, embora jovens, perdem todo o seu vigor, empanadas por uma cabeça encanecida. Cumpre corrigir o mal, combatendo-lhe a causa com o uso da Loção Brilhante, que é um poderoso microbicida. A sua applicação é facilíma. Umas tantas gottas usadas pela

manhã no momento de pentear-se,devolverão aos cabellos brancos ou grisalhos a sua cor natural e primitiva. Nem as pessoas mais intimas explicarão o milagre por que o cabelo se torna sedoso e brilhante.

Em poucos dias começará a readquirir a cor primitiva, com a qual irão nascendo os fios novos

ALVIM & FREITAS, LTDA. • SÃO PAULO

Loção Brilhante

Vidas singulares

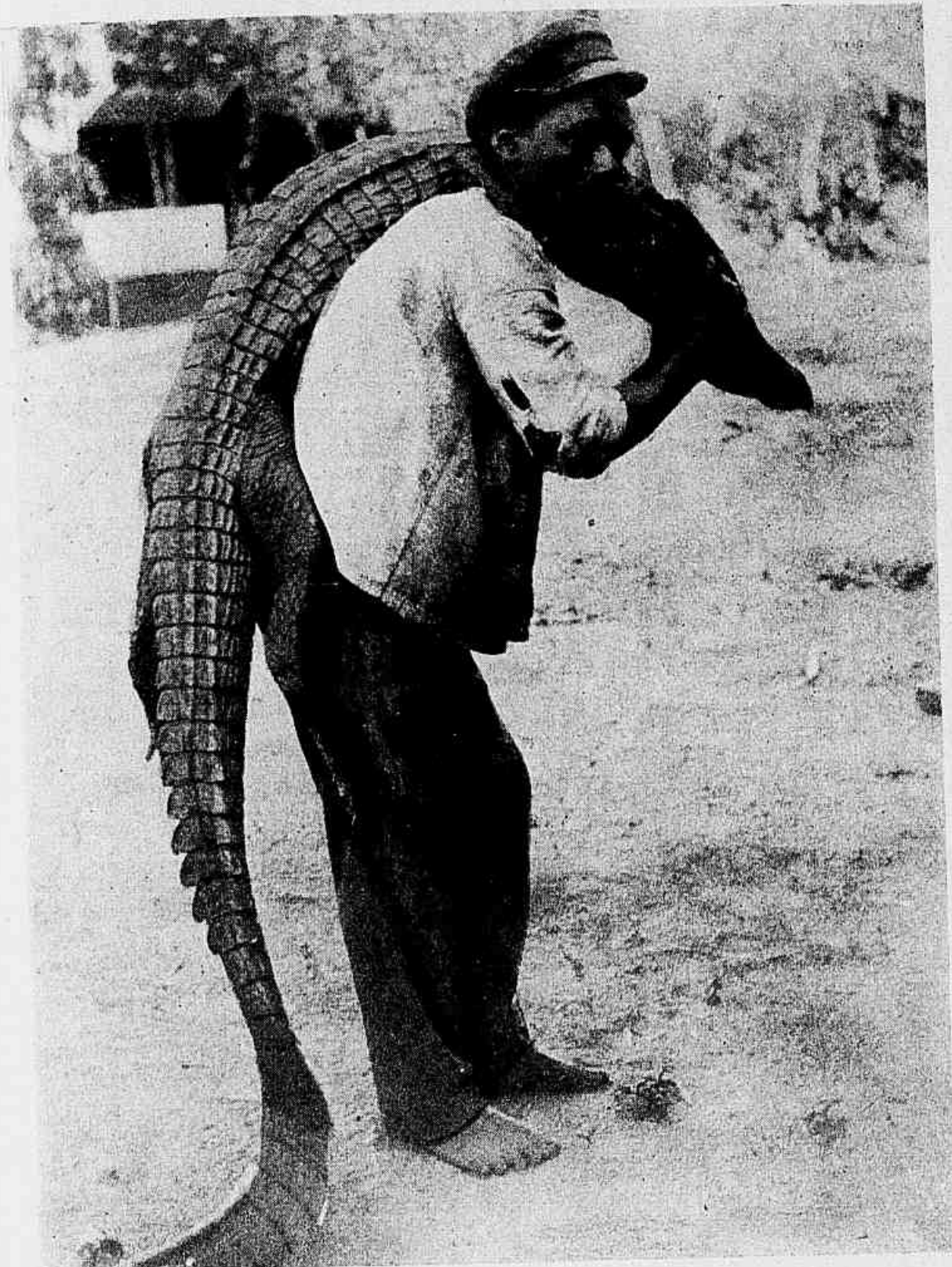
POB HORMINO LYRA

É curioso saberem-se as particularidades existentes na vida de certos animais da fauna brasileira, através do instinto que os dirige em muitos dos seus atos.

Graxaim ou guaxaim ou jaguaracam-bé (*procyon cancrivorus*), espécie de urso brasileiro, é caçador de aves, de

pequenos mamíferos e astucioso ladrão de galinhas. Inteligente, matreiro, prefere a vida solitária. Sendo do gênero mamífero carnívoro, não desdenha comidas de fruta quando tem fome. Habita as regiões sulinas, a cujo clima se adapta por impulsão natural.

Guaxinim é raposinha do Brasil, com



Jacaré do Brasil.

Cunha Lima & C.^{ia}

RUA MAYRINK VEIGA, 26

Caixa Postal 928

End. teleg. "Albatroz"

RIO DE JANEIRO --- BRASIL

Representantes e Commissários

— DE —

Generos alimenticios em geral, bebidas,
productos chimicos, couros preparados.

A TORRE EIFFEL



ARTIGOS FINOS
PARA CAVALHEIROS
DE BOM GOSTO

97 RUA DO OUVIDOR 99

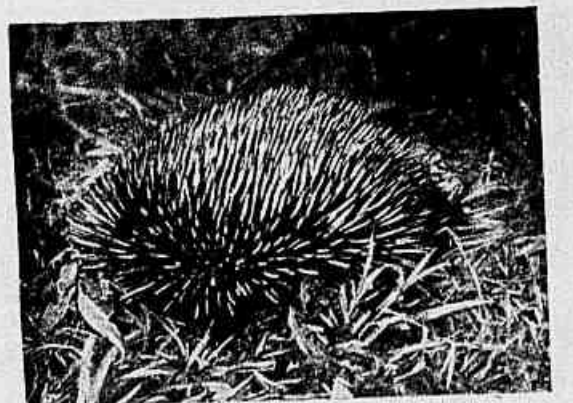
ardiloso método empregado na caça aos caranguejos. Quando o campo lodoso se acha liberto da preamar, surgem do apicim diversos olhos d'agua: são as tocas daqueles crustáceos: e então vem o manhoso canideo acercando-se disfarçadamente dos orifícios, tendo no olhar oblíquo manifesta expressão de alegria, pois é o momento asado para suavizar a fome. Pela abertura estreita introduz a cauda peluda e fica quieto até o crustáceo lhe apertar com os dois tentáculos das suas patas em garfo, as quais lhe servem de órgão de apreensão. Nesse instante, guaxinim dá guincho singular e, em seguida, um pulo, arrastando desta feita o caranguejo para fora, quando rapidamente o pega e separa a carapaça do céfalotorax e vai saboreá-lo. E' também chupador de cana, chiando escandalosamente. Pau d'agua inveterado, como a raposa, bebe guaxinim toda a cachaca deixada de propósito numa vasilha fora de casa; e, daí a pouco, se deita no chão de papo para o ar, como que falando sozinho, e a mostrar os dentes num riso alvar. Habita as regiões do norte brasileiro.

Jacarés do Brasil (*caiman sclerops*, *caiman niger*, *caiman latirostris*). Entre as particularidades da vida desse crocodiliano, aliás conhecidas, há uma pouco divulgada: é o modo por que consegue defender-se das piranhas quando se vê por estas surpreendido no meio do rio. Fervilhando em cardumes, com os dentes anavilhados, atacam vorazmente o jacaré, mas este, para não ser devorado pelos ferozes inimigos, vem imediatamente à tona d'agua e boia, virando o ventre desprotegido para cima, pois sabe perfeitamente que as piranhas nenhum mal lhe podem causar no lado que ele lhes oferece. Dêsse jeito, vai o reptil nadando até alcan-

çar a beira do rio, afim de se pôr á salvo das mordeduras perigosas.

Ouriço-cacheiro (*cercolabes prehensilis*), frutívoro, com todo o corpo coberto de espinhos amarelos, sua arma defensiva, é habitante do Amazonas. Como o coandú ou ouriço (*cercolabes villosus*), que não tem espinhos na barriga nem no peito, sobe á goiabeira, sacode-lhe os ramos e em seguida desce, deita-se no chão a rebolar-se nas frutas, ficando as goiabas presas nos espinhos, boa provisão levada para a toca onde fica descansado por alguns dias.

Queixada (*tayassu labialis*) é o javali de queixo branco, genuinamente do



Ouriço-cacheiro.

Brasil, nômade, andadeiro em enormes varas, batendo os maxilares, fazendo rumor estonteante. A' frente de centenas destes javalis vai o chefe, o guia, o paquiderme de maior tamanho, para dar aviso de algum perigo existente na faixa do terreno por onde transitam, fazendo-os tomar outra direção, quando preciso fôr. Se a onça precisa de caçar um queixada, trepa á arvore por onde deve passar a vara e fica quieta

Alberto Coccozza S. A.

Importadores das deliciosas maçãs do Chile

Escritório Central:

Telefones (23-5857 - 23-5858
23-5850 - 23-5859

Praça Mauá, 7 - 17.º and. - s. 1709 Telegramas: COCOZZA - RIO

em galho mais baixo, escondida entre a folhagem. Deixa passarem todos os paquidermes para se atirar ao lombo do derradeiro, porquanto ela sabe muito bem os javalis, com o barulho que vão fazendo, não escutam o que está acontecendo atrás para onde não olham nunca, pois estão sempre com o sentido atento ao que poderá acontecer na frente. Acontece também isto: o derradeiro da vara é sempre um dos menores e vai, na maioria das vezes, algum tanto distanciado, mas, seguindo a mesma senda. Insensível à peçonha ofídica, o porco selvagem ataca a serpente venenosa; e dizem que a devora.

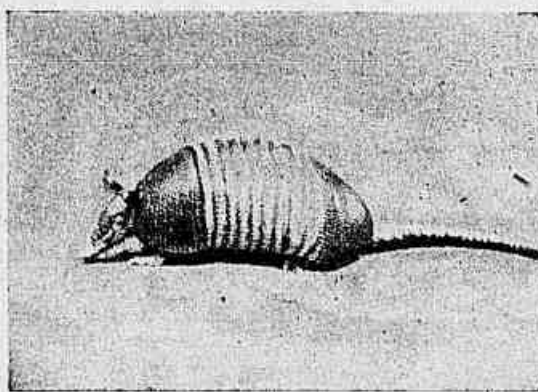
Sapos. Entre — o aquaquá ou cutaguá (*bufo vulgaris*), vivente nas moitas, nas tocas, sob pedras, — o ferreiro ou martelo ou juiponga (*hyla faber* ou *hyla hoans*), muito comum na Serra dos Orgãos, habitante dos charcos, — o pipa ou surinam (*pipa americana*), existente nas águas doces da região amazônica, — o cururú ou marinho (*bufo marinus*), muito grande, chegando a medir vinte e dois centímetros de comprimento, — e o intanha ou sapo-boi ou rã de chifre ou rã forte (*ceratophrys dorsata*), de genuinidade brasileira, cuja cabeça quasi perfaz a terça parte de todo o corpo, o maior do mundo, pois mede vinte e três centímetros de comprimento, devorador de pequenos animais ainda vivos, — existe o sapo parteiro (*alytes obstetricans*) que tem a particularidade de enrolar em torno das patas os ovos dispostos em longo cordão, para os carregar até a libertação dos girinos. Alguns batráquios dispensam certo desvelo, certa cautela aos ovos que põem, mas a maioria deles não os protege: deixa-os dentro da água sem se preocupar com o destino, submetendo-os à vontade irrevogável dos deuses...

Tamanduá bandeira ou tamanduá cavalo (*myrmecophaga jubata*), com um metro e dez a quinze centímetros de comprimento, o focinho comprido e fino, a língua viscosa e filiforme e flexível para facilmente atacar os formigueiros, persegue o homem quando este se lhe atravessa no caminho, embargando-lhe os passos. Neste caso, alça, quanto mais pode, a garbosa cauda em penacho e, em seguida roncando em acesso violento de furor, ergue o corpo sob as patas trazeiras e abre as dianteiras para com estas cingir o intrometido e dar-lhe um abraço de morte, cravando-lhe no dorso as unhas aduncas e aguçadas. O homem da selva, porém, não se intimida, pois uma pancada forte, aplicada ao focinho do desdentado, fá-lo cair por terra, debatendo-se em convulsão.

Tatú bola ou tatú apara ou tatú rabo de couro (*proopus hybridus* ou *tolypeutes trincinctus* ou *tolypeutes coarctatus*) tem como ascendente o megatério, fóssil este nos terrenos terciários e quaternários da América, mas é vero anão à vista da corpulência desse seu antepassado. Com três cintas na cou-

raça, diferente de todos os tatús, merece menção especial pela particularidade de se dobrar todo, ficando como se fôra uma bola; isso para dormir ou por se defender de algum atacante. Somente ao homem não embaraça esse sistema de defesa, porquanto o pega assim mesmo e com mais facilidade.

Ururau ou teiú-assú (*lupinambus nigropunctatus*), maior que os *iguanideos* camelião e sinimbu, que o teiú ou lagarto pardo e lagarto verde, respectivamente macho e fêmea (*lupinambus teguixim*), muito voraz, de genuinidade brasileira, cujo couro se utiliza na indústria, é inimigo da cobra cascavel. Andando sempre a rastejar, aquele sáurio não trepa nas árvores, como os *iguanideos*; e, ao pressentir espécie de ruído de grãos no interior de vagens secas, produzido pelos ossinhos existentes nas cápsulas córneas da causa do *crotalus terrificus*, vai-lhe em perseguição, pois sabe que lhe não poupa os filhotes, e trava com o ofídio luta selvagem e sai sempre vitorioso, fustigando a cobra de chicotadas terríveis, aplicadas com a longa e rija cauda. Se a cobra desfalece, o lagarto esmaga-lhe imediatamente a cabeça com os dentes. Na extensão progressiva da luta, de vez em vez, corre o teiú-assú ao mato e cava para descobrir a batata, vegetante no seu habitat, a qual lhe tem o



Tatú peba

mesmo nome, e avidamente a come por lhe servir de antídoto contra o veneno da serpe, quando consegue esta picá-lo.

Zorrilha ou zorrilha ou cangambá (*conepatus chilensis*), negro, com cincoenta centímetros de corpo e quinze de cauda, faixa nívea do vértice à base da cauda, sendo esta quasi toda branca, é refratário ao veneno da cobra, de cuja carne se alimenta. Secrete esse mamífero carnívoro certo líquido amoniacal fétido, insofrível, que perdura dias nas roupas, nos animais atingidos e com o qual se defende dos atacantes, lançando jatos a grande distancia. Maritaca (*conepatus suffocans*) é o mesmo zorrilha, habitante do sul do país. Maritaca (*mephitis foeda*) é pequeno carnívoro da mesma família dos *mus-telideos*, pêlo branco aveludado, com malhas pretas, que lança também mau cheiro muito forte e tem os mesmos hábitos daqueles.

No Brasil matam-se cangambás, mus-suras, perseguem-se nhandús, seriemas, jaburús e outros animais com fama de ofiófagos, por ainda não lhes serem compreendidos os bons serviços prestados no constante combate ao gênero ofídio venenoso que tantos males causa ao gênero humano.

Tratando-se das aves, é curioso saber:

Beijaflôr de topete (*cephalolepis delalandi*) em debil galho de arbusto constrói o ninho, acolchoado de penas que tira do próprio peito e arranca dos pássaros e as apanha nos ares, á tã, voando. Sai o casal á procura de alimento, adejando entre as plantas, sugando o mel das flôres, caçando pequeninos insetos para os filhinhos impaláveis. Uma cobra faz mover-se a folhagem e surge, a língua afiando, prelibando, antegozando a presa, acolá, no ninho. Porém os corações benditos dos beijaflôres pressentem a adversidade e, céleres, voltam e, aflitos, se lançam impetuosissimamente contra o ofídio, fazendo doidas investidas e tantas vezes secundadas que o réptil foge apavorado, atordoado pelo zumbido do esvoaçar, nervoso, incessante.

Carará, ave ribeirinha brasileira, tem a propriedade de enganar o caçador. Vive perto do rio para caçar os peixinhos de que se alimenta. E, quando avista o homem da arma de fogo, vaa para galho de árvore, á ribeira, e onde fique bem visível. Se aquele é bisonho no ofício, ainda perde tempo em disparar a espingarda contra o astucioso palmípede, pois este zomba do perigo e, ainda que a carga de chumbo passe a grande distancia, por brincadeira cai no rio e mergulha. Fica então o ingênuo caçador esperando a ave astuta com a convicção de apanhá-la, quando surge ela a alguns metros de distancia somente com a cabecita fora dagua, a modo ridicularizando o ser perseguidor. E mergulha mais uma, mais outra vez e para mais longe, até desaparecer.

Cuco (*cuculus canorus*), trepador, insetívoro, carnívoro, tem como principal característica não construir ninhos, pondo a fêmea os seus ovos nos ninhos de outras aves que, com prazer, os chocam, por saber o trabalho insano do cuco em destruir as larvas de certa borboletinha branca, denominada freirinha, em policiar os sítios onde habita, para defender as frondes e proteger os ninhos.

Ema ou nhandú (*rhea americana*), semelhante ao avestruz africano, do qual se difere por ter três dedos, enquanto o avestruz tem só dois, põe os ovos no capinzal, onde constrói o ninho; e não choca todos os ovos, separando um que deita fora da ninhada afim de, quando os filhotes deixarem os ovos chocados, ir buscar o ovo desprezado. Nessa oportunidade, então, o quebra com o bico e afluem enxames de moscas e o reiforme corredor vai pe-

gando-as para primeiro alimento dos recém-nascidos.

Jacamin (*psophia creplani*), peralta brasileiro, esguio, de bela plumagem e extrema distinção, é principalmente caracterizado pela aversão ás contendas, não admitindo brigas entre as outras aves; pois se interpõe aos contendores para evitar o prolongamento das lutas.

João de Barro, o forneiro (*furnarius rufus*), côr de terra, garganta branca, cauda avermelhada, habil construtor que, com o seu instinto muito apurado, observa os ventos predominantes na zona onde vai construir a casinha de barro, para fazer a entrada do lado oposto, afim de se abrigar das tempestades, é um ser de sentimento quasi humano: a necessidade do lar, que resiste ás chuvas torrenciais, é exemplo palpante. Às vezes, são encontradas duas, três casas juntas, parecendo serem os descendentes de um casal que as constróem para ficar mais em família ou, talvez, por fenômeno social.

Pato bravo (*anas cristatus*) é muito arisco, entretanto há quem o apanhe facilmente com as próprias mãos. O caçador experimentado coloca a cabeça dentro de uma cabaça, deixando perfurados os lugares dos olhos e entra na água com todo o corpo mergulhado e, assim, na lagôa vai perto dos patos bravos e caça-os á vontade, folgando.

Dos numerosos insetos que muito tem impressionado os entomólogos, — como, entre esses, a jitaranaboa ou jaquiranaboa (*lanternaria faesorea*), cujas particularidades veem interessando literatos e cientistas, — como a formiga laboriosa com o formigueiro perfeitamente organizado, dando exemplo vivo aos estudiosos da economia comum, — como a abelha vivendo em sociedade no cortiço, sob a autoridade de uma rainha, conquanto exista opinião contrária ao seu prodigioso instinto social, — será curioso examinar-se o maribondo caçador ou cavalo do cão ou mata-cavalo (*pepsis elevata*), cujas larvas são carnívoras. É exterminador da aranha caranguejeira. Na perseguição tenaz ao *aracnideo*, o maribondo grande cravallhe no dorso o ferrão, cujo veneno lhe tem ação sobre os ganglios nervosos, para deixar o grande inseto apenas imóvel, inanimado, mas ainda com vida; e condú-lo assim para perto das larvas afim de a carne, que se conserva fresca dias a fio, lhes servir de pasto. Quando a caranguejeira se acha perto da toca, que ela cava nos paus podres ou no solo e pressente o cavalo do cão no seu vôo rasteiro, recolhe-se imediatamente, com prudência, acautelando a vida.

Normando

End. Electr. "TRIUNFO"

Caixa Postal 2.003

Telefone 23-5071

Codigos: A B C 5.ª e 6.ª ed.
Mascote 1.ª e 2.ª ed.
e Particulares

David Monteiro & Cia.

REPRESENTAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

Escritório (TRAVESSA DO COMERCIO, 15) Sobrado
Depósito (L o j a

RIO DE JANEIRO

SANTOS DA SEMANA

M A I O

24

Santos Donaciano e Rogaciano. — Dois irmãos, padroeiros de Nantes. Donaciano, o mais moço, converteu o mais velho. Maximiliano fê-los prender e, como se recusassem a abjurar sua religião, mandou decapitá-los, em 290.

— *Santa Imelda Lambertini.* — Joven virgem, que entrou aos dez anos de idade para o convento das Dominicanas de Santa Madalena, onde morreu aos treze anos, particularmente favorecida por Deus, em 1325.

25

Santo Urbano. — Sucessor de São Calixto I no sólio pontifício. Legislou sabiamente e foi martirizado em 230.

— *Santa Maria Madalena de Pazzi.* — Virgem de Florença, que bem cedo ingressou na ordem das Carmelitas. Morreu em 1607.

26

São Felipe de Neri. — Um dos santos mais famosos de sua época. Padre, tinha o dom de lêr nas consciências. Fundou a Ordem dos Oratórios e suas prédicas fizeram tal sucesso que foi cognominado o Apóstolo de Roma (1515-1595).

— *Bemaventurada Mariana de Jesus de Paredes.* — Nasceu em Quito. Virgem dotada de grande piedade, submeteu-se, no próprio lar, às austeridades da vida monástica. Sua vida e sua morte foram férteis em milagres (1618-1645).

27

São Beda. — Cognominado o Venerável, nasceu em 672, no condado de Durham. Confessor e doutor da Igreja. Discípulo de São Benedito. Deixou obras ascéticas muito importantes. Passou a vida assimilando a ciência e a fé no convento de Yarrow, na Northumbria, onde morreu em 735.

— *Santa Restituta.* — Virgem romana, de família patricia. Curou milagrosamente e converteu um pagão, sendo por isso vergastada e decapitada, sob o reinado de Aureliano, em 270.

28

São Germano. — Nasceu em Autun, em 496 e foi eleito bispo de Paris em 554. Foi altamente considerado nas cortes dos reis Childeberto e Clotário. Interpôs-se em vão entre Sigeberto e Chilperico, na luta suscitada entre esses dois reis por Fredegonda.

Fundou em Paris a Igreja que ainda hoje tem o nome de São Germano. Morreu em 576.

— *Bemaventurada Maria Bagnesi.* — De uma nobre família de Florença, fez voto de castidade e entrou para a ordem terceira de São Domingos. Atormentada pelas mais cruéis enfermidades, morreu em 1577.

29

São Maximino. — Natural de Loudun, foi educado pelo bispo de Trêves, Santo Agrício, ao qual sucedeu. Deu hospitalidade a Santo Atanásio e contribuiu, com sua ação enérgica, em bem da fé ortodoxa, para o restabelecimento desse bispo em seu sólio. Morreu numa viagem que fez a Poitiers, em 349.

— *Santas Francisca e Ginocia.* — Virgens de Sienne, convertidas por Santa Catarina (século XIV).

30

São Fernando de Castela. — Rei piedosíssimo de Castela e de Leão, que morreu quando preparava uma expedição contra os mouros da África. Foi canonizado pelo papa Clemente X.

— *Santa Lucina.* — Distribuiu todos os seus bens pelos pobres e foi decapitada quando, num dia de sacrifício público ao deus Marte, proclamou em altas vozes sua fé cristã.

ESMALTE
Lalaque

Nas cores

BRANCO
ROSA NATURAL
ROSA RUBRA
ROSA CORAL
ROSA ANTIGO
CARDINAL
RUBY
CYCLAMEN
GRENAT

Com o novo esmalte Lalaque
suas unhas brilham como jóias!
Dura mais e custa menos!

A venda em todo o Brasil

PENSAMENTOS

O bom diplomata é um homem instruído, educado, afável, solícito e cuja especialidade consiste em evitar conflitos que não existiriam se não existisse a diplomacia.

Há 2.500 anos, dizia Herodoto, o Pai da História:

"São muito poucas as coisas que acontecem a seu devido tempo; e muitas que deviam acontecer não acontecem nunca. O dever do historiador consiste justamente em remediar esse mal.

CASA SUCENA

VESTES SACERDOTAIS E TUDO QUE A IGREJA SE DESTINA.
FORNECEDORA DE TODO O BRASIL CATOLICO. TODOS OS SEUS
ARTIGOS OBEDECEM RIGOROSAMENTE A'S LEIS LITURGICAS.

MODAS — ARMARINHO — LINHAS — CAMISARIA — CALÇADO

E TODOS OS ARTIGOS DE SUPERIOR QUALIDADE
PARA TODOS OS FINS E PARA TODO PREÇO.

AVENIDA RIO BRANCO, 76 A 86
RIO DE JANEIRO

Eucalol

creme dental
100% PERFEITO

BRASA

DERMOFLORA

Sabonete antiseptico, preparado exclusivamente com plantas medicinaes. Indicado nas irritações da pelle, comichões, frieiras, eczemas, etc.

Producto da FLORA MEDICINAL — Formula do Dr. MONTEIRO DA SILVA — Licenciado pelo Departamento Nacional da Saude Publica.

J. MONTEIRO DA SILVA & Cia.
RUA DE S. PEDRO, 38 — Rio de Janeiro



Senhorita Fernanda Santos Abreu, filha do sr. Frutuoso Abreu, que aoaba de contratar casamento com o nosso colega Julio Gammaro, de A NOITE.

AS DUAS MIL VAQUINHAS

No livro de Rodriguez Maria, recentemente publicado, **Más de 21.000 reframes castellanos**, e a propósito do rifão **A tu yegua son las sombreradas** vem esta historieta sul-americana:

"Contou-me o meu amigo conde de Casa Segovia que, quando vivia em Buenos Aires, foi certo campônio àquela capital propôr a opulento banqueiro e comerciante de gado a venda dumas vacas. Bastante lhe custou chegar à presença do grande homem de negócios; e este o recebeu quasi sem nenhuma cortezia.

— O caso é este... começou o lavrador. — Desejo vender umas vaquinhas...

Sem o haver mandado sentar, o outro atalhou secamente:

— Não me interessa comprar dez ou vinte vacas.

— Mas eu tenho mais do que isso. O que quero é saber si o senhor me compra as duas mil vaquinhas que me sobram.

O capitalista arregalou os olhos e exclamou:

— Mas que cabeça a minha! Agora reparo que o deixei ficar de pé... Queira sentar-se! Vamos conversar!

E o campônio, ao sentar-se, disse para o lado, com a maior naturalidade:

— Sentem-se, duas mil vaquinhas!

Entreguem seus Seguros

DE

F O G O**TRANSPORTES**
ACIDENTES PESSOAIS

E

ACIDENTES DO TRABALHO

A'

Companhia de Seguros
Minas-Brasil

SÉDE: BELO-HORIZONTE



CAPITAL SUBSCRITO

RS. 10.000:000\$000

CAPITAL REALIZADO

E RESERVAS

RS. 5.682:107\$900



SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO

AV. GRAÇA ARANHA, 62

8.º andar

MESA TELEFÔNICA — 22-1844

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO

B R A M I N A S

Não ha menos tormentos no governo duma familia que num Estado inteiro.

♦♦♦

Muitas vezes pensa-se ter abandonado os negocios, apenas trocou-se...

ANTIPATIA

Em artigo publicado na revista **The Christian Century** sobre os motivos pelos quais descobrimos ou julgamos odiar a antipatia deste ou daquele individuo pela nossa pessoa, cita a escritora Dorothy Canfield uma quadra que pode ser assim traduzida:

Um tal Leopoldo me detesta.
Qual a razão disso? Não sei.
Mas, seja aquela ou seja esta,
Sempre tal homem detestei!

VARIEDADE

A Islândia tinha uma literatura deveras desenvolvida e florescente por volta do ano 1200.

— Em 1508 foi Cuba circumnavegada pela primeira vez, ficando assim estabelecido que era uma ilha.

— Vai a mais de 21.000 o número de funcionários de Nova York.

— Benjamin Franklin fundou em Philadelphia, em 1731, a primeira biblioteca circulante.

— Os homens de ciência verificaram que os microbios do espirro se deslocam à razão de 160 quilômetros por hora.

— A extensão da Grande Muralha da China é de 4.080 quilômetros.

— Os marinheiros do Oceano Índico usavam já a bússola no século IV antes de Jesus Cristo.

— No aeroporto La Guardia, de Nova York, o mais ativo do mundo, trabalham 4.500 empregados.

— Os Estados Unidos imprimem anualmente 3.300 toneladas, ou seja a carga total de 82 caminhões, de estampilhas.

— O Museu Nacional, de Washington, possui mais de cinco milhões de exemplares de insetos classificados.

— A maior indústria do Panamá é a confecção de vestuários tropicais para homem.

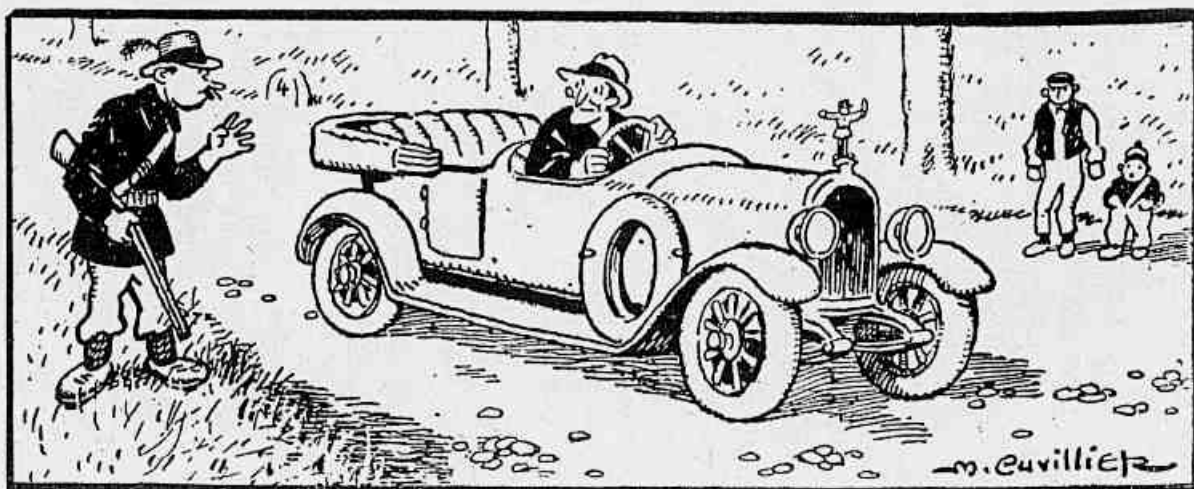
— O café, o chá e o chocolate foram os primeiros produtos alimentícios anunciados nos jornais.

— Nos primeiros seis meses de 1940 exportaram os Estados Unidos vinte milhões de dentes artificiais.



— Você mexeu no doce! Pois vae ficar sem sobremesa!

— E a senhora também!... Porque eu esvasiei a compoteira!...



O CAÇADOR — Hoje, matei uma lebre, duas perdizes e um faisão.

O AUTOMOBILISTA — Ora, isso não é nada... Eu liquidei uma vaca, dois porcos e quinze frangos!...

CASA

PAPELARIA
OBJETOS DE
ESCRITÓRIO - AR-
TIGOS ESCOLARES

LOJA:

Largo da Lapa, 34-B

Telefone: 22-4487



FUNDADA EM 1917

BRUNO

ARTES GRÁFICAS
EM GERAL.
ENCADERNAÇÃO
DOURAÇÃO
PAUTAÇÃO

OFICINAS:

Trav. do Mosqueira, 13

Telefone: 42-6494

BRUNO & MANDARINO

RIO DE JANEIRO

OS COCHILOS DE HOMERO

— Vamos! disse Pierre, tomando o chapéu para enxugar as lágrimas.

ZOLA, Lourdes.

Pobre Maria! Toda a vez que ouve o galope dum cavalo que se aproxima, julga que sou eu.

BALZAC, Beatrice

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

NO PRIMEIRO DIA

Chegou da França uma interessante notícia, mais interessante ainda por não tratar de guerra. Diz que em Marselha está preparada para o embarque uma expedição que se destina ao Rio Amazonas. E' chefiada pelo sr. De Guebriant, presidente da Associação dos Exploradores Franceses.

Essa associação deve ter uns estatutos diferentes de quaisquer outros do mundo. Porque decerto é impossível realizarem-se assembleias gerais ou eleições por votos presentes, devido ao fato do sócio n.º 3 estar no Sião, o n.º 7 no Polo, o n.º 9 na Africa, o n.º 17 na Indochina e assim por diante. Mas o fato mais curioso é que a expedição vai procurar os índios Jivaros. Para isso irá aos Andes, construirá balsas, atingirá as nascentes do grande rio e, de canoas, irá ao longo de Manseriche, tudo isso em 7 meses. Vão trabalhar demais, coitados, só para encontrar os Jivaros. Apostamos que se esses índios soubessem de tanto interesse sairiam cavalheirescamente das suas plagas e iriam encontrá-los em Belém. — Estamos aqui! diriam.

NO SEGUNDO DIA

— Comemorou-se muito pouco a data de 13 de Maio. E os que a comemoraram eram brancos.

— Douglas Jr. chegou a Buenos Aires, onde seu sucesso se repete. Salve, Mr. Douglas!

NO TERCEIRO DIA

Carmem Miranda é classificada num concurso de "Photoplay" em segundo lugar entre as artistas dos últimos filmes norte-americanos. Em nossa terra ela venceu mais no rádio do que em qualquer outra coisa. Na América do Norte está se revelando mais no cinema. E assim é a vida.

O "Chinese", o famoso teatro de Hollywood, a convidou para representar no palco. E nos programas aparece com relêvo "Carmem Miranda Souse American Sensation"—sensação para as "stars" norte-americanas e para nós brasileiros.

— Em Portugal, no Santuário de Coveira, houve um milagre: uma rapariga aleijada pôs-se a andar. No Brasil Frei Eustáquio é procurado por muitas pessoas porque também faz milagres. Está voltando o tempo dos milagres, como vemos.

NO QUARTO DIA

Quasi sempre nossa imprensa realça sentimentalmente o fato de Santos Dumont haver inventado o avião para as missões nobres de paz e êle ser utilizado nas horas trágicas da guerra. Todavia é necessário mostrar a face útil desse meio de transporte. Numa "fortaleza voadora" foram hoje remetidos para o Rio Grande

milhares de medicamentos. E' a aviação tentando salvar vidas, como noutras horas procura exterminá-las. Mas a culpa não é dela: os homens que se entendam.

— Bicheiros e malandros viajaram em 10 "tintureiros" até ao cais em que embarcaram para um veraneio na Ilha Grande. Dão até agua na boca êsses passeios e descansos. Por isso é que sempre há bicheiros e malandros...

NO QUINTO DIA

O caíque tem o domínio das aguas. O caminhão tem o domínio das estradas. Mas em Porto Alegre entraram em conflito os dois domínios e na esquina da rua Uruguai com a 15 de Novembro houve um choque. que terminou com a vitória do caminhão e com uma

queixa do proprietário do caíque junto á polícia. Eis o curioso acidente acontecido na capital sulina.

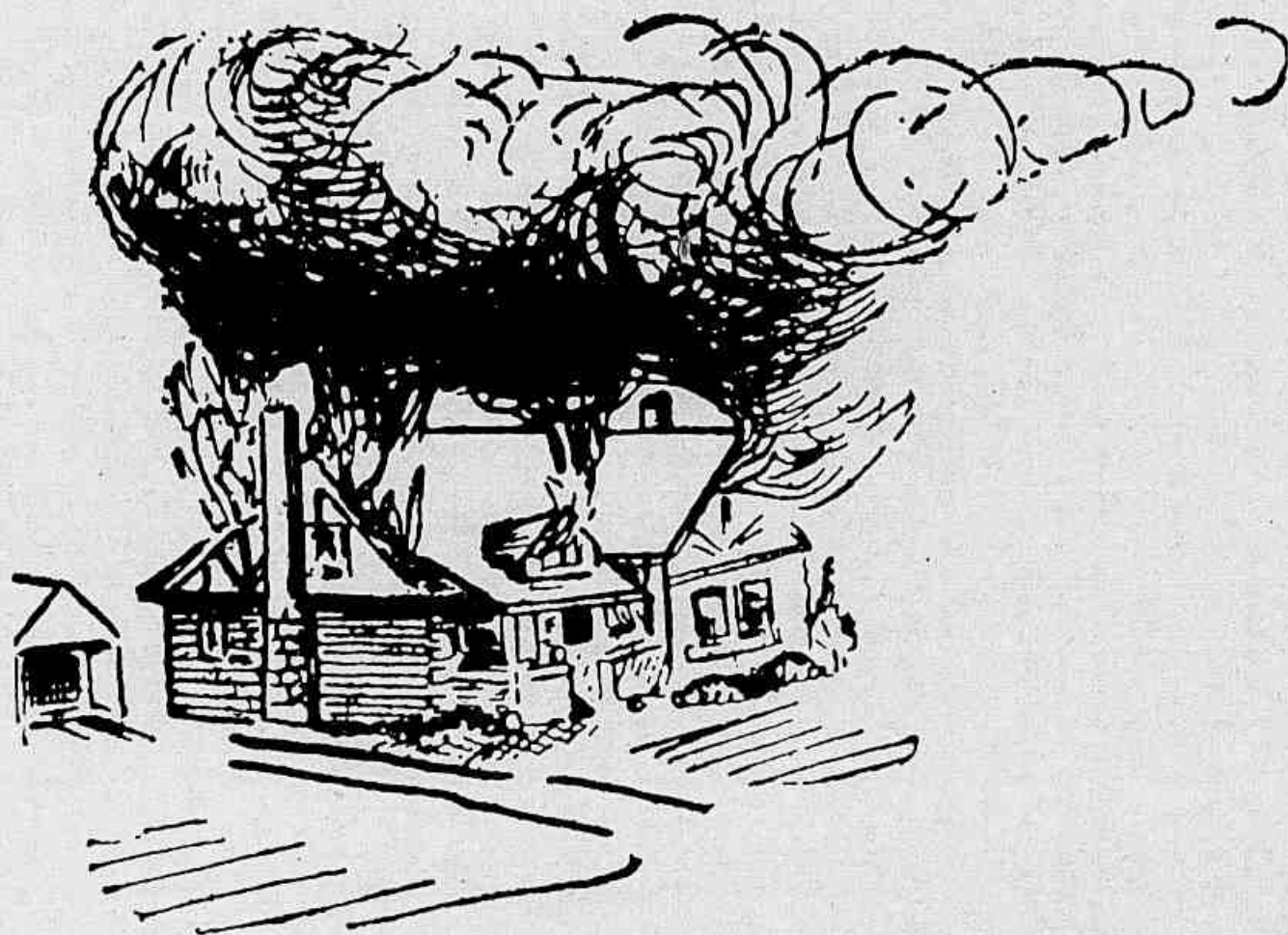
NO SEXTO DIA

Na Inglaterra 10.000 espadas de cavalaria foram oferecidas á Campanha do Metal, afim de se transformarem em armas mecanicas. Dentro em breve serão unicamente as máquinas que lutarão entre si e os homens ficarão do lado assistindo.

NO DIA DO DESCANSO

Em Hadsund, na Dinamarca, foi encontrado um esqueleto com 12.000 anos de existência. O telegrama veio da Suíça. Daí se deduz que enquanto uns povos fabricam esqueletos, outros os procuram. Um sociólogo faria uma nova classificação etnográfica baseado nesse critério diferencial.

DESTRUIDO EM POUCOS MOMENTOS



O TRABALHO DE TODA UMA VIDA

PROTEJA-SE contra as consequências do infortúnio com uma apólice de seguro da

SUL AMÉRICA TERRESTRES,
MARÍTIMOS E ACIDENTES

Sede - Rua Buenos Aires, 29/37 - Tel. 23-2107

DIREITO, JUSTIÇA E PROCESSO DO TRABALHO

DE

M. Cavalcanti de Carvalho

Um livro utilíssimo, contendo todo o direito trabalhista brasileiro, inclusive as criações mais recentes, e abordando aspectos nunca apreciados em obras da mesma natureza. E' um volume de 361 paginas, repleto de doutrina, jurisprudencia e legislação, inclusive apreciações sobre o Direito Trabalhista do Brasil em face dos tratadistas estrangeiros.

Preço 25\$000

Pedidos á Cia. Editora Americana S. A.
Rua Visconde Maranguape, 15 — Rio.

LIVROS

NOVOS

SÃO FRANCISCO DE PAULA DE OURO FINO NAS MINAS GERAIS, de Aureliano Leite (2.^a edição). — Empresa Gráfica da «Revista dos Tribunais», São Paulo.



São Francisco de Paula de Ouro Fino nas Minas Gerais

É com intenso júbilo que vemos surgir esta segunda edição tão perto da primeira. Tal êxito, nós o prevíamos e portanto sinceramente, e bem naturalmente, o desejávamos. O sr. Aureliano Leite, homem de letras não sómente por vocação mas por verdadeira, essencial paixão, bem merece estas e outras recompensas na sua carreira que já cerca de vinte volumes ilustram. Com o seu trabalho continuado, esforçado, sempre em busca de novos objectos a que se aplicar e novas maneiras de se exercer, não se limita a servir mas na verdade honra a sua inteligência.

Os capítulos de *São Francisco de Paula de Ouro Fino* pareciam formar uma obra completa e tanto quanto possível, no seu gênero, aproximada da perfeição. E sem dúvida formavam. Mas o autor, antes de entregar novamente ao prelo estas páginas que a crítica — não a nossa, está claro, mas a outra, a dos outros — exaltara e a que o publico prestara a sua consagração, ainda descobriu onde aumentar ou aprimorar. É a terceira com certeza trará novos retoques de acréscimo ou esmero... São assim os pesquisadores, assim fazem os artistas.

AINDA... E SEMPRE, versos de Freitas Guimarães, da Academia Paulista de Letras — São Paulo, 1941.

O sr. Freitas Guimarães fez parte, quando estudante, em São Paulo, dum grupo de apaixonados da Forma. Já lá vão... bastantes anos.

A uma corrente revolucionária, iconoclasta, que então se esboçava, resolutamente se opunham os discípulos apaixonados de Bilac, Raimundo, Alberto, considerados — embora nunca eles próprios assim se proclamassem — autênticos e intransigentes parnasianos. Houve na poesia brasileira uma fase verdadeiramente de combate. Lutava-se nas revistas e nos jornais, nas agremiações pomposas e nos cenáculos boêmios, nos salões, nos cafés — e até em plena rua. Com efeito, das regiões mais augustas da controvérsia algumas vezes a questão desceu às vias de fato. Era o conflito das doutrinas absolutas e opostas à batalha dos gênios pela glória única e indivisível. E tudo era mocidade.

O sr. Freitas Guimarães formou o seu espírito de poeta nesse ambiente agitado por elementos irreconciliáveis, no qual era preciso tomar partido, adotar uma ou outra causa, extremadamente. Sem cálculo nem esforço de espécie alguma, pela mais natural das tendências, entregou-se ao culto do verso nobre e da rima opulenta — para sempre. A vida o levou para os campos sucessivos em que a sua inteligência e a sua diligência haviam de triunfar: a advocacia, a magistratura, o professorado. Mas a pura individualidade do poeta sempre prevaleceu, triunfando sobre encargos e honrarias. Continuamente, em publicações literárias, apareciam as recentes criações do seu estro — se ainda é lícito empregar-se semelhante termo. Fazer versos constituía a primeira necessidade do seu espírito, a atmosfera indispensável ao seu sentimento. E eis o que ele exprime no soneto agora convertido em pórtico do livro:

Enquanto o coração for o meu nobre escudo
E souber conservar a fé em que se arrima,
Hei de vazá-lo na estrofe e resumir na rima
As minhas impressões, meus sentimentos, tudo.

Condene-me o silêncio iconoclasta, o agudo
Sorriso do profano vulgo! Embralha Acima,
Este glorioso amor, que o verso meu sublima,
Ha de pairar no azul, indiferente e mudo.

Qual a flôr do edelvás, pura, que desabrocha
Sobre a neve que veste a acuminada rocha,
Os namorados ergue ao alto do seu trono,

Tal o meu livro se abre aos olhos de quem sente,
E da poeira levanta a multidão descrente
Para um mundo melhor, onde é tranquilo o sono.

Freitas Guimarães

AINDA...
E SEMPRE
(Versos)

SÃO PAULO
1941

Pelas quatrocentas páginas do volume, que se divide em cinco partes, sucedem-se os poemas de amor e os religiosos; odes a poetas, heróis, descobridores, aos emblemas da fé

AOS NOSSOS LEITORES

Em maio de 1939, em razão do 39.^o aniversário da REVISTA DA SEMANA, iniciámos o preparo de uma grande edição dedicada ao Brasil inteiro. Essa edição, que circulou em 15 de julho daquele ano, constituiu um dos acontecimentos mais expressivos de 1939, no setor da imprensa patricária.

Em 1940, outra edição extraordinária marcou o transcurso do mês que é particularmente significativo para a REVISTA DA SEMANA, o mês de maio, cujo dia 20 recorda, precisamente, a data em que nasceu o mais velho hebdomadário do Brasil. Foi, então, posto em suas oficinas um grandioso número especial dedicado à República Argentina, número que somente circulou a 9 de julho em homenagem a essa data tão cara ao povo irmão.

No corrente mês de maio de 1941, a REVISTA DA SEMANA, a decana das publicações ilustradas do país, não deixará de brindar seus leitores com uma edição fora de série, na qual destaca um assunto de magna importância: além deste número que traz matéria aumentada e quantidade de páginas crescida, a REVISTA DA SEMANA, no mês que lhe é tão grato, tem em suas oficinas mais um trabalho de inegável valor cultural, de profundo sentido patriótico e artisticamente valioso. Serão mais de cem páginas dedicadas à "urbs" brasileira, através das quais os leitores verão o alvorecer, a evolução, o presente e terão uma antevisão do futuro das cidades do Brasil. Serviu de motivo para esse cometimento a realização no Rio, em janeiro próximo findo, do I Congresso Brasileiro de Urbanismo, cujo desenrolar virá registrado na edição em causa, bem como os respectivos debates e conclusões. Salvo motivo de força maior, a edição de urbanismo da REVISTA DA SEMANA será entregue ao público no fim deste mês.

e aos símbolos da pátria; numerosas versões tais como de Voltaire, Herédia, Soulay, Stechetti, D'Annunzio, Heine, Campoamor, e a última série, a mais íntima e sentimental, vae dar a este outro soneto em correspondência com o de abertura:

Ainda! Ainda e sempre! Enquanto arder a chama
Sagrada que me guia e me ergue pela escarpa
Que á perfeição conduz, ha-de vibrar como harpa
A alma que vive em mim, que o meu amor proclama.

Ouç-a quem a quiser ouvir! Ouç-a quem ama!
Alto, qual sói subir, ela não teme a farpa
Do critico feroz: — é nova nau que zarpa
Do porto e vai quebrando o mar que á proa brama!

Como um órgão, ressoando em catedral imensa,
Empresta asas ao crente e o levanta á presença
Do poderoso Deus, por quem, fiel, suspira,

Tal cantará minha alma, até ao final transporte,
Para que o nosso amor, mesmo depois da morte,
Vibre, eterno e feliz, nos versos que me inspira!

PELOS SERTÕES DO BRASIL, do coronel Amílcar A. Botelho de Magalhães, 2.^a edição ilustrada — Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1941.

Pelas quinhentas páginas desta obra se desenrola um depoimento pormenorizado, constante, sempre atento e exato dos trabalhos e aventuras que constituíram a tarefa gigantesca do lançamento da linha telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas e do reajustamento dos mapas duma região em tão grande parte ignorada. O êxito da primeira edição de *PELOS SERTÕES DO BRASIL* resultou especialmente dessa precisão e dessa minuciosidade. Não se tratava de louvores inspirados na grandeza e no esplendor da obra que se realizara. O que ali estava era a documentação quotidiana, por assim dizer, de tamanhos esforços e tão nobres sacrifícios. Assim o leitor ia ver, em exposições copiosas e narrativas fieis, aquilo que o autor observara com os proprios olhos, tomando parte em muitas das jornadas daqueles homens — jornadas ora corajosas ora pacientes, com longas fadigas e através de riscos formidáveis, no cumprimento dum dever que exigia a inteligência e o saber, impunha o heroísmo, mandava continuar, avançar até mesmo em face da morte.

O coronel Botelho de Magalhães não cuida de acentuar os lances impressionantes nem se preocupa em fazer estilo; mas na serenidade e singeleza destes capítulos todos os episódios ressaltam, como os panoramas se reproduzem em perspectiva e colorido, como a vida dos habitantes de florestas e descampados se nos apresenta, sumamente pitoresca, cheia de revelações. E as figuras de Candido Rondon e dos seus companheiros, os que sucumbiram pelo caminho e os que foram até ao fim, aqui ressaltam e se revestem de glória como no panegirico mais altisonante ou na mais ardente epopéia.

DISCURSOS E CONFERENCIAS, de Daniel de Carvalho — Civilização Brasileira S. A. editora, Rio de Janeiro e São Paulo, 1941.

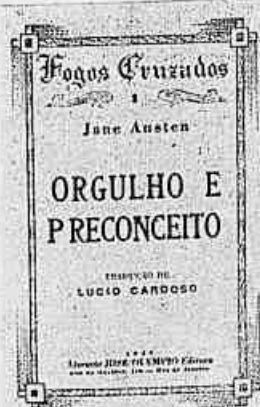
Encerra este volume, além de quatro conferências sobre temas sociais e políticos, discursos proferidos pelo sr. Daniel de Carvalho em várias solenidades ou assembleias em que a sua presença era reclamada e a sua palavra devia esclarecer, orientar, consagrar.

Algumas vezes ele se dirigiu a estudantes na cerimonia da formatura, e foi porventura aí que a sua eloquência mais se alteou e teve mais longo alcance. Parainfo eleito por aqueles moços que se batizavam para o trabalho, para a luta, para os triunfos e os revêses da vida a enfrentar no dia seguinte, começou sempre por se confessar commovido e dalgum modo receoso. Avaliava a excelência da sua missão e o vulto da sua responsabilidade. O momento lhe infundia o respeito mais profundo e mais grave, aquele em que a pessoa se julga com pessimismo a si própria, medindo-se pela ansia que a possui de atingir uma forma de sublimidade. Mas, nas orações do sr. Daniel de Carvalho, em breve tal sensação se converte, com o desenvolver das idéias e o suceder das frases, em ardor e arrebatamento. O tribuno fala aos seus jovens ouvintes como um pai ou um mestre que fosse ao mesmo tempo o companheiro mais entusiasta. Hombreira com eles, fraternalmente; vai com eles, cheio da sua força e da sua esperança, em plena mocidade e ao sol maravilhoso da ilusão.

Assim o sr. Daniel de Carvalho pratica a oratória, sentindo bem os conceitos que cada assunto ou cada auditório lhe merece e deixando que o estilo derive naturalmente da veemência da emoção. Nos seus transportes de eloquência não se encontra nunca o cálculo do efeito, nunca o propósito teatral. Eis um dos bem raros oradores, a respeito dos quaes ainda se pode falar de inspiração. E é em surtos duma acrisolada, estreme sinceridade que ele propaga e ensina "o amor da Terra, o amor da Família, o amor da Pátria, o amor de Deus!"

ORGULHO E PRECONCEITO, romance de Jane Austen, tradução de Lucio Cardoso — Livraria José Olympio, Editora, Rio de Janeiro, 1941.

É o caso dum joven aristocrata, riquíssimo, orgulhoso na razão direta da estirpe e da fortuna, e o qual, por isso mesmo, se julga isento do destino de amar como toda a gente. Quando se sente inclinado a afeiçoar-se deveras a uma donzela da burguezia, embora da mais seleta burguezia, o fidalgo revolta-se contra os seus proprios sentimentos e procura por todos os meios e modos dominá-los. Com o tempo vae, porém, verificando como essa luta se torna cada vez mais difficil e menos sensata. As discussões em que o seu espirito teimosamente se empenha só servem, afinal para o convencer, a ele mesmo, da inutilidade de tantas convenções e tantas palavras. Octave Feuillet havia de imaginar, quasi meio século depois, (*Pride and prejudice*, agora brilhantemente traduzido pelo sr. Lucio Cardoso, appareceu no segundo decênio do século XIX) o caso inverso daquele no famoso *Roman d'un jeune homme pauvre*, em que a fidalguia, a opulência e o preconceito estão do lado da mulher. Anteriormente, porém, aos dois romancistas, já reinavam na literatura, como na vida, os principios incombateveis da paixão, e outros axiomas depois se estabelecerem sobre a eterna verdade. O amor tudo vence... O coração tem razões que a razão desconhece... O coração governa... E ao heróe de Jane Austen acontece como a todos os outros, numa evolução que se estende por muitas páginas através de quadros e cenas em que a autora estuda e comenta com uma independência então considerada audaciosa, escandalosa até, a vida inglesa do seu tempo.



T. TARQUINO

Reverosa

DE GALLY

COLEÇÃO REVEROSE de GALLY

sonho rosado dos perfumes que se tornou realidade!

EXTRACTO Nº 1330 C/CX. Nº 1317 C/CX.

PO' Nº 1350

LOÇÃO Nº 1320 Nº 1321 Nº 1322

COLÔNIA Nº 1300 Nº 1301

BRILHANTINA Nº 1312

EXTRACTO Nº 1300-F Nº 1301-F Nº 1302-F

EXTRACTO Nº 1332 C/CX. Nº 1332 S/CX. Nº 1332-M

A' VENDA EM TODO O BRASIL

A opinião de Plínio Barreto sobre "Assim falou Polidoro"

"Polidoro é uma criação de João Luso. É como se diria, nas secções políticas dos jornais, o seu mais autorizado porta-voz. É ele quem se encarrega de nos dizer as coisas que João Luso, por um motivo ou por outro, não quer dizer pessoalmente:

Criatura de João Luso, Polidoro tinha que ser, fatalmente, um indivíduo interessante no qual a inteligência e o coração vivessem em luta permanente para ver qual dos dois conquistava a gente mais depressa. Como João Luso, Polidoro sabe fazer vibrar todas as cordas humanas e é senhor de um estilo claro, limpo e harmonioso...

Polidoro mantém as melhores relações nas rodas literárias e sociais. De umas e de outras apresenta-nos vários tipos representativos dos quais nos conta anedotas características e lembra frases significativas. Polidoro também reflete por conta própria e, para felicidade do leitor, não é avaro das suas reflexões. Aqui vão algumas delas: "Dizia-me outro dia uma senhora, por sinal das mais sensatas que até hoje tenho conhecido: — As injustiças que fazemos aos nossos maridos constituem a legítima desforra das faltas que eles realmente cometem e nós ignoramos".

Aludindo às dansas de hoje, nota: "Ainda há trinta, há vinte anos, se observavam, dansando, normas de polidez, de gentileza, que nenhum outro exercício ou jogo requeriam. A dansa permanecia uma escola de elegância. E não havia meio de Mr. Jourdain aprender a dansar. Hoje tudo dansa. Dansando o mais ignorante e grosseiro se iguala ao mais aprimorado e culto. Nada distingue o burguez do gentilhomem. Mr. Jourdain manda à fava o seu professor de dansa... e de boas maneiras, agarra a primeira dama que encontra desocupada, gruda-a ao peito, remexe-se com ela — e está certo! A jus-

teza das duas anatomias e a balburdia habitual da sala tornam perfeitamente supérfluo qualquer cuidado de correção. Os homens tratam as senhoras como iguais. Já lhes não solicitam, nos termos clássicos que pareciam eternos, a "honra" ou o "prazer" de uma dansa. Já lhes não pedem coisa nenhuma. Daqui a pouco, passarão elas a rogar aquele "prazer", aquela "honra" ou o "prazer" de uma.

As reflexões de Polidoro são de todo feitas: jocosas, sarcásticas, maliciosas, severas, e, frequentemente, engenhosas. Eis uma a respeito de um pai inteligente, cuja prole saiu exatamente o contrário: "Parece impossível que um homem tão inteligente tenha arranjado filhos tão burros. É o cúmulo do egoísmo".

Vai outra sobre a estupidez dos homens nas suas relações com as mulheres: "As mulheres verdadeiramente interessantes não são as que nós queremos, mas as que nos querem, a nós. Infelizmente, os homens são tão estúpidos que entendem sempre o contrário!".

Polidoro sabe encerrar, em poucas linhas, boa dose de psicologia e sensibilidade: "No momento de nos despedirmos, a criatura estendeu-me a linda mão e ofereceu-me a sua amizade... — Não! respondi. — Prefiro mil vezes a saudade que levo de você".

Outro exemplo: "Disse-me, hontem, uma mulher: — Mas como você está ainda bem conservado!". Estou frito!"

A ironia de Polidoro é delicada mas chega às vezes, a ser ferina: "Aquele uma senhora de sociedade? Talvez... de sociedade... anônima!"

Ou ainda: "Ah! isso é sabido! Quando uma declamadora falha, imediatamente se faz professora de declamação".

Para concluir, esta opinião sobre a vida: "Palestrando num grupo de amigos, Ubaldo Rodrigues, esforçado propa-

gandista da república, cidadão dos mais puros, chefe de família exemplaríssimo, assim rematou, singelamente, sem nenhuma pretensão filosófica uma série de considerações sobre a vida: — "Em suma tudo o que, nesta vida, dá verdadeiro prazer, ou faz mal ou é pecado".

Não afirmo que os trechos citados sejam os melhores. Fui recolhendo-os ao acaso, folheando o livro depois de o haver percorrido com um prazer que a leitura dos livros contemporâneos raramente proporciona. Outros haverá, talvez, mais profundos. Não importa. O meu empenho não é o de apontar, nas falas de Polidoro, o que elas contêm de mais expressivo e duradouro. É simplesmente o de aguçar no espírito do leitor a curiosidade de as ler, uma por uma.

Polidoro teve, na vida, alguns amigos que também foram meus e deles faz perfis encantadores e narra historietas deliciosas. Quem ver como um desses amigos lhe surge nas falas carinhosas? — "O Diário de Santos" funcionava ao rez do chão, num prédio térreo da rua do Rosário junto ao largo do mesmo nome. As janelas da redação ficavam a tão pouca altura da rua que qualquer pessoa, de fora, debruçando-se no peitoril, podia conversar conosco. Ora, havia um rapazinho, um criança, que, passando a caminho dum colégio ou ginásio próximo, frequentemente ali se detinha, com os livros debaixo do braço, para nos dizer coisas arrebatadas e maravilhosas. E parece que estou vendo e ouvindo no dia em que ele assomou, de face rubra, flamejante, à nossa janela, com esta revelação tremendíssima: — Venho alucinado! Acabo de ler uma revista de São Paulo, cujo título nem profiro, porque ela não o merece, uma poesia a que o autor, ingrato até à inconsciência, estúpido até à blasfêmia, dá a designação de balada. Mas balada, como, ó bárbaro, si o número e a disposição das estrofes não obedecem à lei soberana, iniludível do gênero?"

E Polidoro recorda as frases inflamadas em que o menino definia a balada, celebrava os que, como Bainville, extinguiram o "abuso infame das liberdades poéticas" e, como Rostand e Mendès, "souberam introduzir no florentinismo absoluto da forma o divinal aticismo da idéia", concluindo, por uma solene profissão de fé na religião suprema do verbo: "Tudo pela arte, mais bela que o amor, mais necessária que a vida, mais

vasta que o universo e acima de todos os infinitos! Excelsior! Excelsior! Excelsior! Mas... que horas são? "O" diabo! Já vou chegar tarde à aula de português!"

Quem é esse menino? Martins Fontes". Estou certo de que não faltando ou vintês para as falas de Polidoro não faltarão leitores para o livro em que João Luso reuniu essas falas. Apesar de tudo o que se vê e do que se ouve, hoje, ainda é bem grande o número dos que amam as cousas belas da inteligência e as cousas doces do coração.

Plínio Barreto".

(Do "Diário de Notícias", de Porto Alegre, Rio Grande do Sul).

Males da época

A civilização trouxe, a par de grande benefício, também grande prejuízo para a humanidade. Nesta época da velocidade, nem todos os pobres mortais conseguem adaptar-se às novas contingências tumultuosas e exaustivas. Em consequência, reina um sem número de vítimas, dando impressão de **epidemias de nervosismo** sobretudo nas grandes capitais.

Muitas vezes esse nervosismo ocorre em pessoas aparentemente sadias, mas com desordens do metabolismo celular. Para estes casos basta, muitas vezes, o repouso de algumas semanas, um regime adequado, ou mudança de clima, para corrigir o estado psíquico. Casos há, entretanto, em que é suficiente estimular o metabolismo celular por um medicamento fosfórico para que **tudo entre nos eixos**. Neste sentido, o melhor medicamento é o Tonofoslan da Casa Bayer. Ele levanta as energias perdidas, com o uso de poucas injeções, fazendo desaparecer as manifestações erroneamente capituladas por "nervosismo ou neurastenia".

Gregos e romanos sublimaram a amizade. Deram-lhe vida alegórica na consagração de estátuas. Entre monumentos da Hélade, a Amizade era figura de peito nu até o coração sobre o qual pousava mão direita. Os romanos, a exemplo grego, davam forma humana aos maus sentimentos. Expunham-os na hediondez, assim a Calúnia. Inspirara esta a Apelles primorosa alegoria ao mostrar êle a Inveja, precedendo a Calúnia qual guia infame, enquanto aquela pelos cabelos arrastava a Inocência, para que longe, lenta se visse a Verdade caminhando a combater a Calúnia.

Dissipou-se a pungente alegoria apélica. A estátua da Amizade em Roma saía a figura por uma jovem, de vestes alvas, a dextra apertando o coração. Flôres a enfeitavam e a corôa delas trazia as palavras *Inverno e Verão*. Na túnica da Amizade viam-se estas outras palavras: *Morte e Vida*. Sobre o coração da figura novas palavras: *De perto e de longe*. Impossível é melhor resumir as verdadeiras afeições, que até a saudade conserva vencendo o túmulo na crença do Além.

Brasileiro houve de constante culto á amizade, sabendo-a inverno e verão, morte e vida, de perto e de longe. Tal brasileiro, Luiz Alves de Lima, o mesmo que nas grandezas do mundo foi o barão, o conde, o marquês, o duque de Caxias. Nele a amizade saía de lar próprio para rumo de lares alheios, no estimar ou acudir.

Ao residir Caxias na rua do Andaraí Pequeno, ou Conde de Bonfim, servia-lhe de sargento escriturário um militar que no exército nacional cópia de serviços alcançava ao marechalato com muita distinção, até científica. Na época de sua elevação ufanava-se por ter sido designado para em subalternidade obedecer a Caxias.

Contou-nos o jovem sargento, quando velho marechal, muita coisa interessante da vida de Caxias portas a dentro. Referiu que no fundo da residência do grande capitão se estendia uma horta. Tanto tinha de extensa quanto de opima, recompensando á farta o trato a ela dispensado. Os produtos todos da horta eram repartidos entre a mesa da gente de Caxias e a de muitas outras famílias de oficiais privadas de chefes, ou por afastamento temporário ou sobretudo por morte deles. A repartição era feita presente ou ausente o dono da casa.

Quem procedia deste modo como senhor era escravo da amizade, dedicada aos seus e a outrem. A correspondência doméstica ou amistosa de Caxias o atesta. Cartas dele á mulher, d. Ana Luiza Carneiro Viana, em solteira, começavam por tratamentos carinhosos, como *Meu Bem*. A missiva em que o marido anunciava á cónjuge a vitória de Santa Luzia, principiava por um *Minha Querida Anicota*, tratamento igual em carta de Tuynçuê, a 8 de Agosto de 1867, na qual Caxias tanto se refere á guerra como á amizade. Recomendava á mulher: "Mande logo visitar o nosso Manuel Feliciano (o eminente cirurgião do corpo de saúde do Exército) que levará talvez uma cartinha minha. Saudades á nossa gente de casa e á minha mana (a baronesa de Suruí)."

No corpo da carta de Tuynçuê dizia Caxias á esposa: "no Rio de Janeiro pensam coisa muito diferente da realidade; as dificuldades são muitas; não ha cavos, não ha bois, e o terreno he todo cheio de brejos, lagoas e matos, q. ajudão m.to a q.m. o defende".

Caxias, fazendo voltar á côrte o "bom amigo Manuel Feliciano, que apesar de doente o quizera acompanhar por força" era levado por um forte sentimento de amizade.

Na família tal sentimento em Caxias ia ás filhas, aos genros, ao irmão, o visconde depois conde de Tocantins. A este sempre testemunhou Caxias em público quanto lhe devia por intervenção militar oportuníssima no combate de Santa Luzia, vitória contra os revoltosos mineiros de 1842.

Aos parentes e amigos mais do peito Caxias aquinhovava epistolarmente com o possessivo *meu*. "Meu Manuel Carneiro", dizia nas cartas ao genro, o visconde de Ururá, o grande agricultor de Quissamã.

A amizade de Caxias era recomendação em qualquer parte; mormente no Exército, servir com êle ambição de muitos. Para os que correspondiam ao seu aprêço e confiança, Caxias reservava inabalável amizade.

Podemos dizê-lo, de ciência própria, na lembrança de ente querido, o barão de Escagnolle, Gastão Luiz Henriques d'Escagnolle, nascido no Rio de Janeiro a 16 de Abril de 1821. Descendente de não poucos soldados, filho do conde d'Escagnolle, coronel ao serviço do Brasil, falecido em S. Luiz do Maranhão no comando de armas, Gastão d'Escagnolle cedo se alistou no Exército pátrio. Fé de ofício atesta haver êle começado vida militar a 1.º de Janeiro de 1837, "por ter assentado praça de menoridade em 12 de Outubro de 1825, como 1.º cadete no 4.º batalhão de caçadores". Alferes em 1829, aluno da Escola Militar, em Dezembro partia o já 2.º tenente Gastão d'Escagnolle "para a provincia do Maranhão, ás ordens do presidente nomeado para a dita provincia o Coronel Luiz Alves de Lima".

Data daí a recíproca e funda amizade entre chefe e subordinado, promovido este a 1.º tenente graduado "por serviços em explorações e combates". Da sua permanência no Maranhão, onde S. Luiz lhe acordava tanto memória paterna, conservou Gastão d'Escagnolle perene saudade devida aos maranhenses carinhosos no amparo moral de mãe viúva do ajudante de ordens de Caxias.

Em 1842 o tenente Escagnolle era "mandado marchar em expedição para a provincia de S. Paulo", ás ordens do brigadeiro Barão de Caxias, comandante em chefe das forças de operações para a pacificação da dita provincia". No mesmo carater seguiu o tenente Escagnolle para Minas sublevada, "elogiado pelas ações de valor que praticou no combate de Santa Luzia, promovido a tenente efetivo e passado para o corpo de Engenheiros".

Em breve o tenente Escagnolle recebia ordem de marchar "em expedição para a provincia do Rio Grande do Sul", ás ordens do Marechal de Campo graduado

Escagnolle Doria Velhas Amizades

Barão de Caxias nomeado comandante em chefe do Exército em operações na dita provincia e presidente dela".

O laconismo das repetidas expressões textuais da fé de ofício deixa entrever quanto a confiança do coronel, do brigadeiro, do marechal de campo Caxias não esmorecia.

Tornados ao Rio de Janeiro, o tenente Escagnolle concluía estudos na Escola Militar e recebia os três galões de capitão graduado. Em 1844, sublevada a provincia das Alagoas, o capitão Escagnolle, pertencente ao estado maior da 1.ª classe, considerado científico, foi a Alagoas, aí ajudante de ordens do general Seára, possível e sabido na indicação o dedo de Caxias, não querendo bom auxiliar e confiança só para si.

Major em 1852, Gastão d'Escagnolle continuou a ser distinguido, cabendo-lhe comissões de responsabilidade quais as das fortificações de Mangaratiba, de vice-diretor do Arsenal de Guerra da Côrte. Condecorava-o já com o hábito de Aviz só concedido a oficiais com vinte anos de serviço sem nota de espécie alguma. A fininha verde não ia a qualquer.

Tenente-coronel em 1865, Gastão d'Escagnolle se viu incorporado ás forças em operações em Mato Grosso invadida por paraguaios. Afogado de progressiva surdez, não tendo colhido resultado nem dos melhores especialistas europeus, o tenente-coronel Escagnolle foi compelido a deixar o serviço das armas, com a maior magua de Caxias em cujo estado-maior, dados os precedentes, sem dúvida estaria quando o general invencido comandante em chefe do nosso exército oposto a Lopez. Gastão d'Escagnolle, então com quarenta e quatro anos, vigoroso como foi até fim de vida, figuraria mais uma vez junto de Caxias no Paraguai. Presume-se que, com tal chefe e bons serviços, houvesse subido ao generalato, cortado entretanto pela sorte brilhante e apreciada carreira.

Resignou-se Gastão d'Escagnolle e á natural tristeza interior deu feição de filosofia amável. Adotou nova carreira, tornou-se agricultor em Teresópolis, onde deveria haver via pública com o seu nome, pois Gastão d'Escagnolle soube tornar o seu sítio de S. Luiz não só ponto de produção para a localidade como de atração para viajantes estrangeiros.

"Em Teresópolis, ha fazenda chamada de S. Luiz, a extraordinária beleza do sítio e mais ainda a hospitalidade do dono tornaram o local pouso predileto de viajantes. Os jardins da fazenda são desenhados com muito gosto, e o sr. d'Escagnolle conseguiu ali cultivar frutas e legumes, não só da Europa como do Brasil."

Eis como se exprimiu Agassiz em 1869, para que Walthère de Selys-Longchamps em 1875 ao lembrar-se de Teresópolis declarasse ser "o dono da fazenda de S. Luiz bem conhecido pela sua amabilidade tradicional para com todos os viajantes".

O hospitaleiro deixou Teresópolis, quando nomeado administrador da floresta da Tijuca bem carioca. Era simples transferência de natureza, da de Teresópolis passando o amigo das plantas á da Tijuca.

Gastão d'Escagnolle cuidou da floresta como tratava o seu sítio de S. Luiz. Pouco deixando a Floresta, por saber quanto administrar é presença, em breve Escagnolle conheceu os menores pontos da mataria confiada ao seu zelo. Descobriu-lhe recantos como o *Excelsior*, nome que lhe inspirou a poesia de Longfellow, batizou a gruta de *Paulo e Virginia*, na lembrança da novela célebre, não deixando a ninguém providenciar sem êle ou antes dele.

A par dos deveres de administrador cuidava Gastão d'Escagnolle, o tenente-coronel dos seus soldados de outra espécie, os trabalhadores da Floresta. Exigia e premiava, animando-os no labor, verificando-lhes os serviços diários, acudindo-lhes nas suas necessidades. Também para os trabalhadores da Floresta a palavra do Barão era ordem sem replica.

Em 1880 um decreto tornou o tenente coronel Gastão d'Escagnolle barão d'Escagnolle. A graça não alterou o homem, só os vilões se enfunam de vara na mão.

O administrador da Floresta da Tijuca continuou a hospitalidade do proprietário do sítio de Teresópolis, êle um dos seus antigos habitantes da serra dos Orgãos.

Na modesta se bem arranjada vivenda do administrador da Floresta, todos, grandes ou pequenos, recebiam boa acolhida, o dono da casa auxiliado pela esposa, senhora para a qual a arte de receber e agradar visitas não tinha segredos, a baronesa d'Escagnolle conhecendo á maravilha e praticando.

D. Pedro II, e tudo quanto foi escol do Segundo Reinado, visitou a viveanda da Floresta. Aí, no sítio da solidão, costumava passar tempos, sobretudo para trabalhar melhor, o visconde do Bom Retiro tão caro a Gastão d'Escagnolle. Nem faltou Caxias entre visitantes do seu antigo ajudante de ordens. A todos o administrador da Floresta não se cansava de exaltá-la, bem como as suas queridas árvores. Muitas Gastão d'Escagnolle plantara para vêr progredir no trabalho árduo, lento e seguro característico das obras da natureza, seguisse-o sempre o homem, o tonto de nascença.

Nos últimos tempos de vida, alquebrado, enfêrmo, Caxias residiu em casa de ângulo no largo da Boa Vista, caminho da Cascatinha Taunay. Nunca lhe faltaram visitas e carinhosas solitudes do barão d'Escagnolle, até incorporar-se êste ao séquito que acompanhou o grande general á sepultura nos altos do cemitério de Catumbi.

Oito anos depois um incêndio de vulto ameaçou a Floresta da Tijuca. Ao lado do sempre valoroso Corpo de Bombeiros achava-se o barão d'Escagnolle auxiliando sem medir forças os serviços de extinção. Foi-lhe isto fatal á saúde abalada. A 18 de Abril de 1888, o barão d'Escagnolle deixava existência. Antigo militar morria mais depressa ainda por ter combatido, ainda por ter entrado em fogo.



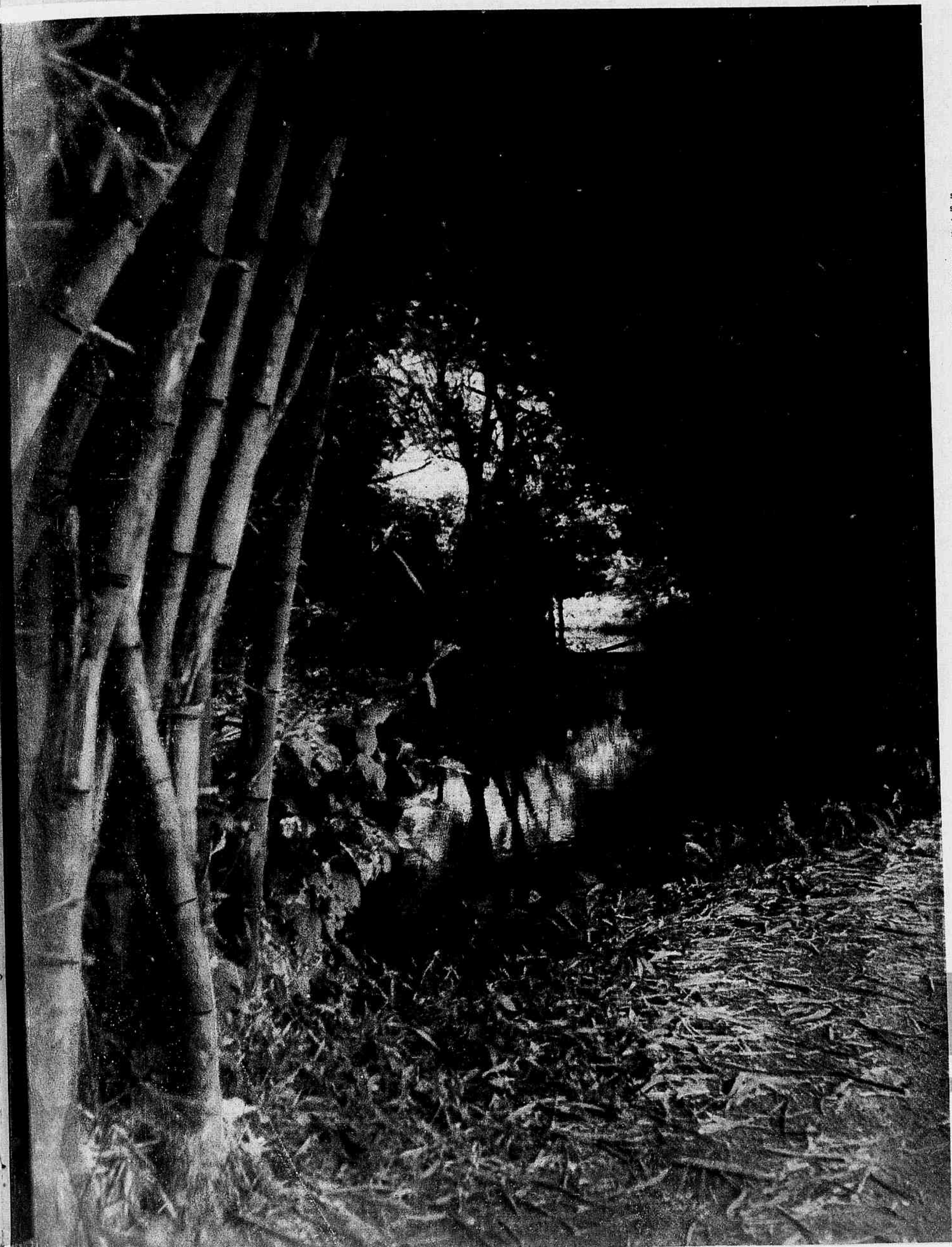
O Duque de Caxias (1803-1880).



O Barão d'Escagnolle (1821-1888)

BAMBÚ — A GRAMÍNEA ARQUITETURAL

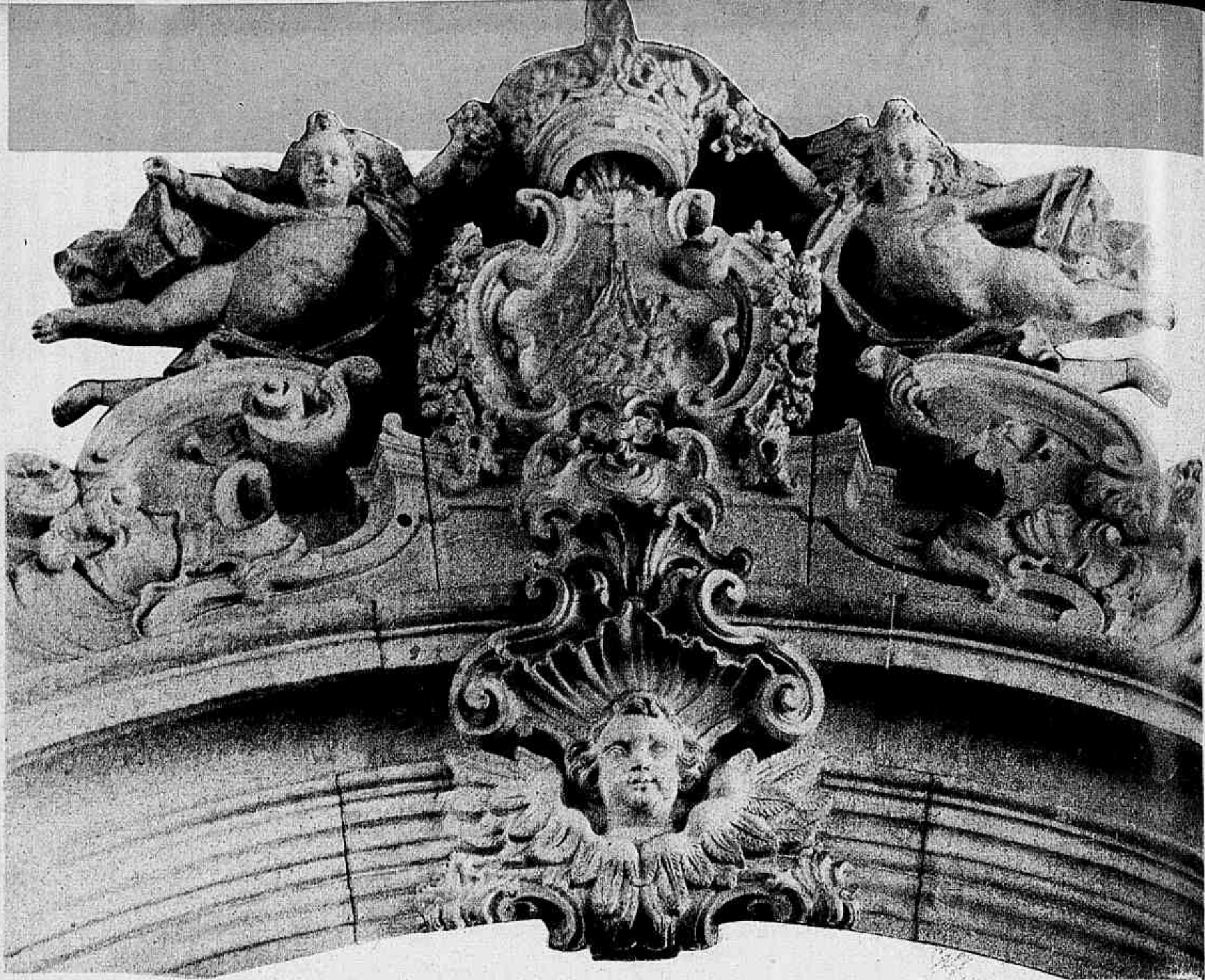
(FOTO ALEXANDRE
BERZIN - Recife)



A Natureza tem seus caprichos apresentando algumas vezes vegetais conhecidos sob aspectos desconhecidos, quasi sempre encantadores. Em Pernambuco, por exemplo, há este plácido rio passando por um caramanchão natural feito por bambús que se entrecruzam e formam um tunel, guarda ideal para casais românticos de namorados. Parece até que a mão humana andou dando uns retoques ou mesmo construindo-o, quando é obra unicamente da Natureza.

São comuns em nossa terra exemplos dessas gramíneas formarem um recanto delicioso, uma paisagem diferente das outras pela cor excessivamente verde e pelas paredes de canudos ajustados ao acaso, fechando o pequeno rio. Os habitantes das proximidades o aproveitam para picnics e muitos papais e mamães se conheceram ali pela primeira vez.

Quando o sol o ilumina fortemente os reflexos das folhas e dos caules laminados dão-lhe um aspecto de recanto oriental ou de pedra preciosa. Mas com a chegada lenta da tarde ele vai se transformando num bosque bucólico, num lago sentimental. É esse o seu destino e é por isso que os recitenses o amam.



A ARTE COLONIAL DE MINAS ESTA' NO RIO

Muitos cariocas nunca puderam ir a Ouro Preto, Mariana ou São João d'El-Rei ver os prodígios de arte barroca ali criados nos tempos coloniais. Muitos brasileiros que vêm de vez em quando ao Rio também nunca tiveram oportunidade de ir contemplar os trabalhos do Aleijadinho e de outros santeiros e arquitetos mineiros.

Mas será possível que continue a existir um tão grande número de pessoas sem possibilidades de ver e compreender um dos maiores esforços criadores de nossa terra? Não. Não é possível. Foi o que decerto pensou o dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do S. P. H. A. N., técnico competente nos problemas de História e de Cultura Artística brasileiras.

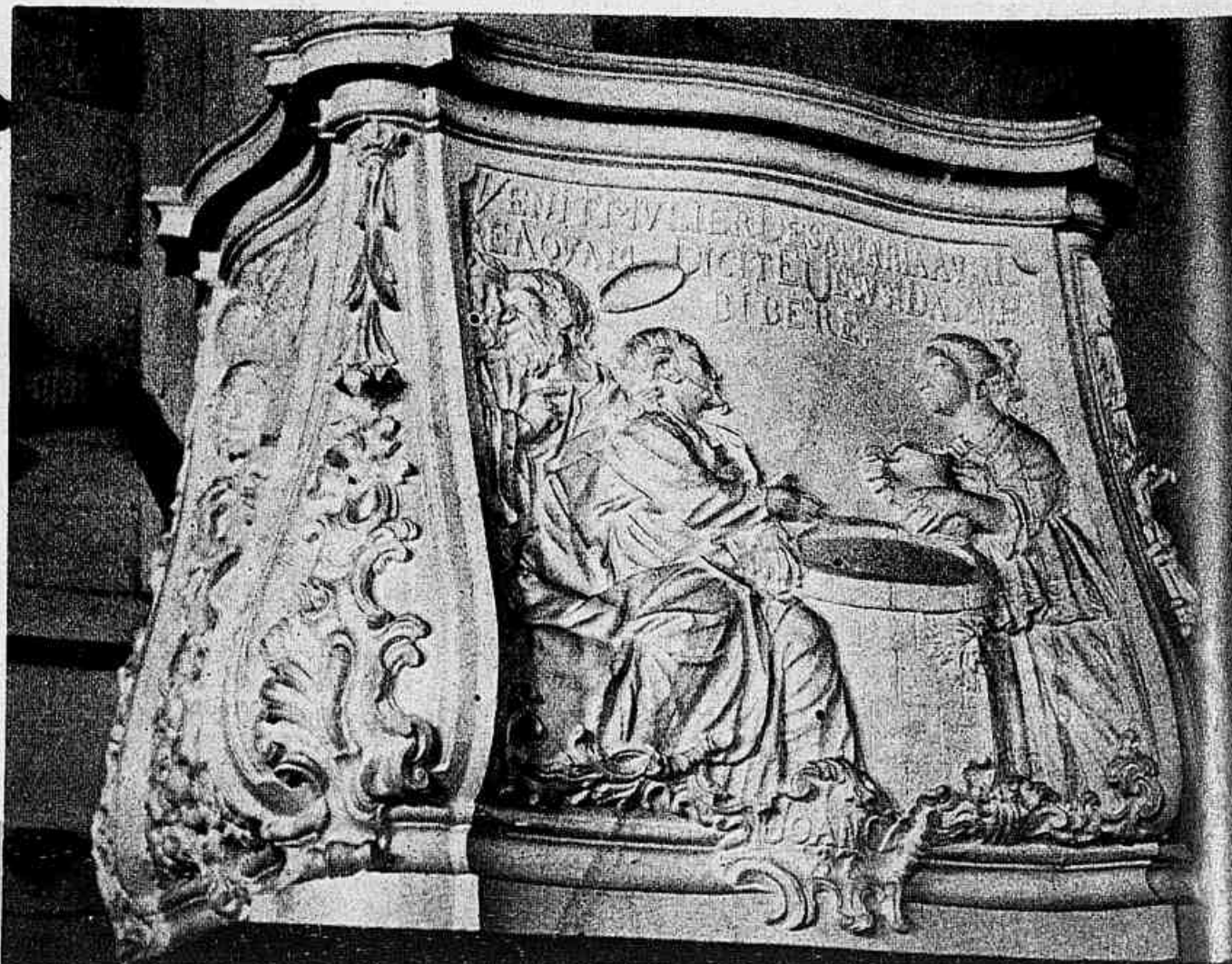
Não se podendo levar as multidões à cidade de Ouro Preto, a única solução plausível é trazer a sua arte colonial para as multidões do Rio. É esta obra que está sendo realizada aos poucos e dentro em breve será uma realidade surpreendente. Poder-se-ão contemplar então os pórticos das igrejas de São Francisco de Assis ou de Mercês de Cima, os púlpitos que o Aleijadinho fez para a igreja do Carmo em Sabará e outras obras de arte em plena capital da República, no futuro Museu de Moldagens.

COMO SE TRANSPORTA A ARTE DE UM LOCAL PARA OUTRO

Mas não se assustem os ouropretanos, que as obras de arte existentes na sua lendária cidade conservar-se-ão intactas, pois o S. P. H. A. N. não vai retirá-las de onde estão afim de transportá-las para o Rio. Seria despir um santo para vestir outro, além de ser contra-indicado pela norma moderna de proteção aos monumentos históricos ou artísticos, os quais devem ser conservados, quando possível, no meio ambiente em que foram produzidos.

O que se está fazendo é uma coisa comum na Europa e inédita em nosso país. Moldagens de esculturas e trabalhos de arquitetura. Porque para um esforço educacional tem o mesmo valor o original ou a mesma obra em moldagem.

Constituiu uma grande surpresa para nós quando há dias atrás soubemos que em local provisório estavam guardadas pelo S. P. H. A. N. as moldagens já feitas





em Minas, principalmente de trabalhos do Aleijadinho, as quais são cópias exatas em gesso sem a menor diferença dos originais.

O técnico de moldagens do "Serviço do Patrimônio Histórico", sr. Eduardo Tecles, as vem fazendo no próprio local. Quando estão acabadas, são remetidas para a nossa cidade, onde presentemente se acham o pórtico da igreja do Carmo de São João d'El-Rei e o da igreja do Carmo de Sabará, os púlpitos desta última, o motivo principal do pórtico da igreja de São Francisco de São João d'El-Rei, os 12 profetas de Congonhas do Campo, entre outras.

Moldagens no próprio local é a primeira vez que se fazem no Brasil. E' verdade que, quando a igreja da Cruz dos Militares pegou fogo, foram realizadas algumas moldagens; mas as peças foram retiradas e o trabalho foi realizado em cima da banca, o que é muito mais simples e requer uma técnica mais fácil.

VISITANDO A ARTE COLONIAL MINEIRA EM VILA IZABEL

Fomos a Vila Izabel, ao local em que provisoriamente estão recolhidas as molda-



O sr. Alfredo Tecles mostra a forma das mãos de um dos profetas de Congonhas do Campo.

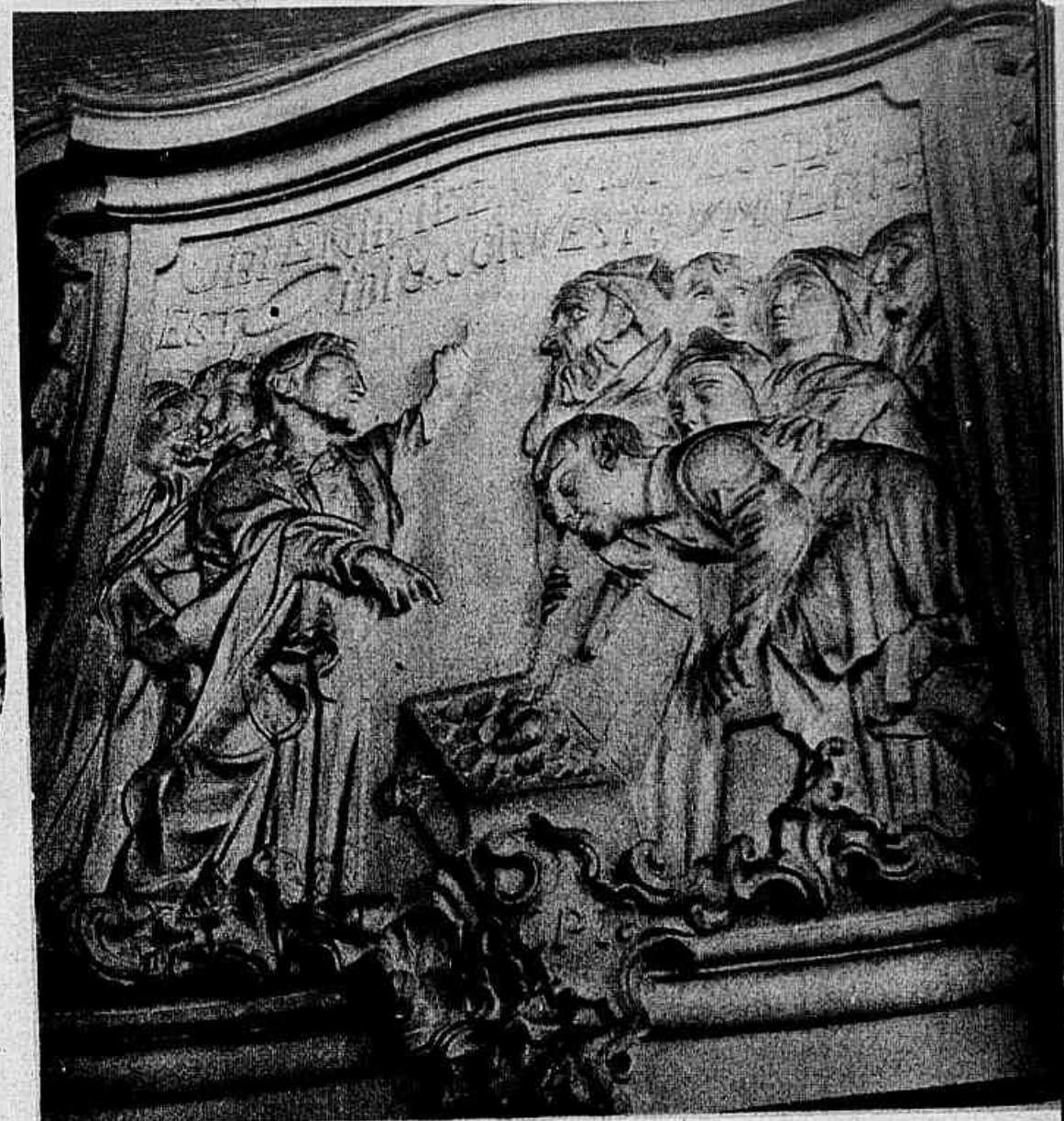
gens citadas. E' assombrosa a impressão que nos dá a grandiosidade do nosso barroco colonial, da obra do Aleijadinho, vista toda em gesso branco, uma peça ao lado da outra. O futuro museu do S. P. H. A. N. será um museu digno de ser admirado por quem quer que seja.

Eduardo Tecles nos explicou como se faz uma moldagem desse tipo. Pode ser executada por diversos processos, mas o melhor é o da "fôrma-tacel". Coloca-se na superfície da escultura uma série de pequenos pedaços de cera até ela ficar coberta. Com lapis tinta numeram-se os "taceis", afim de quando forem retirados se conhecer a sua ordenação. Faz-se em seguida uma *capa* de gesso armada em ferro, para manter a unidade dos pedaços tirados de sua posição.

Quando se tiram a "capa" e o "tacel", obtem-se o negativo ou fôrma do original. Despeja-se o gesso, operação denominada "fundição" e se obtem a moldagem completa. Entre um "tacel" e outro dá-se nesse momento uma retração que produz uma espécie de teia de aranha, eliminada depois. A cera é o material escolhido afim de se evitar ranhuras no original.

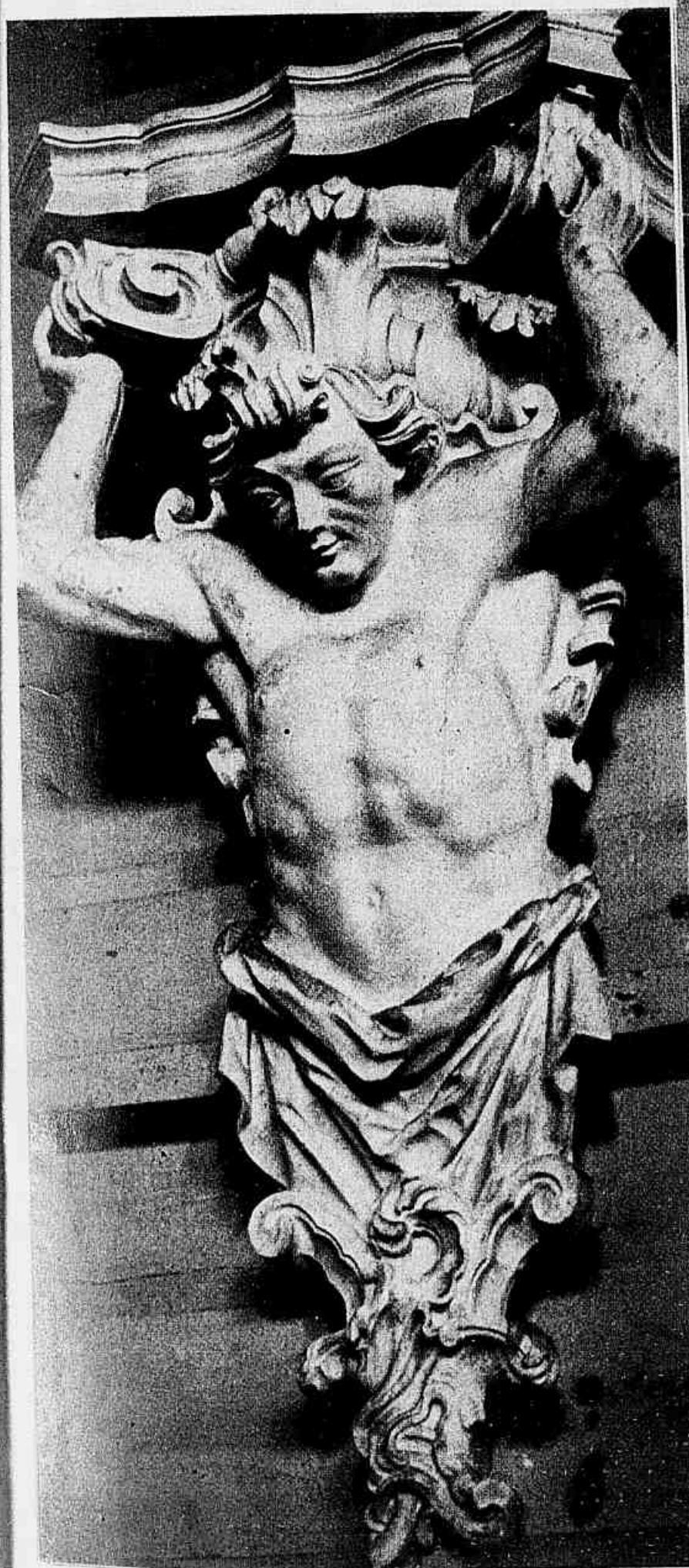
De cada trabalho o sr. Eduardo Tecles apresenta um relatório, no qual, além de contar o que fez, deve dar uma apreciação pessoal sobre a escultura ou sobre qualquer outra observação feita. E' uma norma de trabalho do S. P. H. A. N. que nos mostra como ele é bem organizado e como procura a cooperação pessoal de todos os seus funcionários.

O sr. Tecles vive há quatro anos nos mesmos lugares em que viveu o Aleijadinho e aprecia diariamente as suas obras, tendo feito observações bem curiosas. Notou, por exemplo, que esse nosso artista



tinha uma maneira especial de trabalhar os lábios, as pupilas e as lágrimas saindo do canto dos olhos. As mãos dos profetas, disse-nos ele, apresentam características existentes nas de pessoas que tiveram reumatismo deformante. Acrescentou que os santeiros coloniais não trabalhavam com modelos e por isso de vez em quando olhavam partes de seu próprio corpo.

Quanto ao monumental pórtico da igreja do Carmo de São João d'El-Rei, cujo risco é do Aleijadinho, apresenta, na sua opinião, três fases diferentes de trabalho. A primeira vai das três cabeças ao arco e não possui



sinais duma intervenção do Aleijadinho; a segunda compreende toda a parte superior, do arco para cima, devendo ter sido feita por discípulos do escultor. (Nela aparecem a cabeça da Virgem e a de Jesus com as mesmas feições, cousa que Aleijadinho não faria). A última parte é a cabeça do Padre Eterno, trabalho característico pela força de expressão do nosso grande artista colonial.

Nas cidades mineiras continua esse trabalho do máximo interesse para os estudiosos e para a cultura nacional. Já foi terminada a moldagem do lavabo da sacristia da igreja de São Francisco de Ouro Preto e estão sendo feitas as do lavabo da igreja do Carmo e os pórticos de outras igrejas.

HELENA

Conto de VALENTIM SOBRINHO

Helena tinha trabalhado três anos na casa. Um anúncio pedindo empregada a tinha trazido, no meio de uma avalanche de candidatas. Destacou-se logo pela sua vivacidade, pela grande simpatia que irradiava, pela maneira franca de apresentar-se.

— Nunca trabalhei em escritório, disse, não tenho prática, mas, sim, um desejo forte de trabalhar e necessidade de ajudar minha mãe. Tenho a certeza de que adquirirei prática rapidamente e de que serei útil ao serviço dentro de muito pouco tempo.

— Sabe escrever à máquina?

— Sim... com dois dedos.

— Será preciso que aprenda a escrever com os dez.

— Aprenderei.

Foi aceita. Ganhou, de comêço, cem mil réis por mês.

Mas Helena fez prodígios. Em um mês, já conhecia o mostruário todo, guardava na memória os preços, a classificação, os *stocks*.

Um pouco morosa à máquina, fazia questão, entretanto, de escrever com os dez dedos, sem errar.

Seu trabalho, apesar de demorado, era seguro e certo. Helena se distinguia, sobretudo, pela sua amabilidade e pela disposição e alegria para o trabalho.

Nas horas vagas, conversava com os companheiros de escritório. Então, falava pelos cotovelos, alegre e brincalhona.

Maurício, o chefe das vendas, era o seu maior amigo e confidente.

Ela lhe falava de sua vida, de seus amores, das suas paixões.

Cada novo namorado era uma nova paixão.

Extremada, Helena se exaltava facilmente, sempre exagerando os seus próprios sentimentos.

— Eu sou morena, sou índia brasileira. E morena, quando ama, ama!

Seus namorados eram sempre rapazes pobres. Às vezes, comerciantes que iniciavam a sua vida, ou funcionários públicos de cargos iniciais.

Não gostava dos endinheirados.

Um comerciante viúvo, riquíssimo, freguez da casa, começou a fazer-lhe a corte. Ela o repeliu delicadamente, sem magoá-lo, sem ferir o seu amor próprio.

Felix, o guarda-livros, habituado a lidar com algarismos, censurava-a e dava-lhe conselhos.

— Rapariga doida — dizia. — Pobre como rato, trabalhando para ajudar a mãe, corre com uma oportunidade destas. Pensas que a vida é sopa?

— Mas eu não gosto dele...

— Não gostas dele? E gostas desses franguinhos que andam por aí, sem eira nem beira, ganhando trezentos mil réis por mês e com uma esperança muito vaga de acesso... daqui a dez ou vinte anos?

— Eu não me vendo, Felix. Hei de casar-me com um rapaz pobre, mas a quem ame de verdade. A felicidade não está no dinheiro, ouviste?

Um dia apareceu, toda alvoroçada, anunciando que tinha descoberto, enfim, o seu ideal.

— Desta vez, é definitivo — explicava. — Caso-me.

E' um amor às deveras, o maior amor da minha vida.

— Todos os teus amores são, sempre, "o maior amor da tua vida" — disse Maurício.

— Este é.

— Quanto ganha? — indagou Felix.

— Seiscentos mil réis. E' funcionário contratado do Ministério da Agricultura.

— Menos mal, disse o guarda-livros. — Com os teus trezentos, serão novecentos...

— Nada. Ele não quer que eu continue a trabalhar. E' ciumento.

Felix soltou um berro de indignação:

— Ciumento! E tu, uma rapariga como tu, com esse teu gênio alegre e vivo, expansiva, vais casar com um rapaz ciumento, que não consentirá, sequer, que rias, que fales com ninguém, que cumprimentes os teus conhecidos? Estás doida! Não há dúvida, estás doida varrida!

Helena formalizou-se.

— Oh! ele não terá nada que censurar-me — respondeu.

— Já sei. Não terá razão para censurar-te, porque és honesta, porque és direitinha, porque nunca deste motivo para que falem de ti. Nós, que te conhecemos há mais de dois anos, sabemos, melhor do que ninguém, como tu mereces a consideração que sempre te dispensamos. Um ciumento, porém, será incapaz de reconhecer essas coisas. Para ele, não pode haver honestidade, fidelidade, segurança. Tens sido, sempre, dona e senhora desse narizinho. Independente, confiante em ti mesma, tu te atiraste em campo, quando precisaste, e venceste, fazendo-te estimar pelo teu próprio esforço. Quando vias teus companheiros de escritório abatidos por uma preocupação qualquer, eras sempre tu a alegria da casa, transmitindo aos outros a energia de que precisavam para reanimar-se e não esmorecerem na luta.

E continuou, com tristeza, depois de um longo silêncio:

— Agora, acabou-se. Vais casar-te com um homem que te controlará todos os gestos, todos os passos, todos os olhares. Essa alegria, essa vivacidade que constituiu todo o teu encanto, que faz de ti uma criaturinha estimada de todos, vai desaparecer. Um ano, dois anos, e estarás transformada. Envelhecerás precocemente. Serás outra. Serás uma sombra da Helena de hoje.

De repente, encolheu os ombros. Sorriu.

— Qual! terminou. — Tu não te casas. Esse amor há de ser como os outros. "O maior da tua vida"! Daqui a um mês não te lembrarás mais dele...

Contrariamente ao que se esperava, Helena se casou.



Curto foi o noivado. Três meses depois que ela anunciou a sua nova paixão, convidou os colegas para assistirem ao casamento. Ao mesmo tempo, despedia-se da casa.

E nunca mais a viram. Um ano mais tarde, receberam participação do nascimento da sua filhinha.

Agora, ao cabo de dois anos, surgia ela no escritório, completamente mudada.

Maurício a contemplava e recordava os prognósticos de Felix: "Um ano, dois anos e estarás transformada. Serás uma sombra da Helena de hoje".

Sim, era uma sombra da Helena de outros tempos! Ela percebeu a impressão que havia causado.

— Estou velha e feia, não é? — perguntou.

— Tólices. Não mudaste tanto assim. Percebe-se, apenas, que és uma senhora... e que já vais conhecendo alguma coisa das agruras da vida.

— Si conheço! suspirou.

Ele se lembrou, então, das suas longas confidências de outrora, no café próximo. Iam, todas as tardes, fazer o *lunch*. Média, com pão e manteiga.

Era nessas ocasiões, partindo nos dentes miudinhos o pão alemão, que ela contava as suas coisas. Seus amores. Seus projetos. Seus planos de futuro.

Romântica, sonhava, sempre, com um noivo pobre que a havia de querer muito. Uma casinha bem limpa, bem branca, cheia de vasos com flores e canários sempre a cantar.

Levaria para junto dela a mãe. À noite, depois do trabalho, ele e ela, como dois noivos, arrulhariam, enquanto a velha faria *crochet* a um canto da sala.

— Um noivado — dizia ela. — Meu casamento há de ser um eterno noivado.

Maurício compreendeu que ela teria, agora, como dantes, muita coisa a dizer-lhe.

Notou-lhe a impaciência por desabafar, por narrar-lhe coisas que se adivinhavam muito tristes, da sua vida.

— Vamos lanchar, como dantes? — perguntou.

— Oh, não!

— Por que não?

— E' que...

Mas decidiu-se:

— Pois bem, vamos.

No café, Helena tudo observava, com uma curiosidade saudosa.

Fazia perguntas:

— Que é do Alvaro, aquele garçon gordo, grisalho?

— Alvaro morreu.

— Coitado! Tão bonzinho! Tão atencioso!

— Há seis meses, mais ou menos.

— Olha o José! Como vai, José? Não me conhece mais?

José, um rapagão espadaúdo, aproximou-se. Aparentou os olhos, num esforço de memória.

— Ah, sim! Agora... E' dona Helena, a datilógrafa, não é? Mas está diferente... mais magra...

Helena sorriu.

— Sim, é verdade. Todos me acham mais magra... mais velha...

— Mas, afinal, conta-me a tua vida, creatura. Que é feito de ti? Por onde tens andado? — perguntou Maurício, depois de uma pausa.

— Sabes o que vim fazer no escritório? Pois, pedir emprêgo.

Ele enrugou a fronte e baixou o olhar.

— Que! Será tão difícil assim? — perguntou ela.

— Para ti, não. Para outra qualquer, seria impossível.

— Ficaste assim... pensativo...

— Pensava em ti, na tua vida. Tu te despediste desta casa porque teu marido não queria que trabalhasses. Que mudança foi essa, agora?

Ela sacudiu a cabecinha.

— Hum! Tu te lembras do que Felix me disse, aquela vez? "A vida não é sopa". E não é sopa, mesmo.

E, lentamente, doloridamente, começou a contar.

Nunca tinha encarado o casamento como uma proteção para a mulher. Amorosa, meiga, não queria um marido que lhe trouxesse dinheiro e conforto mas que fosse um companheiro carinhoso na luta pela vida e a quem ela ajudaria com o seu próprio trabalho.

Cada namorado lhe parecia o príncipe encantador dos seus sonhos. Logo se apercebia, porém, do engano, e suas ilusões caíam por terra.

Uns, eram egoístas e lascivos e ela compreendia logo que não procuravam, nela, não a amante fácil filha de viúva, sem perigo de vinganças de pais ou de irmãos. Outros, não passavam de bonequinhos bem vestidos, nulos e estúpidos, inferiores a ela, moral e intelectualmente.

Aurélio, funcionário do Ministério da Agricultura, era um moço que vinha fazendo carreira rápida na burocracia. Medianamente culto, manifestava, nas suas palestras, uma maneira de encarar a vida que a encantou desde logo.

— O homem deve vencer pelo seu próprio esforço — dizia. — Desde que abri os olhos para a luta, encontrei-me disposto a vencer, sem auxílio de ninguém.

Entrei no Ministério por um cargo modestíssimo, sem pistolões. E faço tudo quanto está em mim para subir, conciente do meu próprio valor.

Contou a Helena, detalhadamente, uma vida de lutador forte e animoso.

E ela o amou como não tinha amado ainda, porque viu nele o homem superior com quem tinha sonhado.

Aurélio logo a dominou. Ela, a independente, passou a obedecer-lhe em tudo, arrastada pelo seu amor e pela sua admiração.

Vestia os vestidos que ele lhe permitia. Mantinha as relações de amizade que ele lhe consentia.

Depois de casada, essa tirania se tornou maior. Já nem se podia pentear e pintar à sua vontade. Abandonou o emprêgo assim que começou o noivado.

E simultaneamente ia observando que havia certo desequilíbrio entre o valor real do marido e o que a si próprio ele se atribuía.

Era um fatuo.

(Continua na pag. 44)

O baile dos estudantes



O dr. Fábio Sambaguy dançando com a srta. Clara Sambaguy, da Faculdade Nacional de Medicina.

Um baile em que o traje é a rigor, parece tudo menos um baile de estudantes. Mas já passou o tempo em que os alunos de nossas Faculdades se divertiam alegre e simplesmente. Hoje o estudante é um ser bem diferente do que foi, e o momento atravessado pelo mundo não permite mais frivolidades ou brincadeiras sem objetivo sério. Entretanto está havendo um pequeno excesso.

Por isso, o baile que o Diretório Central dos Acadêmicos ofereceu à classe foi um baile parecido com os demais que se rea-



Paulo Tupy Caldas, da Fac. Nac. de Direito, dançando com a srta. Norah Levy, calourinha da mesma academia.

Herbert Wolflam, da Escola de Belas-Artes, em pleno "swing" com a srta. Maria Alice Campos de Araújo, da mesma faculdade.

Num canto da varanda Cicero Soares, da Fac. Nac. de Direito, conversa com a srta. Iracema Fillard.

lizam nos salões do Fluminense. Todavia houve uma diferença notável que nos é grato acentuar. A juventude e a alegria das moças e dos rapazes.

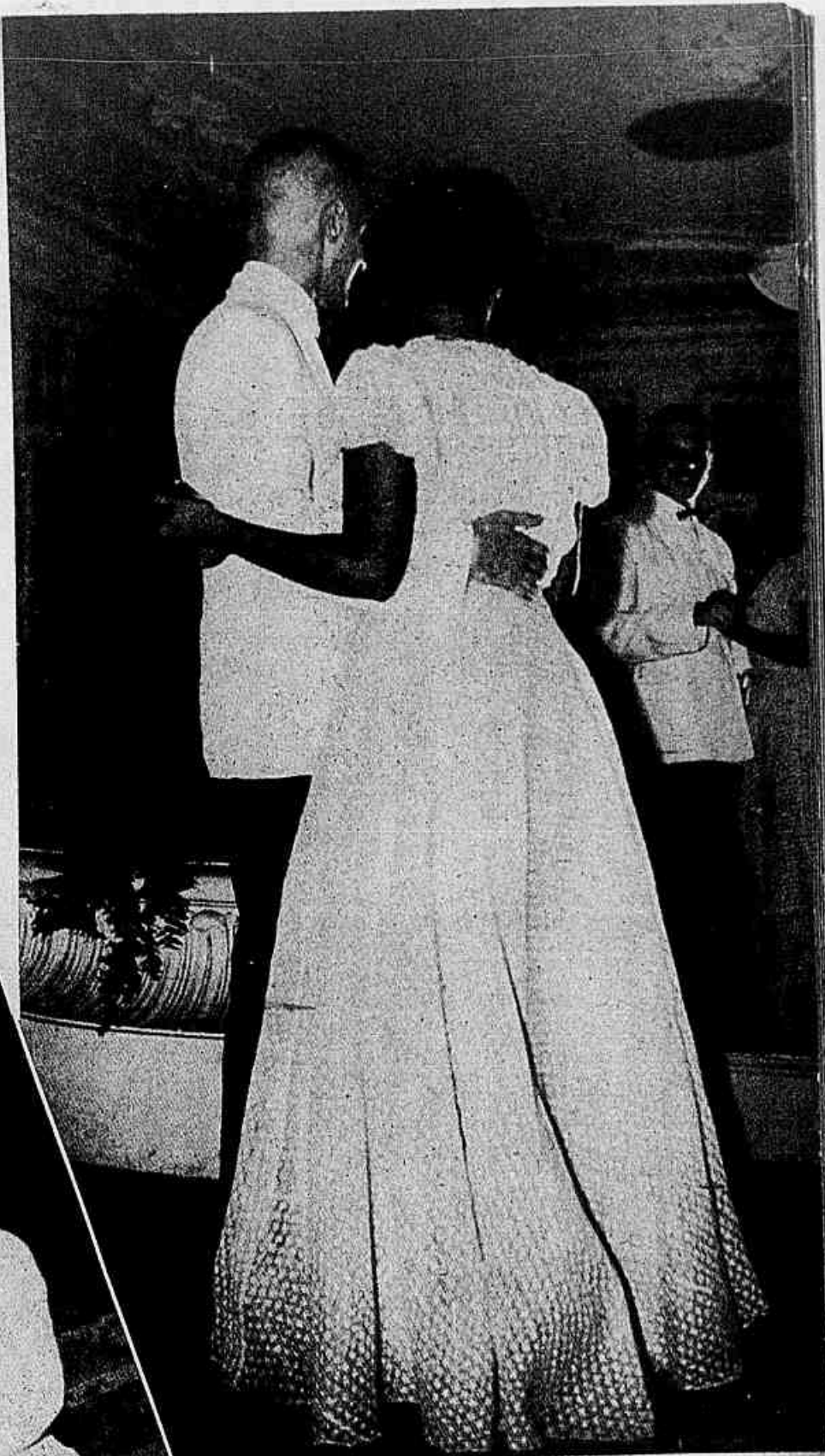
Vinte anos era a idade média dos que se divertiam ao som da inebriante conga "Para Vigo me voy". Vinte anos, uma idade deliciosa em que a vida não passa de um sorriso e de um futuro!

Vinte anos em 1941 é uma coisa extraordinária. Por isso é que aqueles pares amavam desprezenciosamente o fox "In the mood" ou a "Say: Si, Si", dos irmãos Ambrews.

Lá fora o frio recém-chegado fazia tremer as mocinhas que saíam dos automó-

O acadêmico Manuel Gasparini dançando com a srta. Maria da Graça Gasparini.

veis em alvos vestidos de baile, e o vento soprando espalhava ao longe os acordes da orquestra.



O baile dos estudantes



O dr. Fábio Sambaguy dançando com a srta. Clara Sambaguy, da Faculdade Nacional de Medicina.



Um baile em que o traje é a rigor, parece tudo menos um baile de estudantes. Mas já passou o tempo em que os alunos de nossas Faculdades se divertiam alegre e simplesmente. Hoje o estudante é um ser bem diferente do que foi, e o momento atravessado pelo mundo não permite mais frivolidades ou brincadeiras sem objetivo sério. Entretanto está havendo um pequeno excesso.

Por isso, o baile que o Diretório Central dos Acadêmicos ofereceu à classe foi um baile parecido com os demais que se rea-



Num canto da varanda Cicero Soares, da Fac. Nac. de Direito, conversa com a srta. Iracema Fillard.

lizam nos salões do Fluminense. Todavia houve uma diferença notável que nos é grato acentuar. A juventude e a alegria das moças e dos rapazes.

Vinte anos era a idade média dos que se divertiam ao som da inebriante conga "Para Vigo me voy". Vinte anos, uma idade deliciosa em que a vida não passa de um sorriso e de um futuro!

Vinte anos em 1941 é uma coisa extraordinária. Por isso é que aqueles pares amavam despretenciosamente o fox "In the mood" ou a "Say: Si, Si", dos irmãos Ambrews.

Lá fora o frio recém-chegado fazia tremer as mocinhas que saíam dos automó-

O acadêmico Manuel Gasparini dançando com a srta. Maria da Graça Gasparini.

veis em alvos vestidos de baile, e o vento soprando espalhava ao longe os acordes da orquestra.

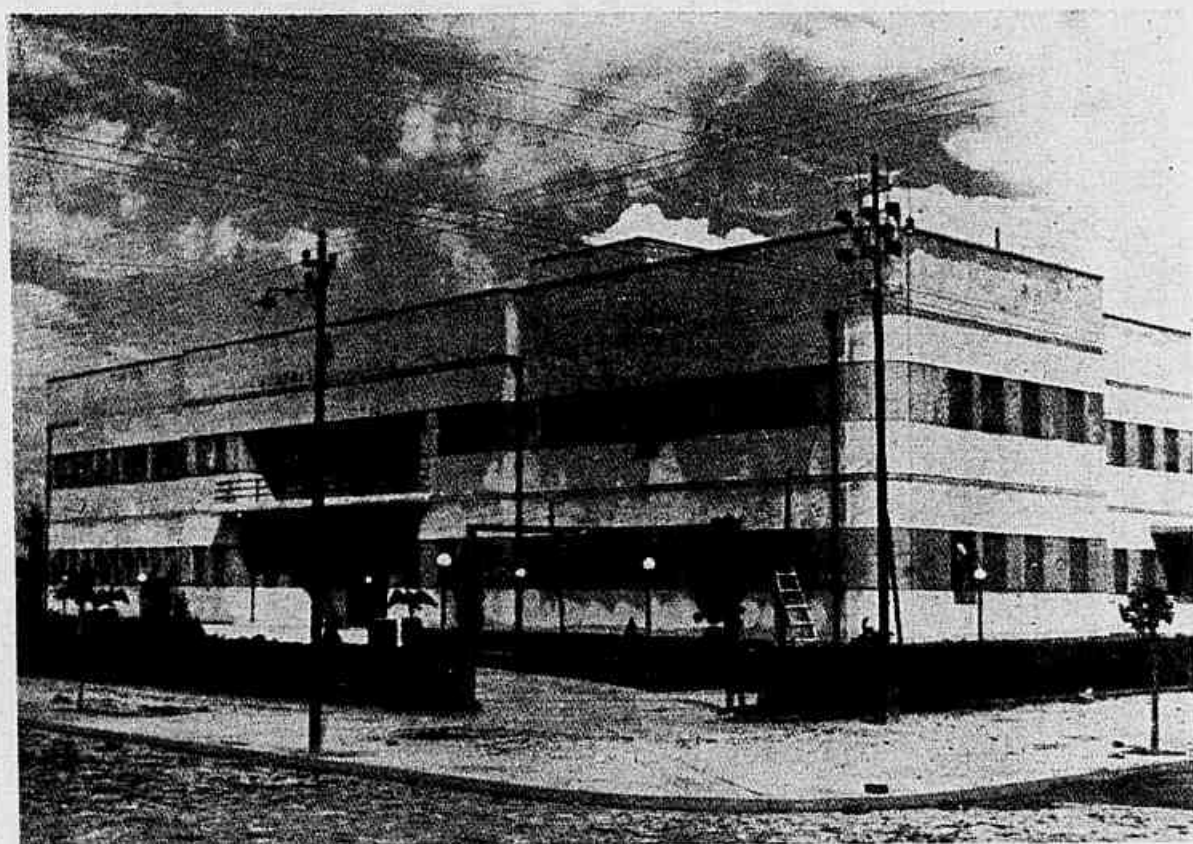


Paulo Tupy Caldas, da Fac. Nac. de Direito, dançando com a srta. Norah Levy, calourinha da mesma academia.

Herbert Wolflam, da Escola de Belas-Artes, em pleno "swing" com a srta. Maria Alice Campos de Araújo, da mesma faculdade.



6 ANOS DE GOVERNO



Ao lado: —
Fachada principal do Hos-
pital Getúlio
Vargas. No
extremo infe-
rior da página,
à esquerda: —
vista parcial
do edifício do
Museu e Bi-
blioteca Esta-
dual.



Dr. Leonidas de Castro Melo.

No dia 3 do corrente completou seis anos de governo no Estado do Piauí o dr. Leonidas de Castro Melo, uma das figuras de administrador que mais se impuseram no conceito dos seus concidadãos.

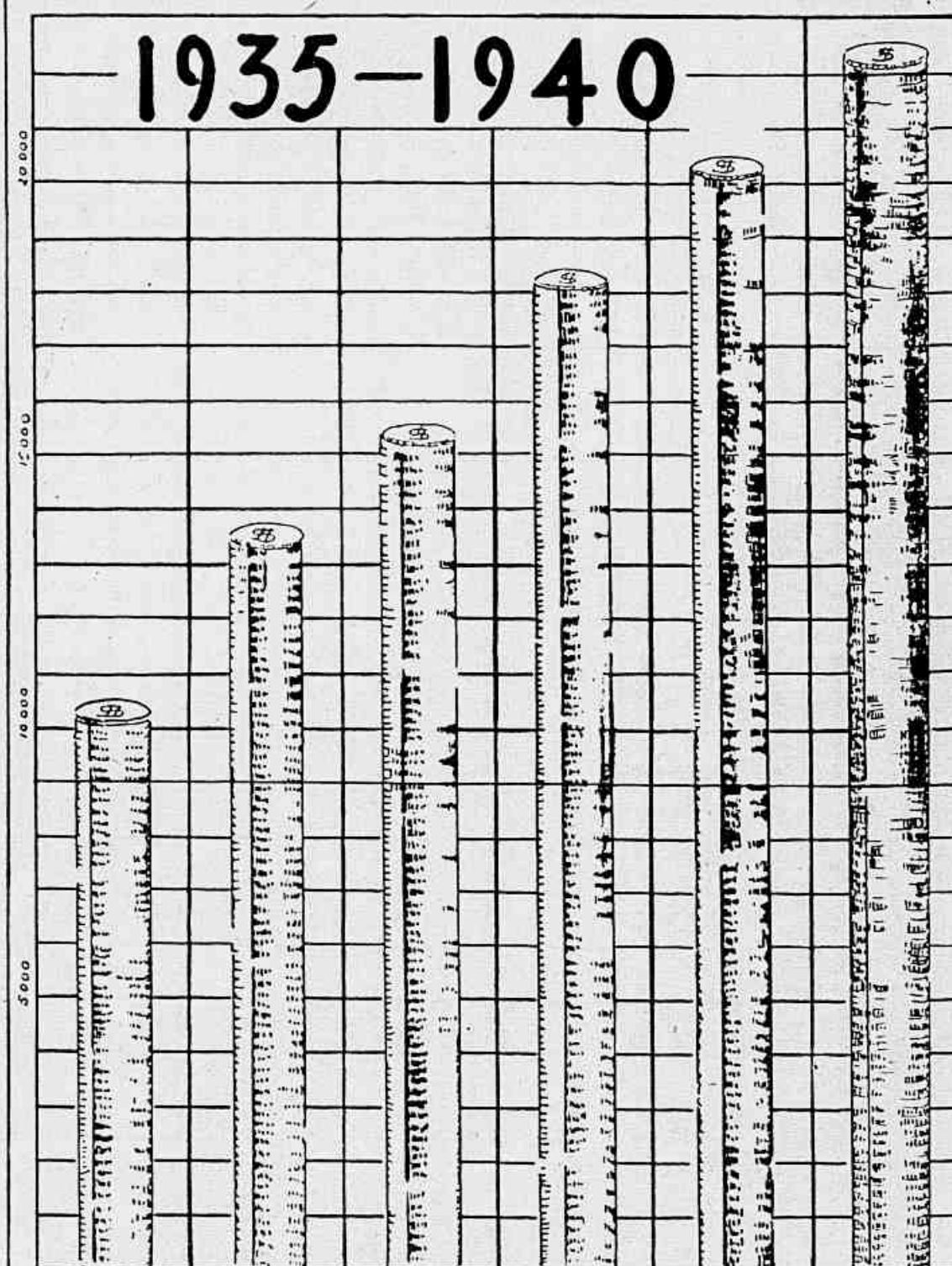
Em 1935 assumia o atual interventor piauiense o governo do Estado, dando início a uma era de largo progresso para aquela rica unidade da federação. Seus primeiros cuidados dispensou-os às rendas estaduais. De cerca de dez mil contos que era, o Piauí viu subir a sua arrecadação, de ano para ano, num ritmo ascensional uniforme, atingindo quasi vinte e três mil contos em 1940. E é grande o seu acervo de serviços ao Estado. Cortou-o de estradas de rodagem e carroçáveis em todas as direções. Construiu grande número de grupos escolares espalhados por todos os municípios. Instalou serviço telefônico automático perfeito. Dotou a totalidade dos municípios de postos de higiene, e agora a Capital orgulha-se de possuir um estabelecimento hospitalar modelo — o Hospital Getúlio Vargas, recém-inaugurado, cujas proporções e instalações técnicas e científicas o colocam entre os melhores do país. Está em construção a Maternidade de Terezina e agora vai começar a do novo edifício do Centro de Saúde, com o que ficará completo o serviço de assistência médico-cirúrgica do Estado. Remodelou inteiramente o Quartel da Força Pública, que hoje se acha magnificamente instalada. Concluiu o grande edifício do Liceu Piauiense. Construiu o prédio do Museu e Biblioteca Pública, também agora inaugurado. Já estão em estudos os novos serviços de esgotos de Terezina e de água para Parnaíba. E em breve a capital do Estado possuirá um modelar e grande hotel, já em construção.

Sem mais enumerar, o que aí fica basta como honrosas credenciais para o dr. Leonidas Melo, cujas qualidades de persistência, entusiasmo e operosidade na governança do seu Estado é com justiça que exalçamos.

A. M.

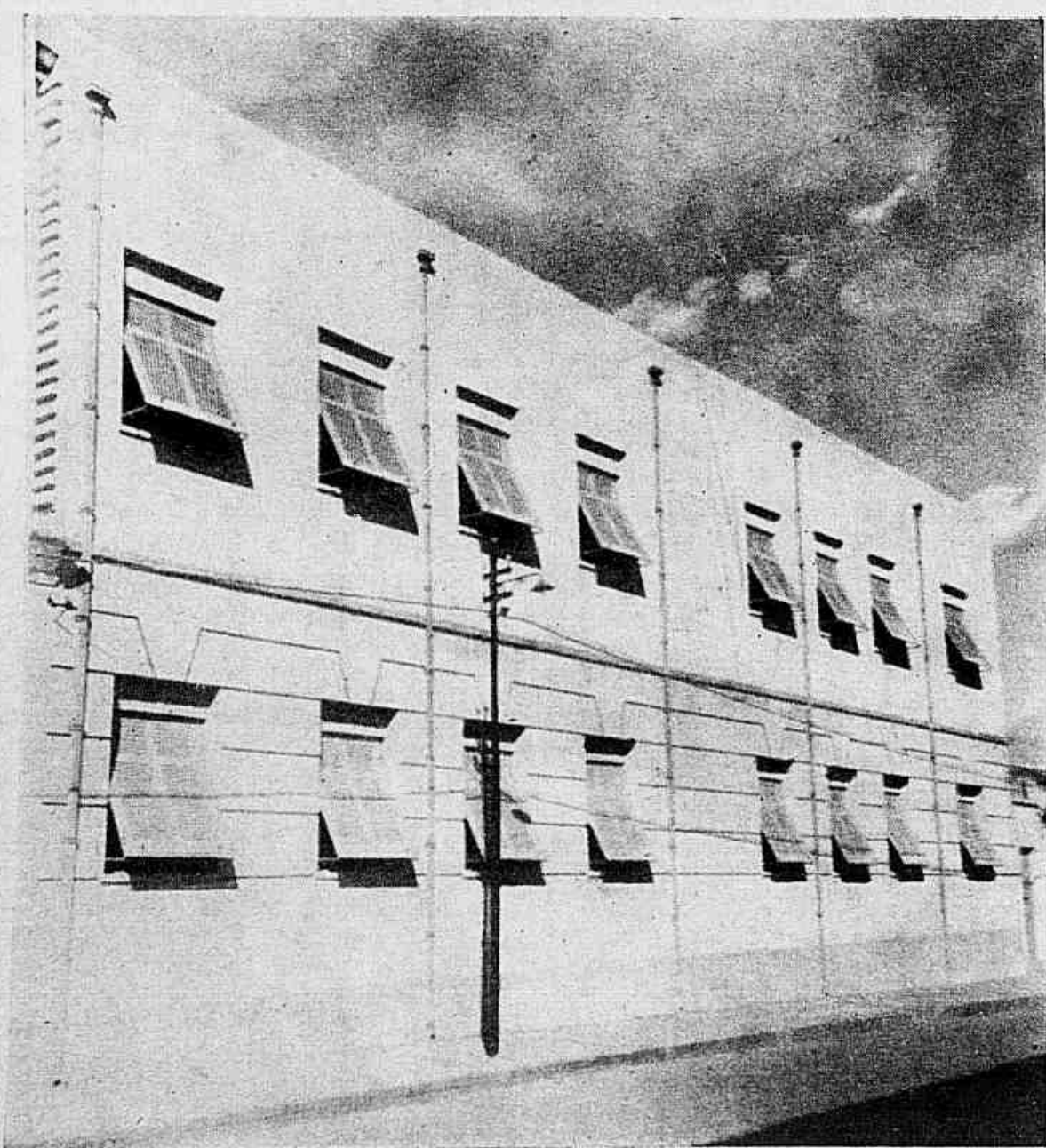
RECEITA ARRECADADA EM SEIS ANOS:

— 1935—1940 —



CONTOS DE REIS

10.431	13.917	15.250	18.081	20.328	22.805
1935	1936	1937	1938	1939	1940



TEREZINA SE RENOVA



Lago da Praça Pedro II



Dr. Lindolpho do Rego Monteiro

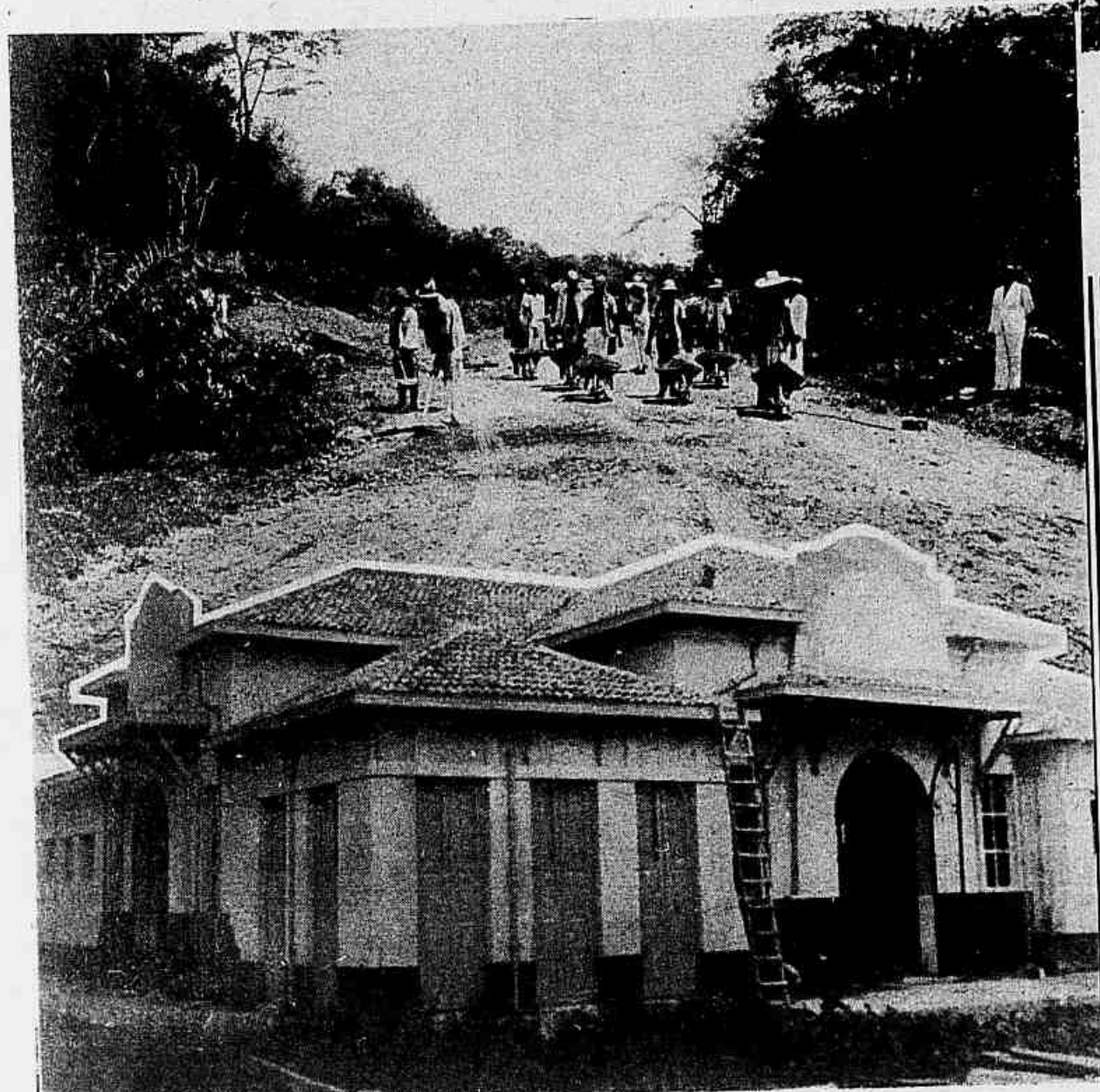
Como maior colaborador do interventor Leonidas Melo no Piauí destaca-se, sem dúvida, o dr. Lindolpho do Rego Monteiro, prefeito de Terezina. Deve-se ao seu trabalho de pouco mais de cinco anos a completa metamorfose que se operou naquela capital. Terezina hoje é outra. A remodelação e embelezamento das suas praças e jardins, a pavimentação das suas ruas, a sua higiene urbana dão-lhe hoje aspectos inteiramente novos. Transformando inicialmente os serviços municipais, cujo arcaísmo era um entrave ao progresso, o seu atual prefeito deu mãos à obra. E não só de a embelezar cuidou. Deu escolas aos seus operários, uma das quais para os proletários menores, foi inaugurada a 19 de abril. Criou o serviço municipal de ônibus, moderno e eficiente. Melhorou as suas estradas e abriu novas. Está construindo mercados em seus bairros, o primeiro dos quais já foi inaugurado. E outros tantos serviços e utilidades públicas foram criados ou melhorados.



Praça Mal. Deodoro

A ação do dr. Lindolpho Monteiro acompanha, assim, o mesmo ritmo de trabalho da administração estadual, no sentido do engrandecimento e da prosperidade do Piauí.

A. M.



Viação Municipal

Ao lado, pela ordem: — Serviços de construção de estradas municipais, e mercado tipo de bairro.



A senhora Lia de Sardi, embaixatriz de Venezuela.

Noticiário ELEGANTE

ANIVERSARIOS

MAIO
24
SABADO

as sras. Saul de Navarro e May Raidy de Mendonça Uchôa; a senhorita Lídia Costa; o consul Osório Dutra; o poeta Atílio Milano; o dr. Eunápio Hardman Castelo Branco.

MAIO
25
DOMINGO

as sras. Ana Sales e Gabriela Borges da Fonseca; as senhoritas Maria Flôres Guimarães e Celeste Leal; os drs. Belisário Távora e Prado Lopes; o dr. Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional, membro da Academia Brasileira.

MAIO
26
SEGUNDA FEIRA

as senhoritas Elza Carolina Gomes e Florisa Burlamaqui; os drs. Mário Briggs, Alvaro de Sant'Ana e Raul de Faria; o escritor Benjamim Costalat.

MAIO
27
TERÇA FEIRA

as senhoritas Hilda Matos e Leonor Miranda; os drs. João Batista de Melo e Souza, Eurico Delamare São Paulo e Ranulfo Bocaiuva; o tabelião Djalma Fonseca Hermes.

MAIO
28
QUARTA FEIRA

as sras. Ida Gomes Ribeiro e Ermelinda Alves de Souza; as senhoritas Luci Ferreira e Celina Belisário Pena; o nosso companheiro Arnaldo Vieira; os drs. José Pereira Guimarães e Tomaz G. de Castro.

MAIO
29
QUINTA FEIRA

as sras. Heitor da Silva Costa e Ada Macaggi Bruno Lobo; as senhoritas Ruth Leitão da Cunha e Celina Vaz do Amaral; o dr. Fernando de Almeida Brandão.

MAIO
30
SEXTA FEIRA

as sras. Marieta de Vasconcelos e Francisca Monnerat; o dr. Carlos Olynho Braga; o general Almério de Moura; o coronel José Bellens de Almeida.

EMBAIXADOR NEGRÃO DE LIMA

Embarcou, com destino a Caracas, onde irá exercer o alto cargo de embaixador do Brasil junto ao governo da Venezuela, o dr. Negrão de Lima, ex-deputado federal, ex-chefe do gabinete do Ministro da Justiça e Ministro interino da mesma pasta. Sua Excelência, que é um dos valores novos do país, terá oportunidade de prestar no novo cargo que lhe foi conferido os mais assinalados serviços à pátria, estreitando cada vez mais a tradicional amizade que liga as duas nações sul-americanas.

O embaixador Negrão de Lima teve a gentileza de despedir-se da Revista da Semana.

DIPLOMATICAS

O embaixador do Chile, dr. Mariano Fontecilla, ofereceu um almoço na bela embaixada da rua Senador Vergueiro, ao qual estiveram presentes os srs. ministros dr. Tulio Maguieira, drs. Lourival Fontes, Edmundo Pinto, Herbert Moses, Elmano Cardim, Paulo Filho, Guillermo Bianchi, Francisco Valdinigo e os jornalistas chilenos Honorato Cienguegos e Tucapel Ahumada.

CHA'S

Hoje das 4 às 7 horas da tarde realizou-se um chá no Pálace-Hotel em benefício das vítimas das enchentes que assolaram a terra gaúcha, organizado pelas elegantes senhoritas da "Obra de Fraternidade da Mulher Brasileira".

CRÔNICA

É muito comum em todas as imprensas do mundo haver nas secções femininas uma parte destinada à "correspondência", em que a redatora da secção dá conselhos sobre os casos, íntimos ou não, da vida das leitoras que se dirigem a ela pedindo orientação.

Uma das leituras mais interessantes para dias de chuva, e de sol também, é o das perguntas ingênuas, íntimas ou curiosas que são feitas. Uma moça diz que "gostaria que ele em vez de me obedecer fosse dominador e ciumento..." outra pergunta "depois do meu desquite, acha que posso casar novamente?", ou informa "três vezes brigámos. Acha que poderemos tentar a sorte uma quarta vez?" — e assim por diante.

Si as perguntas são um espelho da verdadeira psicologia feminina as respostas são em geral conselhos que tem as virtudes e os defeitos de todos os conselhos. Uma senhorita que eu conheço pediu uma orientação a respeito do fato dos pais não a deixarem namorar um certo e simpático rapaz. O redator ou redatora aconselhou com a melhor das intenções ao rapaz dirigir-se, juntamente com a moça, aos pais e falar francamente que se gostavam e pedirem permissão de fazer um romance idílico. O conselho, como se vê, é o que há de mais sincero e sensato do mundo.

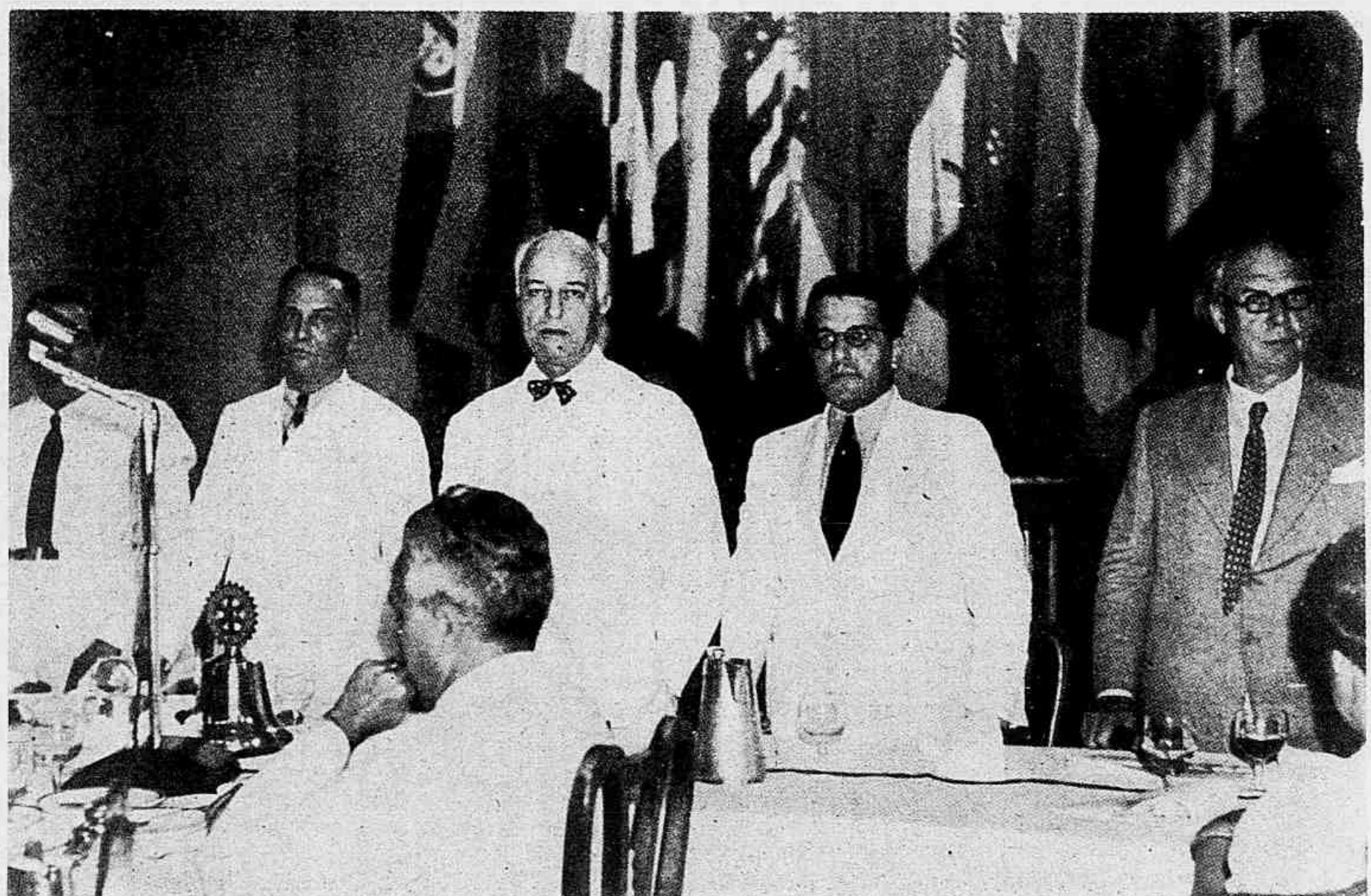
O rapaz, ingenuamente, criou coragem, vestiu o terno mais bonito, fez a barba na esquina e foi realizar a sua boa ação, certo de que estaria solucionado o problema.

Mas a vida é diferente do bom-senso. Ao invés de ser aceito como um jovem exemplar foi recebido com um guarda-

chuva brandido como um sabre pela mãe, demasiado furiosa e... ranzinza.

Seguí os conselhos, rapazes e moças. Mas não todos os conselhos. Nem este que, sem querer, saiu da pena neste final.

M. B.

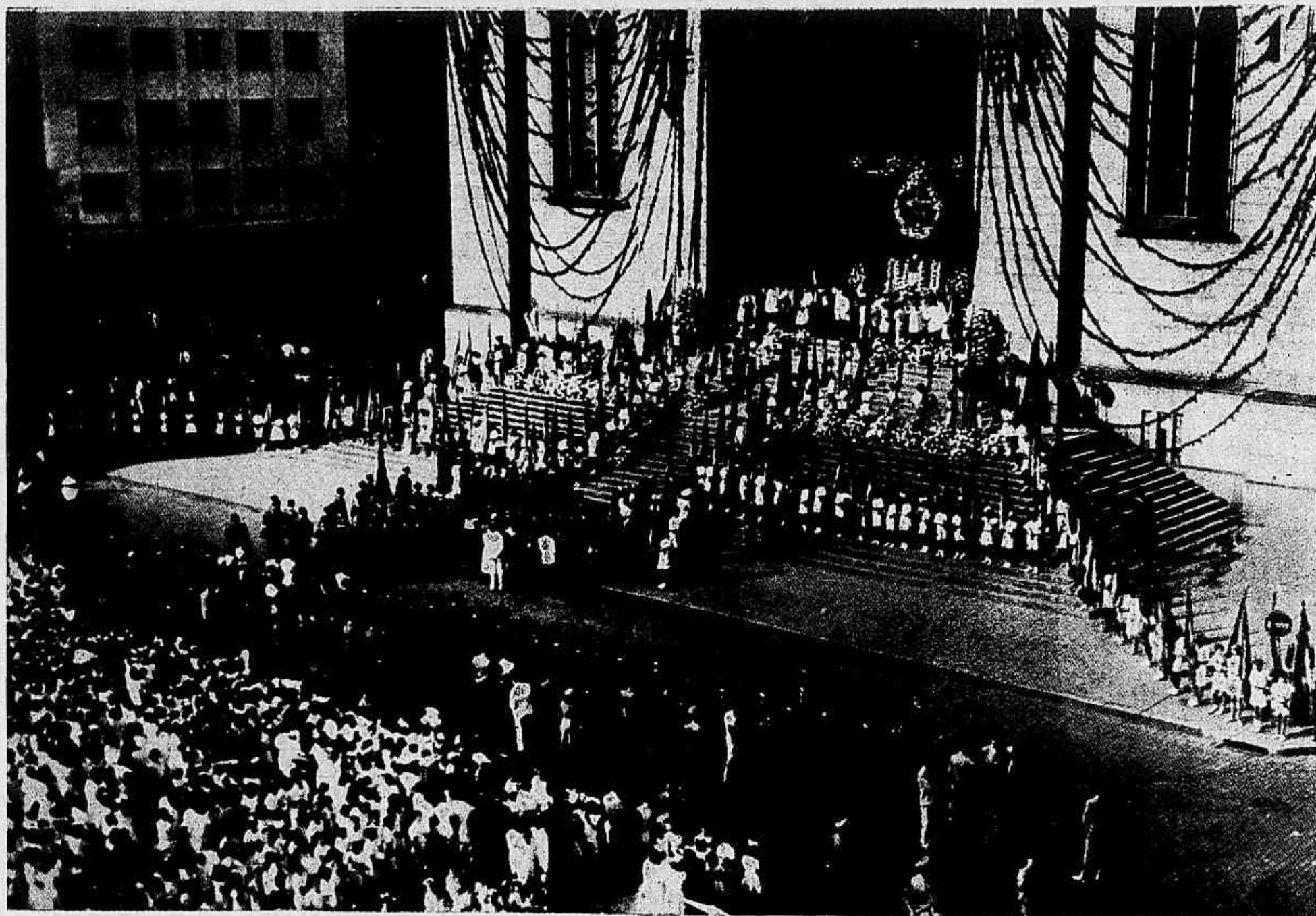


ROTARY-CLUB

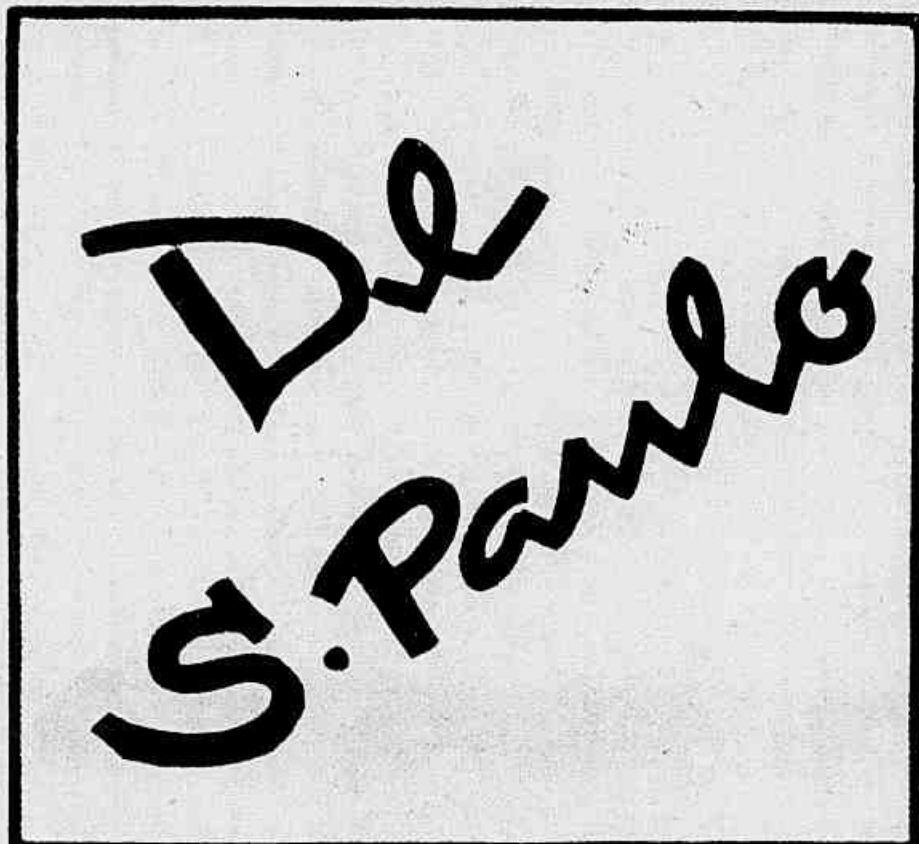
A homenagem ao major Punaro Bley, interventor no Espírito-Santo, e ao dr. Oswaldo Guimarães, secretário das Finanças do mesmo Estado, que se vêem na foto ladeando o dr. Nascimento Brito, presidente do Rotary-Club.

JOCKEY CLUB mundano





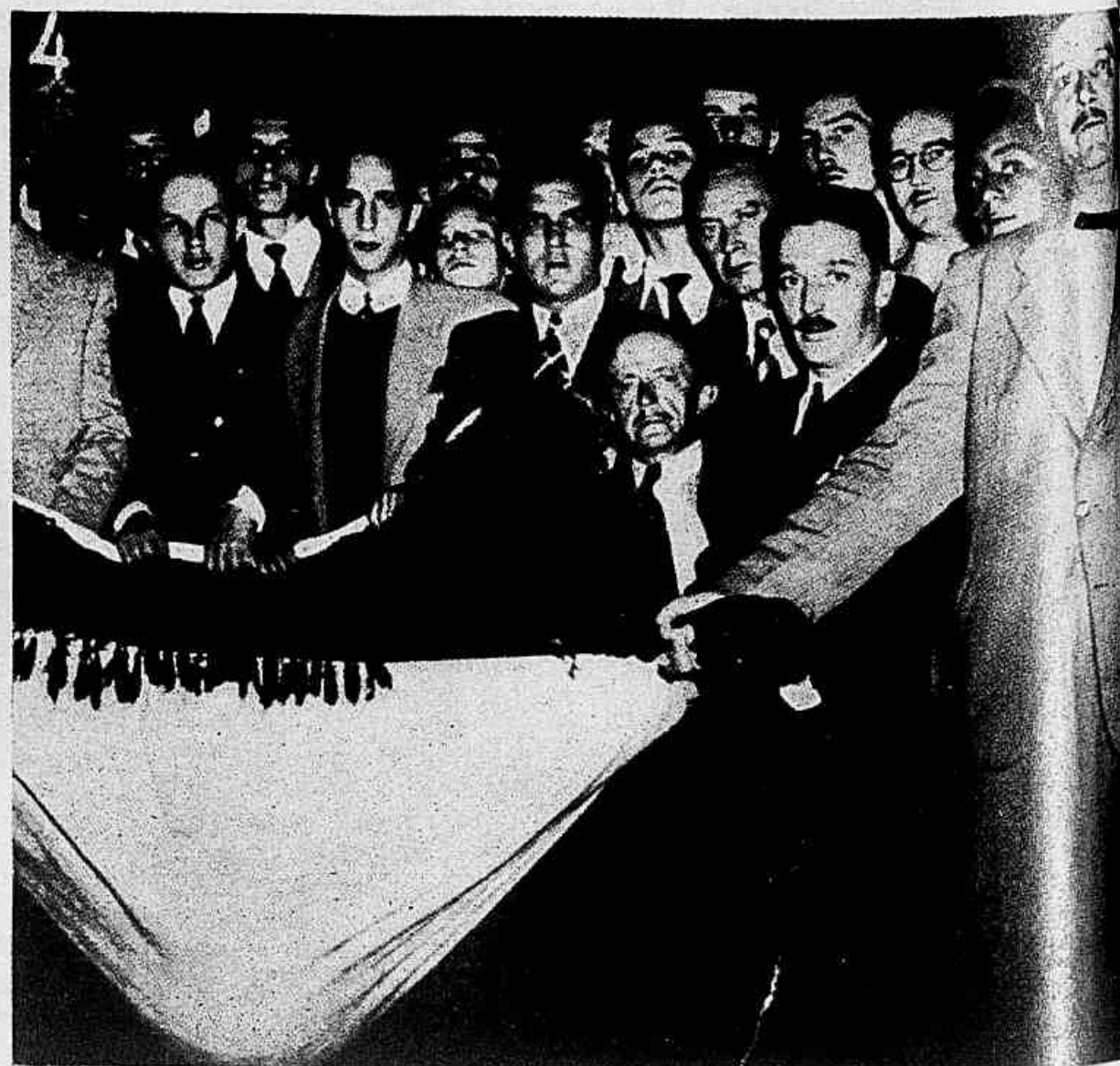
1 — Aspecto tomado por ocasião da missa resada na Praça da Sé pela passagem do 3.º aniversário do governo do sr. Ademar de Barros. 2 — O desfile na Avenida de São João, pelo mesmo motivo. 3 — A reunião no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, durante a qual foi recebido o príncipe d. Pedro Gastão de Orléans e Bragança, que foi saudado pelo dr. Ataliba Nogueira. 4 — Um dos bandos precatórios que percorreram as ruas de S. Paulo angariando donativos em favor dos flagelados do Rio Grande do Sul.



FOTO

Zerr

Praça do Patriarcha, 96 — 6.º andar. Phone: 2-4349

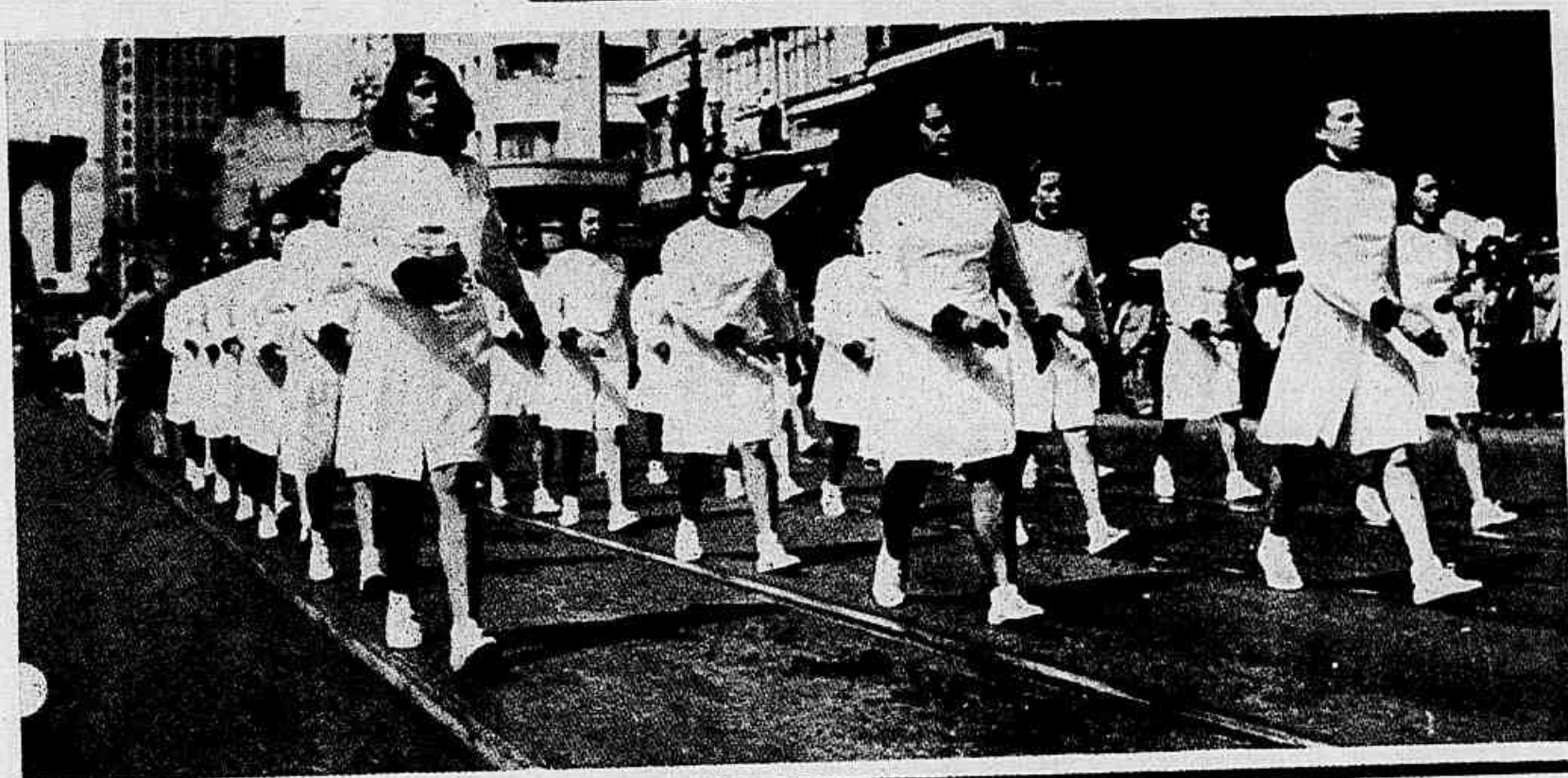




5 — Outro aspecto da parada esportiva.

6 — Mais um flagrante da parada esportiva na avenida de São João, em homenagem ao Presidente da República, pela passagem do 3.º aniversário do atual governo de S. Paulo.

7 — Ainda a parada esportiva.



Lançamento do marco da eletrificação da E. F. Sorocabana

Constituiu um dos espetáculos mais significativos das comemorações do 3.º aniversário de governo do sr. Ademar de Barros a inauguração do marco que comemora o início dos trabalhos de eletrificação da grande ferrovia paulista, dirigida pelo dr. Orlando Murgel. Ato simbolizante de uma nova era na política ferroviária de S. Paulo, ela marca por isso mesmo mais do que uma simples inauguração, e não representa apenas o melhoramento de uma estrada de ferro, mas deve ser considerado o advento de dias mais férteis e mais felizes para a nossa terra.

O marco inaugurado é uma obra de arte, pela sua concepção, um tempo simples e grandiosa, e também pelo que sugere de solidez e de indústria. Resume-se ele num bloco de granito, em forma



Vagão construído nas oficinas da E. F. S. com material nacional.

de semi-cone truncado, com o peso aproximado de tonelada e meia. Serve de base a dois dormentes, sobre os quais está parafusada uma junção de dois pedaços de trilhos.

CARROS PURAMENTE NACIONAIS

A convite do sr. Orlando Murgel, dirigiu-se o Interventor, acompanhado de sua comitiva, à plataforma da estação. Pôde, ali, o sr. Ademar de Barros visitar dois exemplos de excelentes produtos inteiramente nacionais, fabricados nas oficinas da Sorocabana, em Sorocaba.

O primeiro é um carro de 1.ª classe, o "Bandeirante", de tipo semelhante ao fabricado na Alemanha.

S. Excia., tendo penetrado no carro, apreciou o material, sua resistência e custo, chegando à conclusão de que o "Bandeirante" é mais elegante e mais confortável do que o estrangeiro.

O dr. Guilherme Whinter quando fazia o discurso dando como inaugurado o marco da eletrificação da Sorocabana.





Importamos macacos

O macaquinho olhou para o fotógrafo e disse: — "Que desaforo é esse? Quem lhe deu licença para tirar o meu retrato?"

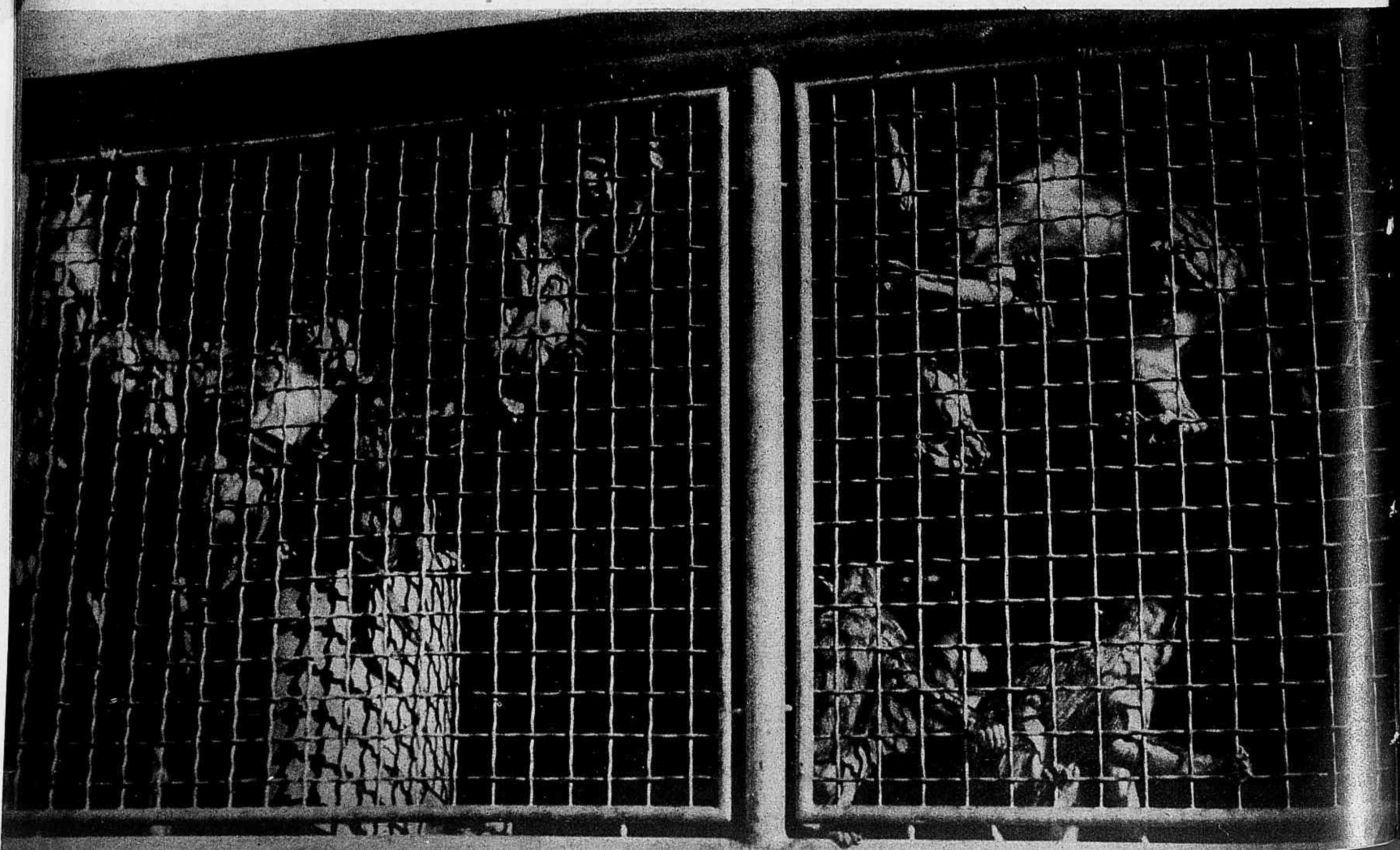
E' sabido que compramos no estrangeiro trigo, automóveis e fitas de cinema. Mas, apesar de ser uma cousa surpreendente, de hoje em diante podem aparecer nas listas de importação macacos — sim, legítimos macacos — vindos de fora, entre os aparelhos de rádio e as locomotivas elétricas.

Parece mentira o fato de, num país em que a quilométrica superfície faz o orgulho de muita gente e no qual as florestas se estendem pelo planalto central e pela planície amazônica, pequenos símios serem importados doutras pa-



Em baixo — Nas suas gaiolas os símios brincam, pulando de um lado para outro e fazendo uma gritaria enorme.

De manhã cedo a dona da casa faz uma demorada limpeza nos filhos, catando um bichinho ou outro entre ~~os~~ pêlos.



da Índia



Com habilidade o nosso fotógrafo tirou um aspecto dos macacos indús, que se transformou num perfeito quadro a óleo.

ragens, ao preço de 100\$000 cada um! Entretanto, é a verdade...

Chegou, há dias atrás, de Calcutá o cargueiro inglês "Birchbank", com cerca de sessenta pequenos macacos destinados à Fundação Rockefeller, afim de servirem em experimentações científicas, não só na Fundação, como também no "Instituto Oswaldo Cruz" de Manguinhos e noutros órgãos de pesquisa.

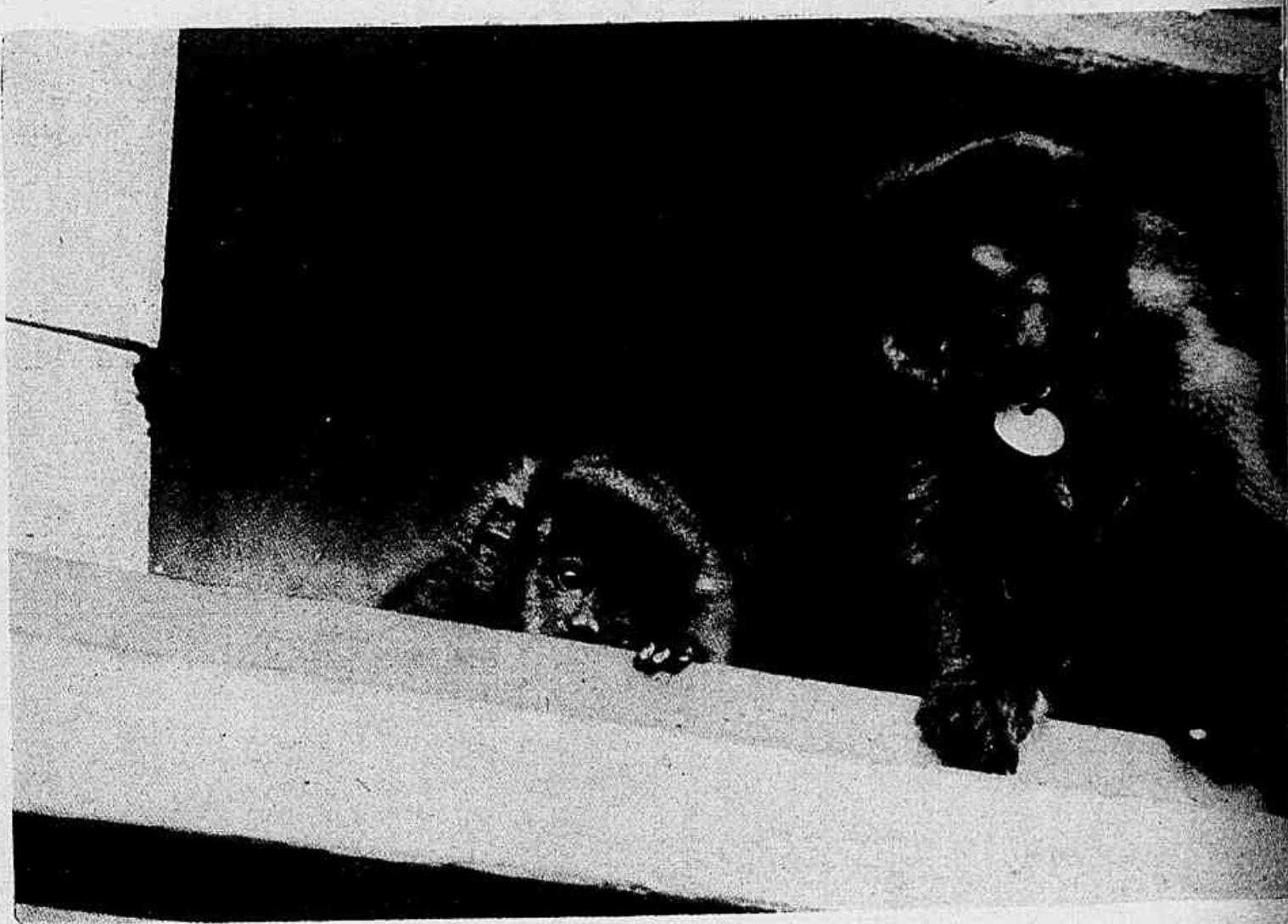
Esses símios não foram criados especialmente para isso, na Índia, e não são domesticados. Pelo contrário, a menor presença humana os assusta e os leva à fuga para o fundo das grandes gaiolas em que estão.

São caçados nas florestas indús a laço, pelos nativos, ou em armadilhas curiosíssimas. Depois são vendidos por cerca de vinte dólares cada um.

Não foram os primeiros importados para o Brasil, pois a maioria dos vapores que aqui chegam provenientes do mar Índico constantemente os trazem. E' uma importação regular.

Fomos a Manguinhos tirar umas fotografias desses animalzinhos, que decerto estão um pouco tristes com a mudança de habitação mais ainda estariam se pudessem saber o destino que lhes está reservado... Os sessenta recém-vindos encontraram trezentos outros companheiros das margens do Ganges.

Quando chegámos estavam gritando muito. Talvez os veteranos estivessem contando aos calouros suas impressões e aventuras.

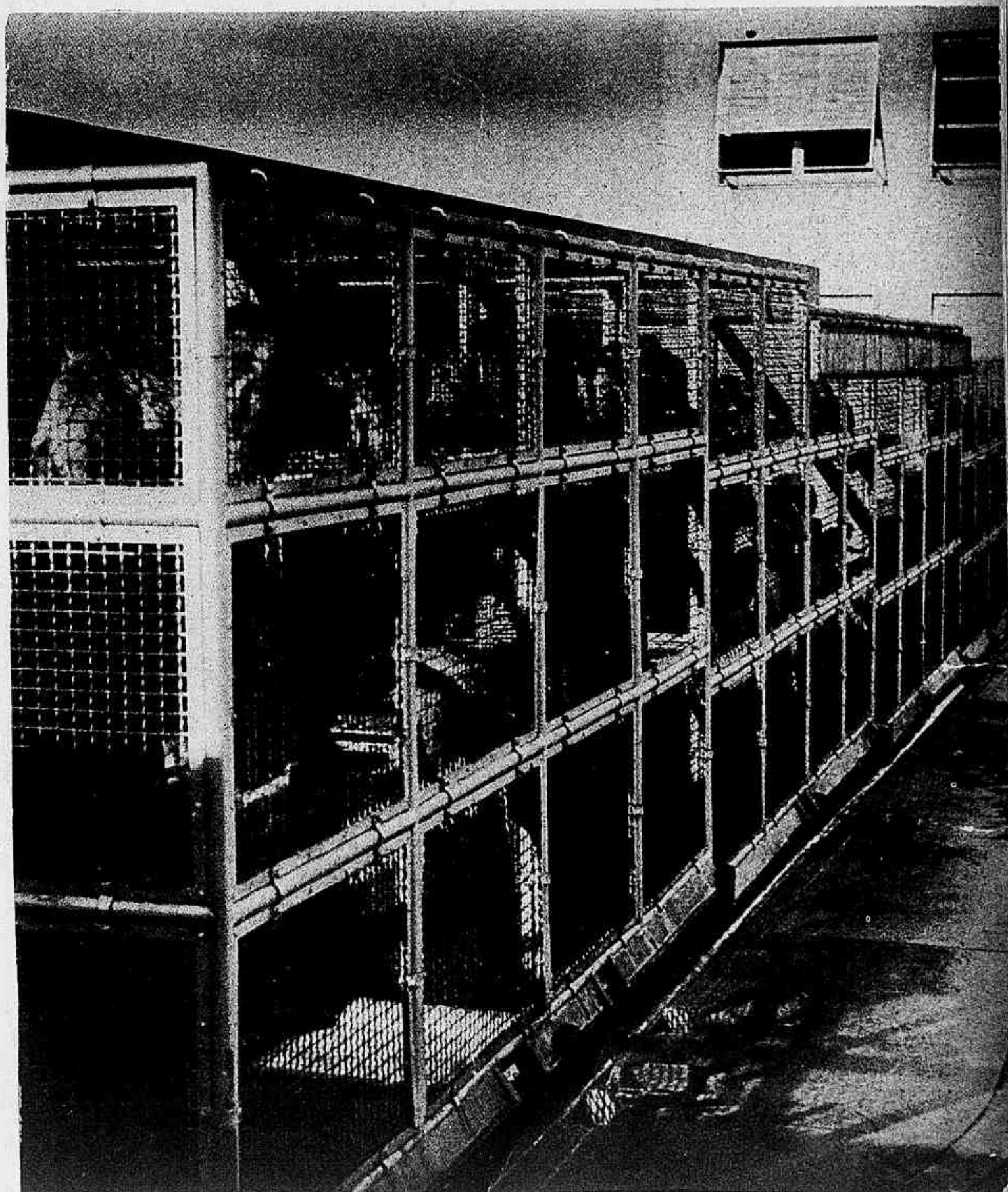


Volte para dentro, menino! Não fique olhando os que estão passando na rua!

Informaram-nos que comem principalmente bananas e pedaços de abóbora. Seu paladar, como se vê, não é muito diferente do dos macacos naturais da terra. Mas assim mesmo estranham um pouco no princípio, principalmente o clima, e talvez um pouco a inexistência dos párias de vestes brancas e dos elefantes sobre os quais passeavam nos bons tempos da liberdade.

Os macacos nacionais, coitados, não servem nem para experimentações científicas, nem para enfeitar jardins zoológicos. Mas não será isso mais uma de suas notáveis espertezas, tão glorificadas nas histórias do folk-lore brasileiro?...

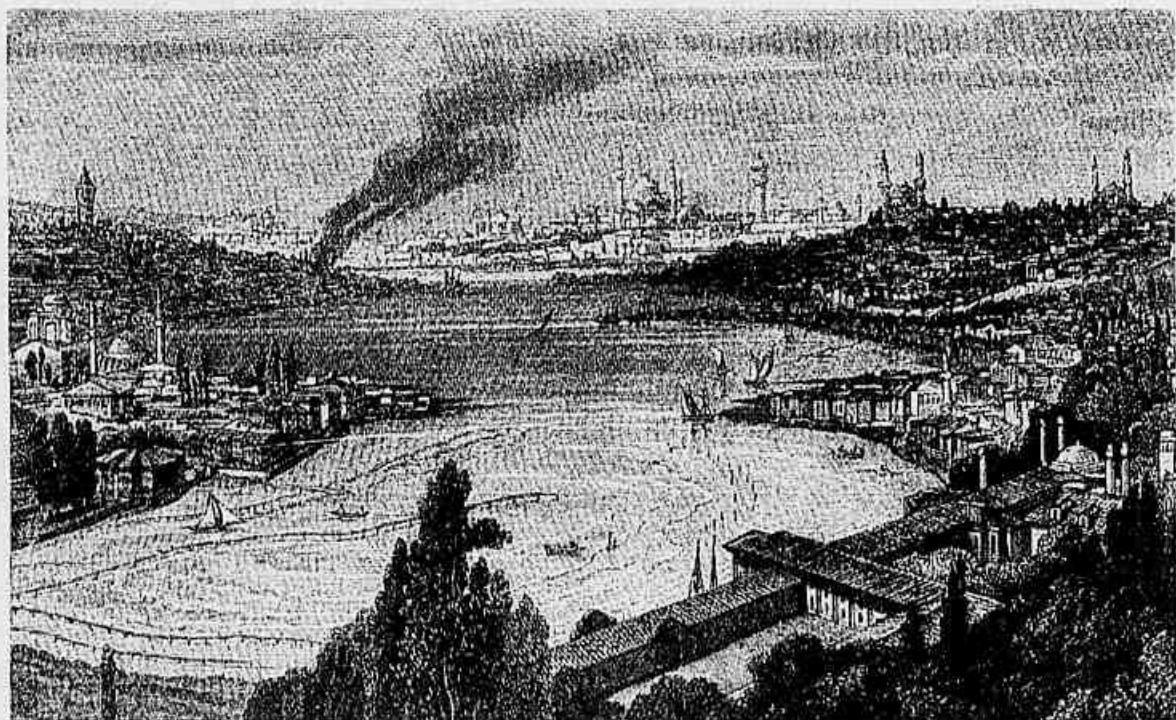
Em baixo — Parte das gaiolas em que se acham os 360 macacos que a Fundação Rockefeller importou da Índia para suas experiências científicas.



Os Turcos

na politica européa

NÃO ha nada mais interessante e paradoxal do que as intrusões dos Turcos na politica europa. Sahidos das planicies ttraras, entre o Thibet, os Montes Uraes e os Montes Altai, o Mar Caspio, invadiram a Persia, atravessaram a Syria, rumando sobre a Asia Menor. A paixão do saque e os impetus do fanatismo, instigam as suas barbarescas vitorias. Aparecem pela primeira vez na Europa em 1321, nalgumas correrias esporádicas, até entrarem na Peninsula de Galipoli. Desde essa data, ano de 1357, o invasor otomano fixa-se no solo balcanico, impondo a lança e a espada, como a sua unica lei. Ocupam a Tessalia em 1365 e conquistam antes do fim do seculo XIV, as terras da Rumélia. A derrocada civil e politica do Imperio do Oriente, e ultima reminiscencia do esplendor romano, abrevia a invasão dos Turcos. A vinda do ano de 1453, marca o esboroamento de Byzancio, culminando na posse de Constantinopla, que conservam graças ás rivalidades balcanicas. Esmagam os Valacos e os Moldavios em 1455, para acampar no Peloponeso desde 1458. Mais dois anos e, com 1460, desfazem o Imperio Grego, assolando toda a peninsula helenica. Movem-se para a Servia, mandam expedições sobre os húngaros, perseguindo nas suas investidas algumas minorias da Italia. Partilhada em duas mil soberanias, a Europa assiste ás conquistas turcas sem poder contê-las, vencida mais pelos seus odios dinásticos, do que pelas armas da Tartária. Quando veio Solimão I, os Mussulmanos expandem-se por todo os Balcans, infundindo o assombro nas realezas occidentaes. A incorporação da Bosnia em 1528, anuncia a corrida sobre a Europa Central. Aproximando-se de Viena, os austriacos preparam as defesas da cidade, mobilizam forças de todas as especies. Carlos Quinto apela para todos os povos germanicos, contra a ameaça do Sultão. Os Islamitas retrocederam, indo afligir os húngaros que, sem possibilidade de esmagar a Turquia se contentam na defensiva. A Republica de Veneza, que ousou desafiar o poderio do Islam, cede ilhas, cidades e milhares de ducados, depois de três anos de guerra. No seculo XVI, quando chega ao apogeu a conquista asiatica, Solimão I, o Magnifico, entra em Belgrado, Rodes, Buda, na Hungria, domina a Albania, formando o Império Balcanico Otomano.



Constantinopla, para onde marcha a guerra balcanica, conforme uma gravura do fim do seculo XIX.

Hespanhóes, polonezes, austriacos, russos, francezes, alemães, húngaros, venezianos, dirigem-se humildes e reverenciosos á Sublime Porta. Reconhecendo-se o unico imperador do mundo, Solimão I contesta aos outros soberanos europeus o direito de usar esse titulo. E para convencê-los, deprime e maltrata todos os reis, submettendo-os ao mais grotesco servilismo. Humilha Francisco I, obrigando-o á solicitar a sua intervenção contra Carlos Quinto, que por sua vez sofre a impertinencia sultanesca. Carlos XII e Luiz XIV tentam cortezmente conciliar a Turquia. Viu-se Solimão I fazer um tratado com a França, defende-la e ameaçar com três frotas os portuguezes e os hespanhóes. A gloria militar da Sublime Porta, reinava na politica européa.

Imperando na Asia e na Europa, vivem da guerra como simples guerrilheiros, conquistam pela sensação material do saque, despreocupados de organizar uma sociedade, no sentido grego e no sistema romano. O Islam arrojou-os sobre o Bósforo e sobre Constantinopla, sem adverti-los das diferenças civilizadoras. Incapazes de progredir, infundem o terror e impõem a vassalagem pela violencia. Os cossacos solicitam proteção á Turquia, em 1649, contra os polonezes e os russos. A Sublime Porta attende, intimando a Polonia a retirar as suas tropas e a não importunar os cossacos, sob ameaça de hostilidades. Os polonezes resistiram e os mussulmanos, transpõem as fronteiras, desbaratam o inimigo, impondo uma paz tiranica, em que os vencidos passaram a escravos. A Polonia despertou da sombria derrota, sob o ardor patriótico de Sobieski, cuja estratégia repeliu os Turcos. Primeiro entre todos, Sobieski soltou o brado de que se devia expulsar o Sultão da Europa, remover o conquistador tártaro para as planicies da Asia. Em 1671, os Turcos fustigam com desdenho o embaixador francez, replicando com escárnio militar, as suas reclamações sobre uma igreja interdicta em Jerusalem e a navegação no Mar Vermelho. Rejubiliam-se de intimidar os alemães e os húngaros, de ver submissos os persas, gregos, egipcios. Para destruir as vitorias islamicas, reúnem-se a Polonia, Veneza e a Alemanha, guerreando o invasor no seu dominio balcanico. O Tratado de Carlowitz, assinado em 1699, impôs o armistício á Turquia, terminando com as extorsões tributárias, depois de cada guerra. Cede sem idenização, Zante e a Transilvania, mas exige o abandono de Lepanto e o arrasamento das fortificações de Prevesa. Os austriacos recuaram da Herzegovina, permitindo a entrada dos Turcos. O Tratado de Carlowitz, isolou a expansão sultanesca nos Balcans, impedindo o acesso á Europa Central. Aproveitando o momento, a Russia procurou obter concessões, que lhe garantissem vantagens estratégicas. As obras fortificadas de Ghazi, Schohen-Kerman, Toghani, Muszeret-Kerman, sofreram destruições em consequência do Tratado de Azow, em 1700. Esses bárbaros sahidos do Turquestão, esperaram pouco tempo na sua ansia de represalia. Em 1711, burlando as estipulações, os russos fizeram incursões além das fronteiras. O exército turco bate a Russia, aprisiona o Tzar e o leva a Constantinopla, impondo-lhe o Tratado de Pruth, que anula todas as

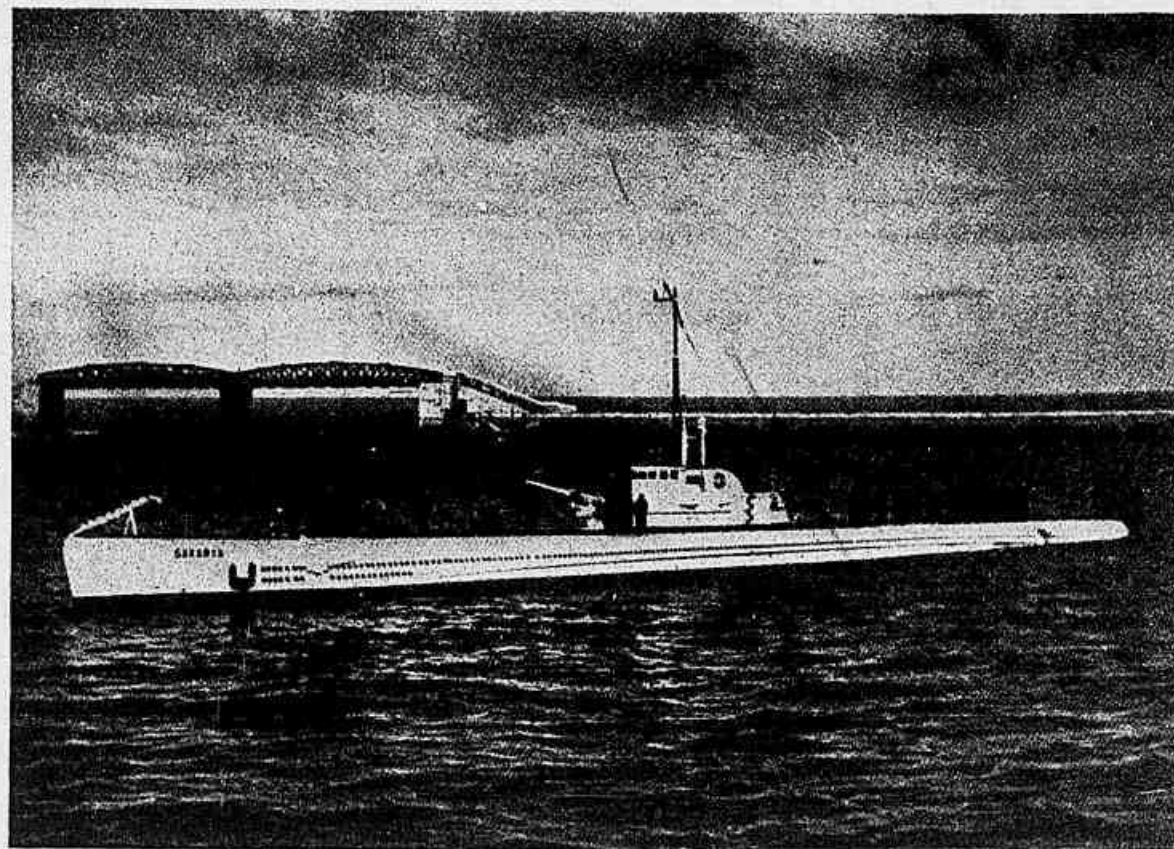
Por

De
Mattos
Pinto



Hitler, de cujos designios depende o destino da Turquia.

concessões anteriores. A Russia fica proibida de molestar os cossacos, favoritos do Sultão. Imera, Kamienska, Thigan, perdem todas as suas defesas militares. Soltaram o Tzar, mantendo como refens o seu conselheiro intimo e um dos amigos. O Tratado de Pruth estipulou a independência da Polónia. Incompatibilizados pelo seu código religioso de compreender os povos que conquistava materialmente, só viam a sua voracidade bellica. Mais alguns anos, a Austria e a Republica de Veneza combatem os Otomanos, guerra que terminou pelo Tratado de Passarowitz, com vantagens para a glória do Sultão. Os russos não esqueceram as imposições de Pruth e aguardaram a oportunidade de reaver os seus direitos perdidos. Insurreições abalaram o Montenegro e a Georgia, ameaçando de inflamar as demais raças escravizadas. Os russos pacificaram as suas demandas com a Polónia, aliando-se aos cossacos. Deflagrou a guerra entre o Tzar e a Sublime Porta, na qual as tropas mussulmanas, sofreram derrotas em terra e no mar. Destruídos o exército e a marinha, com insubordinações nos Balcans e na Asia, reconhecem a anarquia do comando, aceitando a paz. O Tratado de Kainardji, que se executou em 1774, instituiu a liberdade de navegação no Mar Negro e no Mediterraneo, garantia de polidez com os embaixadores europeus, posse de Azow, Kahartars e de Kilburum, reforma administrativa da Valaquia e da Moldávia, independência de Kuban, Bessarábia, e da Criméa. Tudo isso significava em linguagem militar, que a Russia se aproximava estrategicamente de Constantinopla e do Bósforo. Dissimulava os seus projectos de expulsar da peninsula balcanica, as hordas do Islam. O Tzar sonhava em completar a sua dignidade de monarca absoluto com o titulo de Imperador do Oriente. Os eslavos odiavam os Turcos, observando os movimentos russos, como quem olha os acenos da liberdade. Depois de 1774, opera-se uma revolução no cenário das potências europeas. Francezes e inglezes, pouco influem no Mediterraneo Oriental, infestados de corsarios mussulmanos. Veneza e a Austria perdem a sua importancia politica, durante algum tempo. Só e toda poderosa, a Russia desafia o exército turco e se não marcha sobre Constantinopla, assim o faz pelo receio de uma coligação das outras potências interessadas. Cobigando o protetorado da Criméa, jogou os tártaros entre si, substituindo Khans favoráveis ao Sultão, por principes vassallos do Tzar. Supunham os Otomanos, que tanto os francezes, como os suecos viriam em seu auxilio e nessa convicção declararam guerra á Russia. Nem a Suécia, nem a França, moveram um só regimento. Os austriacos julgaram boa a occasião de partilhar a Turquia Européa, entrando na campanha. As forças islamicas refazem-se da surpresa, por esse inesperado adversario, lutam e vencem, ditando o Tratado de Sistow. Os russos continuaram a guerra, invadiram a Valáquia, Moldavia, Ismail. Veio, em 1792, o Tratado de Yassi, retendo os moscovitas terras de Kuban, da Bessarábia, o dominio da Ilha de Taman e cuja principal cláusula dava ao Império Russo a conquista definitiva da Criméa. No fim do seculo XVIII, decresce o impulso religioso, a avidez de pilhagens substituindo a doutrina. A sensualidade, o ócio e as intrigas, as felonias administrativas, as insurreições dos Janisarios, debilitavam a capacidade guerreira da Turquia. Extinto o tempo das guerras religiosas, os Turcos se prevalecem do choque das raças nos Balcans, para influir nos futuros acontecimentos da politica européa.



ARMADA TURCA : o submarino "Sakarya".

Noticias e comentarios

O novo Embaixador do Equador



Flagrante tomado no salão de honra do Palácio do Catete quando o novo embaixador do Equador junto ao governo do Brasil, sr. Enrique Arroyo Delgado,

entregava suas credenciais ao presidente Getulio Vargas.

O dr. Enrique Arroyo Delgado é bacharel em Ciências Sociais e doutor em

Jurisprudência pela Universidade de Quito. Tem exercido importantes cargos no Ministério das Relações Exteriores do seu país, dentre os quais: chefe da Seção Diplomática e Protocolo, sub-secretário de Estado das Relações Exteriores, encarregado de Negócios em Londres, secretário geral da Delegação para as Negociações Limitrofes com o Peru, realizadas em Washington, diretor da Seção de Limites do Ministério das Relações Exteriores, consultor jurídico do mesmo Ministério, membro da Comissão Nacional Equatoriana para a codificação do Direito Internacional. Exerceu, ainda, as seguintes funções estranhas à vida diplomática: secretário geral do Conselho Superior de Instrução Pública, sub-secretário do Ministério da Fazenda, delegado do Equador à 1.ª Conferência Inter-Americana do Trabalho, reunida em Santiago do Chile, em 1936. Exerceu, ainda, o jornalismo, tendo sido o fundador, em Quito, do "Diário da Tarde", em 1932. Publicou, em 1939, o livro *Las Negociaciones Limitrofes Ecuatoriano-Peruanas de Washington*. Possui numerosas condecorações.

NOSSA CAPA

Novamente temos *flamboyants* embelezando com seu colorido vermelho a capa da "Revista da Semana". E' que os pintores se sensibilizam facil-

Revista da Semana



mente diante da pujança de cores desta árvore tão encontrada nos jardins e matas brasileiros.

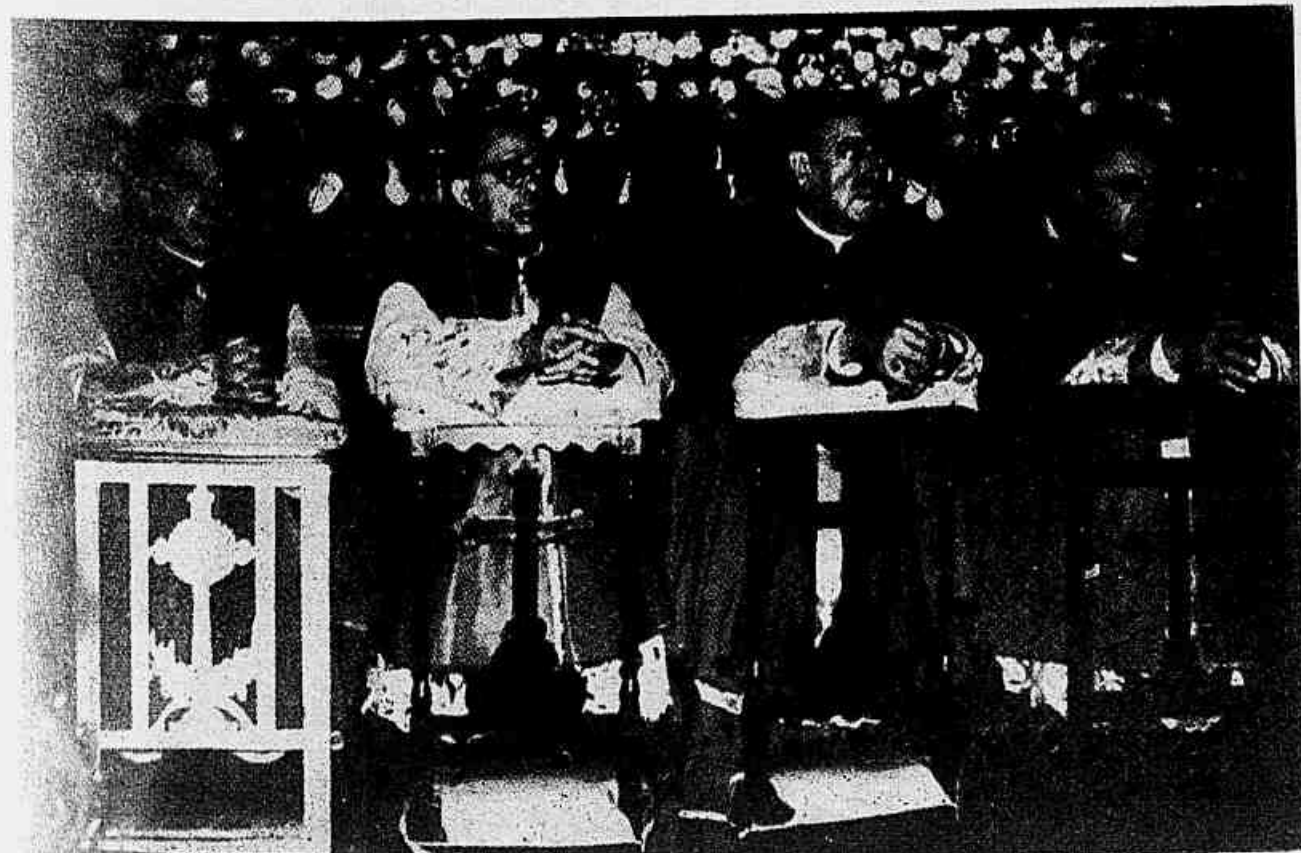
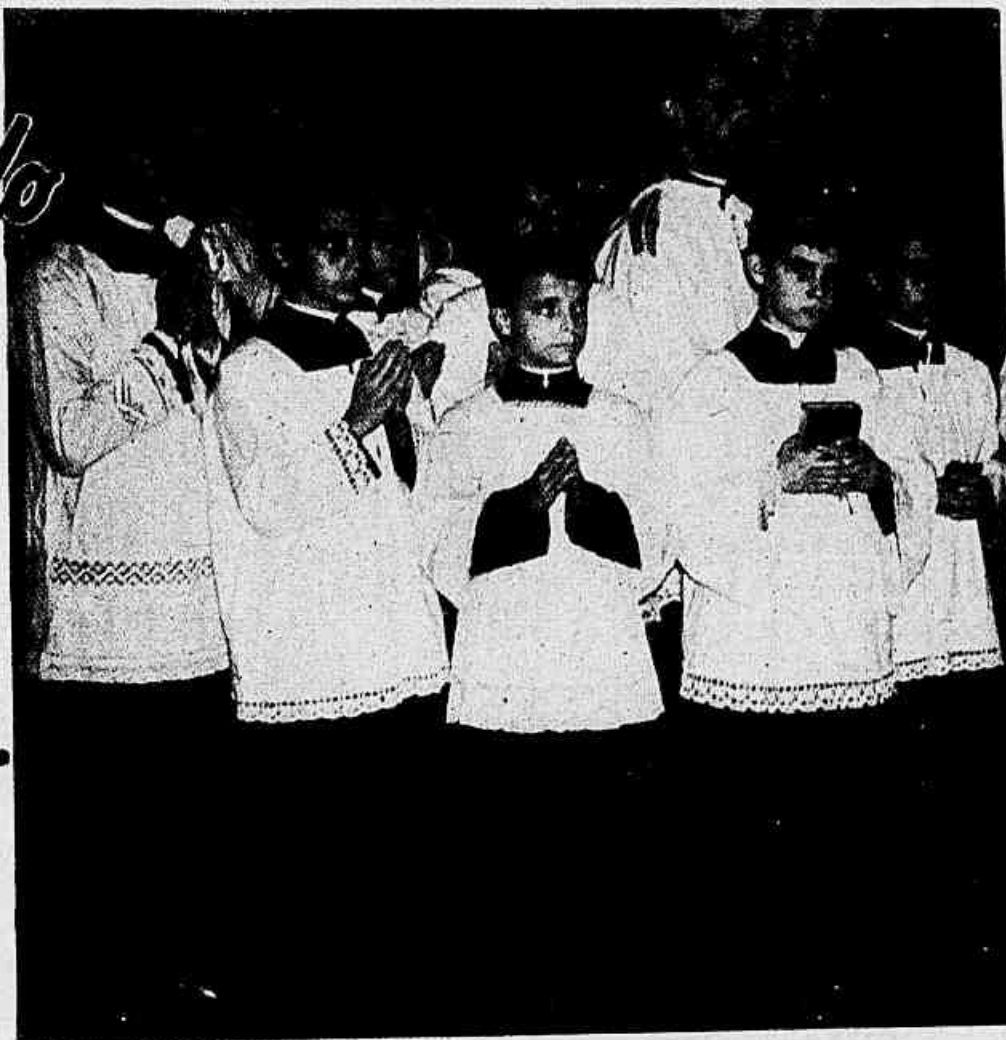
José Maria de Almeida encontrou essas duas árvores num recanto do Rio. Isoladas no cimo duma pequena colina, defrontam-se com a igreja da Penha, que se avista ao longe. Não se sabe se o que as caracteriza é o vermelho vivo das flôres ou o verde intenso das folhas. No pequeno vale uma casa rústica aparece em tons esmaecidos. O templo, que em Outubro fica repleto deromeiros, aparece-nos em um de seus dias normais. E' esse em conjunto a bela capa do nosso número de hoje.



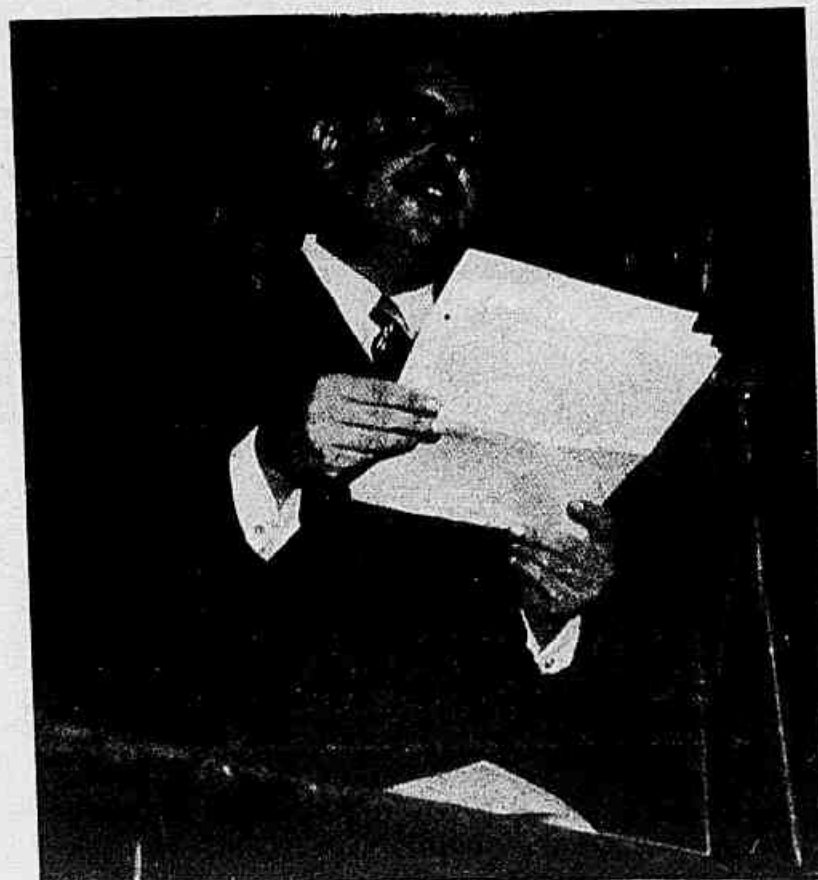
Comemorando a famosa encíclica de LEÃO XIII

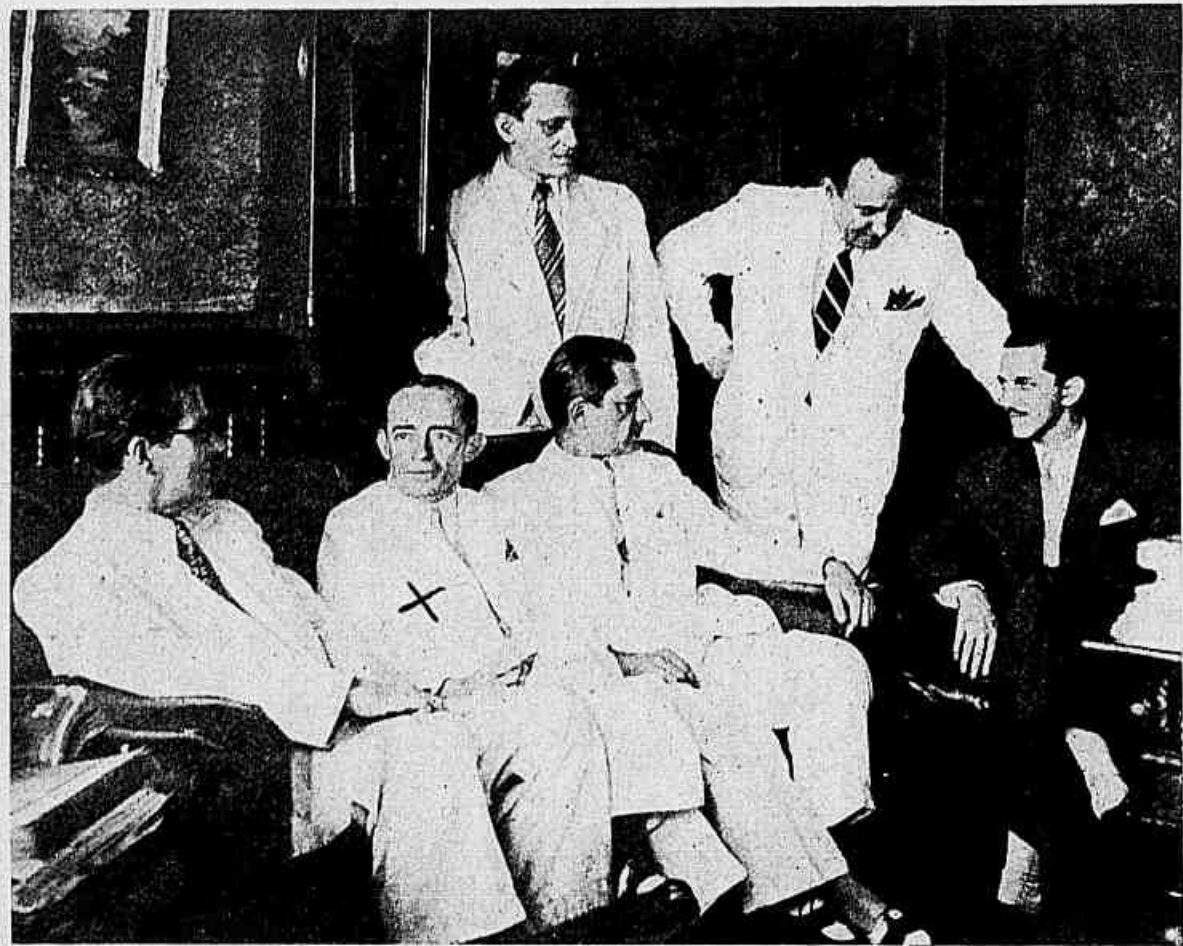
A data de 15 de maio, cuja profunda significação no momento atual foi realçada no número passado da REVISTA DA SEMANA, foi comemorada em todo o mundo com a atenção devida a um dos documentos fundamentais à compreensão do século XIX.

No Brasil revestiram-se de grave solenidade as comemorações levadas a efeito. O interesse em torno da data causou uma das maiores "blagues" dos últimos tempos com os boatos incessantes que correram, inclusive da imprensa, de que seria feriado. Isso não se deu, o que não evitou que fosse dado um cunho oficial às solenidades do dia. Na Candelária foi celebrado solene "Te Deum" com a presença do Cardeal do qual apresentamos nesta pagina um flagrante expressivo. Estavam presentes o ministro Waldemar Falcão, general Francisco



José Pinto, o sr. Amoroso Lima e outras personalidades. Terminou com a bênção do S. S. Sacramento e a execução do Hino Nacional. Nossa objetiva focalizou diversos aspectos da cerimônia. A' tarde, em sessão solene, foi realizada no Palácio Tiradentes uma conferencia sobre a "Rerum Novarum", do professor Santiago Dantas, que estudou e interpretou as razões, o ambiente da época e as consequências da famosa encíclica. Numa fotografia destacamos o momento em que o professor iniciava sua oração.





EM VISITA A' "REVISTA" Deu-nos o prazer de sua amavel visita o nosso amigo Edgard Proença, figura destacada na imprensa do norte do paiz, onde tem atuação notavel como diretor do «Pará Ilustrado» e redator do «Estado do Pará». No flagrante, tirado no gabinete da diretoria da «Revista da Semana», vê-se assinalado Edgard Proença.

AS LINGUAS UNIVERSAIS

As línguas chamadas universais, como o esperanto e o volapuk, que são as mais frequentemente citadas, baseiam-se na teoria da simplificação da soletração, procurando dar-se às letras e às sílabas o som que devem ter. Em volapuk, por exemplo, cada uma das vinte e sete letras tem um único som.

Eis a origem das línguas universais: Volapuk (1879) ideada por Johann M. Schleyer, da Alemanha;

Esperanto (1887) pelo dr. L. L. Zamenhof, da Polónia;

Mondolique (1890);

Universala (1883) por Eugen Heintzeler, da Alemanha;

Kosmos (1894) por Eng. A. Land;

Novilatin (1895) por E. Beerman, de Leipzig, Alemanha;

Idioma Neutral (1902) por M. Rosenberg, da Rússia;

Ro (1906) pelo reverendo E. P. Foster, de Marietta, estado do Ohio;

Spatari-Radio-Co, língua universal sem gramática nem vocabulário, baseada nas sete notas da escala musical;

Ido (1907) organizada por uma comissão internacional de filólogos e linguistas;

Anglie, proposta pelo professor R. E.

Zachpisson em 1930 e tendo por base uma análise das palavras inglesas mais correntemente usadas.

PADEREWSKI

Tendo terminado, sob os aplausos mais entusiásticos, um concerto em certa cidade norte-americana — não das maiores, cumpre observar — Paderewski deixou-se ficar nos bastidores, pensativo, gravemente preocupado. Um dos seus familiares perguntou-lhe se sentia qualquer indisposição.

— Não, não... respondeu o grande pianista. — E' que dei pela falta duns amigos... Aquele casal tão simpático... aqueles velhinhos, não sabe?... que costumavam sentar-se na quarta fila da plateia... Não os vi hoje.

— Não sabia que o senhor tivesse amigos nesta terra. Conhecia-os intimamente?

— Isto é... explicou o virtuose — nunca tive o prazer de lhes ser apresentado. Mas sobremaneira me agradava a atenção com que me escutavam. Venho aqui há vinte anos e sempre, por assim dizer, toquei exclusivamente para eles.

E, meneando a cabeça, fez este voto comovido: — Queira Deus que lhes não tenha acontecido nada de mau!

O Dia da Imprensa



1 — A posse da diretoria da Associação Brasileira de Imprensa. Aspecto tomado quando o sr. Herbert Moses, presidente reeleito, pronunciava o seu discurso.
2 — Aspecto parcial da assistência ao ato da posse da diretoria da A. B. I.
3 — A aplaudida cantora Marion Mattheus ao realizar o seu recital no programa comemorativo do Dia da Imprensa, organizado pela A. B. I.
Ao piano, o maestro Singer.

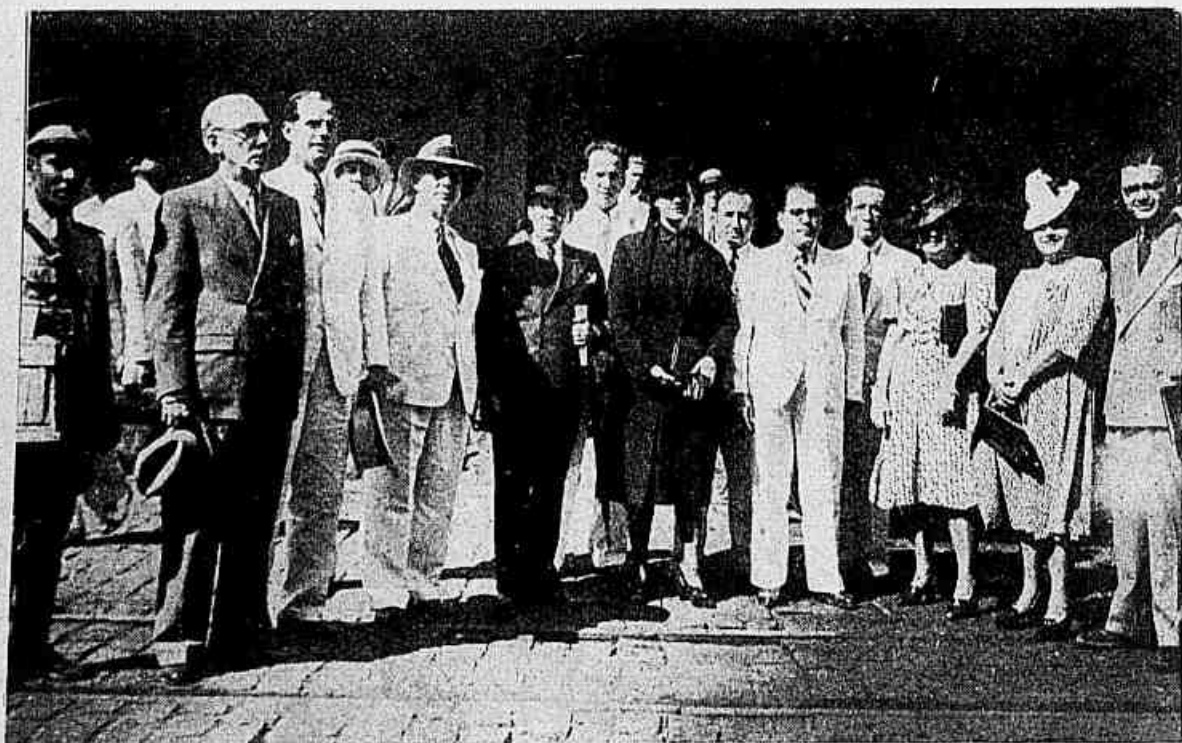
O MORRO DE SÃO CARLOS

Na Faculdade Nacional de Filosofia, o curso de Ciências Sociais está realizando um inquérito sociológico-estatístico com o objetivo de determinar o nível de vida da população de nossas "favelas". Essa interessante pesquisa está sendo orientada pelos professores Jacques Lambert e Paulo Novais.

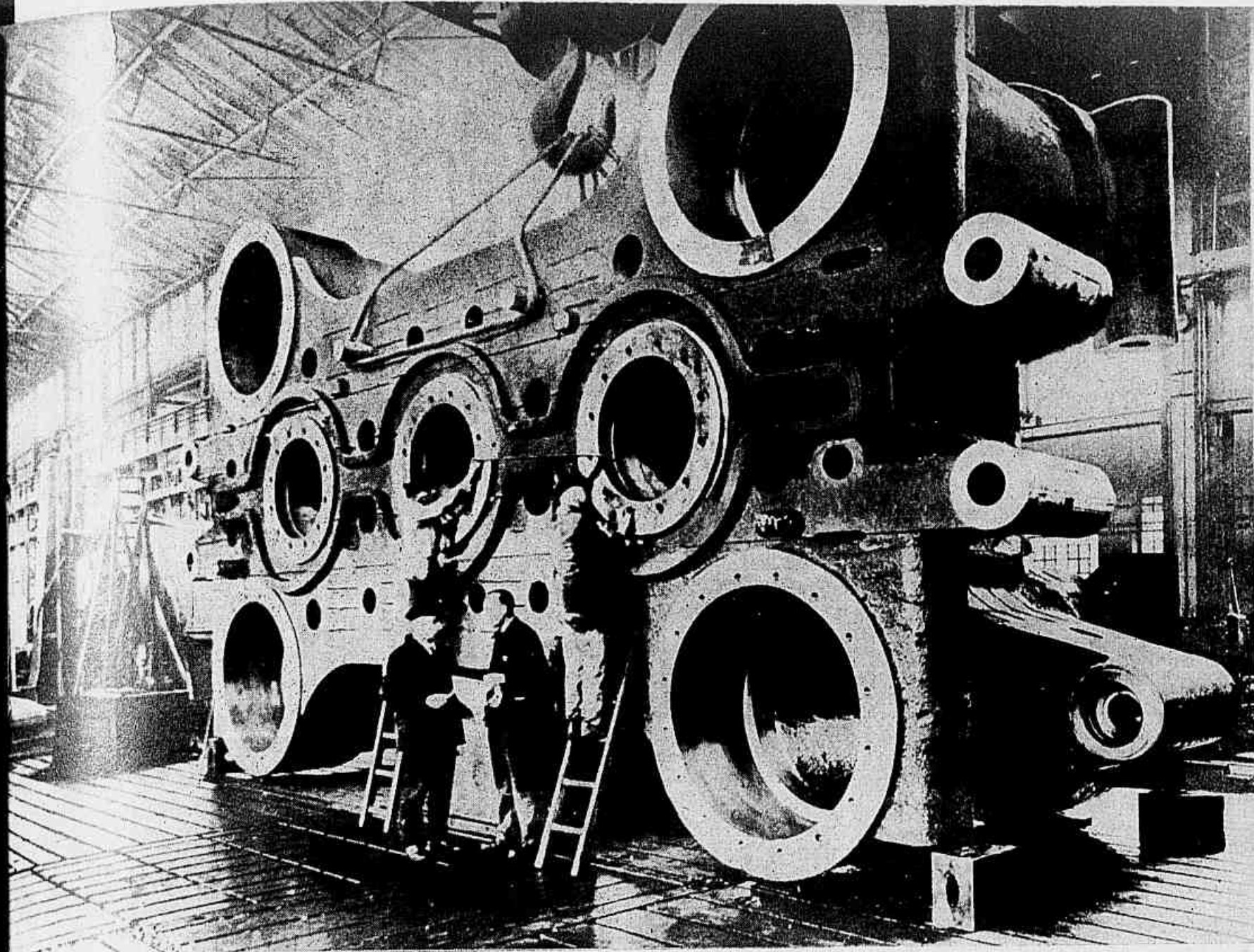
Há dias atrás os alunos do curso subiram ao morro de São Carlos e ficaram surpreendidos. Contrariamente ao que corre por aí, os habitantes das mais humildes choupanas daquele morro são trabalhadores dedicados e esforçados, que lutam com muita dificuldade na vida, devido aos baixos salários e principalmente ao fato de terem muitos filhos. Essas crianças e mesmo meninos de 13 ou 14 anos trazem muitas despesas, porque num esforço louvável todos os pais tem o objetivo firme de educá-las e por isso as

enviam a escolas distantes ou próximas, com as despesas de transporte e material escolar ou mesmo de mensalidades em colégios particulares.

Mas não é por isso que fazemos esta pequena nota. E' nosso objetivo fazer um apêlo às autoridades, que exigiram, no prazo de 3 meses, a retirada de dezenas de famílias que ali moram, no sentido de que as amparem. Elas estão na trágica situação de quem não sabe como resolver seu problema e não encontram nenhuma saída para isso. Aproveitaram-se dos terrenos não pertencerem a particulares e ali construíram seus barracões com despesas de 200, 400, 800 mil réis. Agora, com a vida estabilizada nessa situação e mesmo assim muito mal estabilizada, terão de, por si mesmos, procurar um pouso, não se sabe em que lugar. Estão desesperadas e pedem a todos que ali vão um auxílio no sentido das autoridades competentes as ajudarem ou permitirem a sua continuação no local.



VIAJANTES ILUSTRES Aspecto tomado no cães-do porto á chegada do dr. Durval Neves da Rocha, prefeito da capital da Bahia, que se vê entre sua exma. senhora e o prof. Alfred Agache.



Imensa máquina de aço fundido recentemente construída e destinada a uma prensa de forjar com 15.000 toneladas de peso. Está numa empresa siderúrgica do oeste da Alemanha.



Após um avanço em território grego a artilharia anti-aérea alemã toma posição.

Os olhos de nossos leitores podem contemplar nesta página diversas cenas das últimas fases desta guerra, que se está aproximando do seu 2.º aniversário, depois de nos ter dado a surpresa do caso Hess, o episódio mais simples de toda a campanha.

Realmente ou Hess fugiu da Alemanha por estar em dissidência com outros líderes nazistas — e isso é menos importante que a campanha da Grécia ou a revolta do Irak para o destino da guerra — ou Hess foi propôr a paz. Mas a segunda hipótese é inadmissível porque um emissário de paz não iria num avião desconhecido, nem sem anteriormente se realizarem "démarches" com os líderes ingleses. A verdade é que Hess fugiu, o que aliás não é fato incomum em qualquer época da História.

Mas o que fez o caso simples de Hess tomar vultosas proporções foi o seu inesperado. Foi por isso que ele apareceu nas *manchetes* e nas primeiras páginas dos jornais. Esse inesperado aliado ao romanesco da fuga cegou o público mundial. Se ao envez disso houvesse ele sido fuzilado, a dissidência nazista seria a mesma, mas os comentários dos jornais muito menores e o acontecimento não mudaria a face da guerra, pois actualmente a guerra está no Irak, na África e na Síria e a futura guerra pode bem estar nos U. S. A., na Rússia e no Japão.

Ao mesmo tempo o caso Hess mostrou a hiper-sensibilidade das multidões, de todas as multidões incluindo as elites. Mostrou a sede que têm do novo e do sensacional, e o enjôo que lhes causam as notícias comuns da guerra, que os nossos jornais teimam em colocar na primeira página.

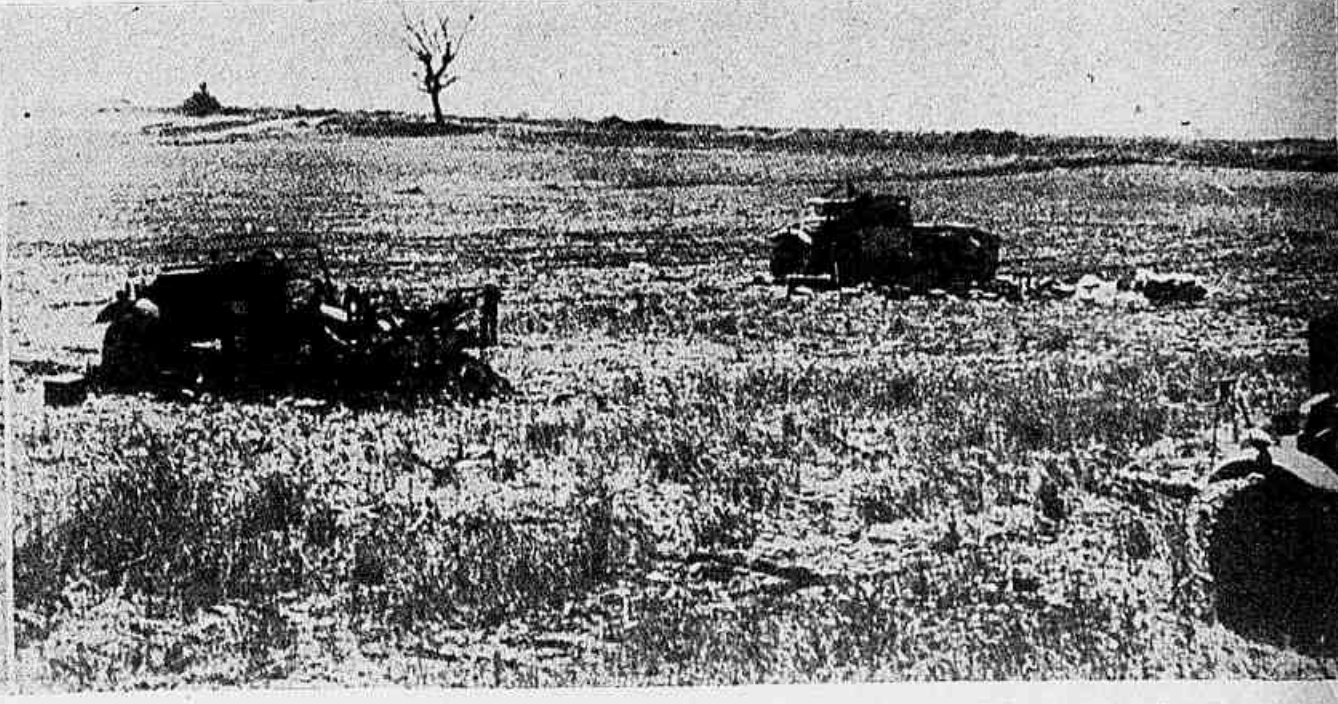
A GUERRA ante nossos olhos



Prisioneiros sérvios retornam á patria.



Tropas motorizadas alemãs no norte da Africa.

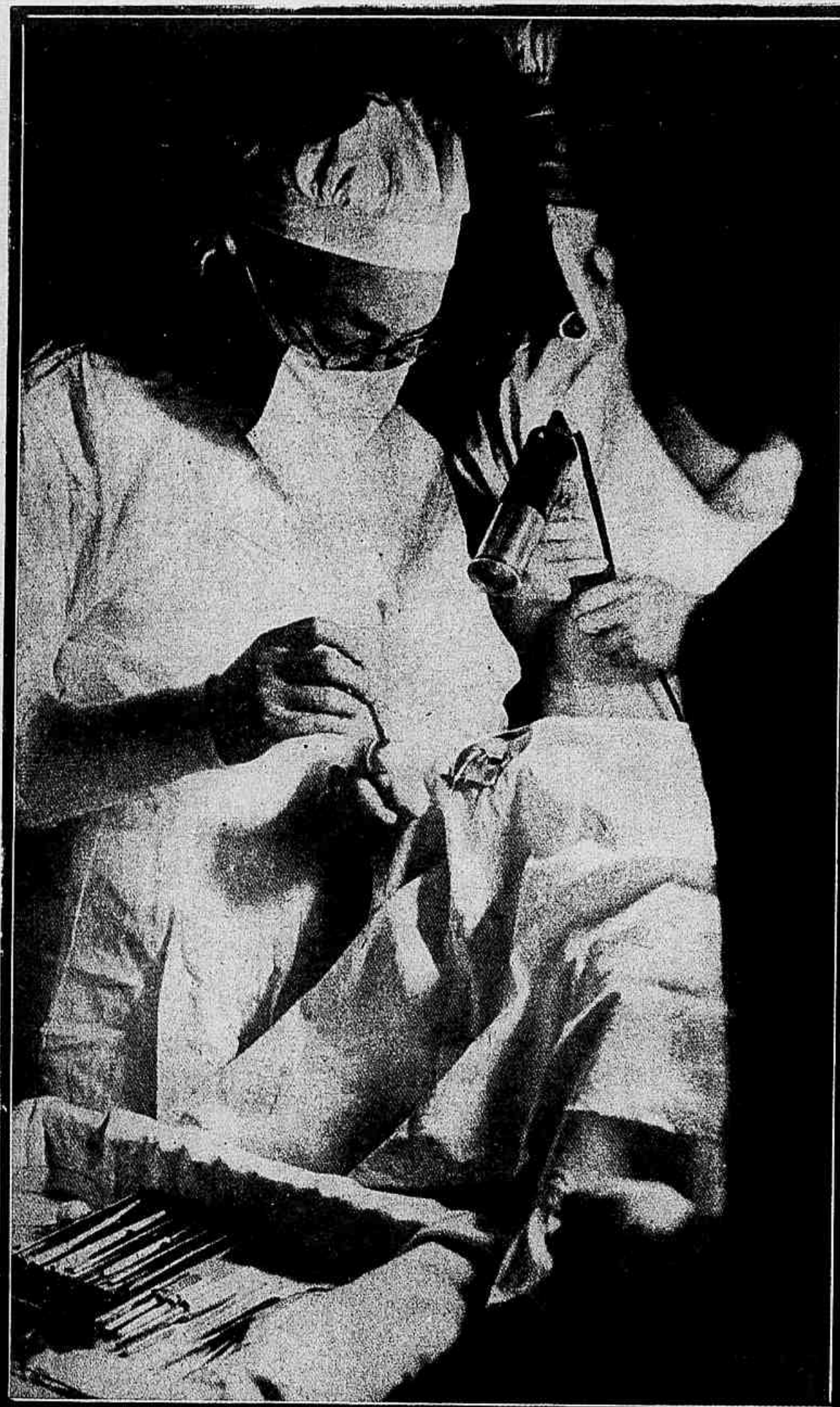


Carros bélicos gregos destruídos pelos bombardeios da artilharia.

(Fotos R. D. V.)

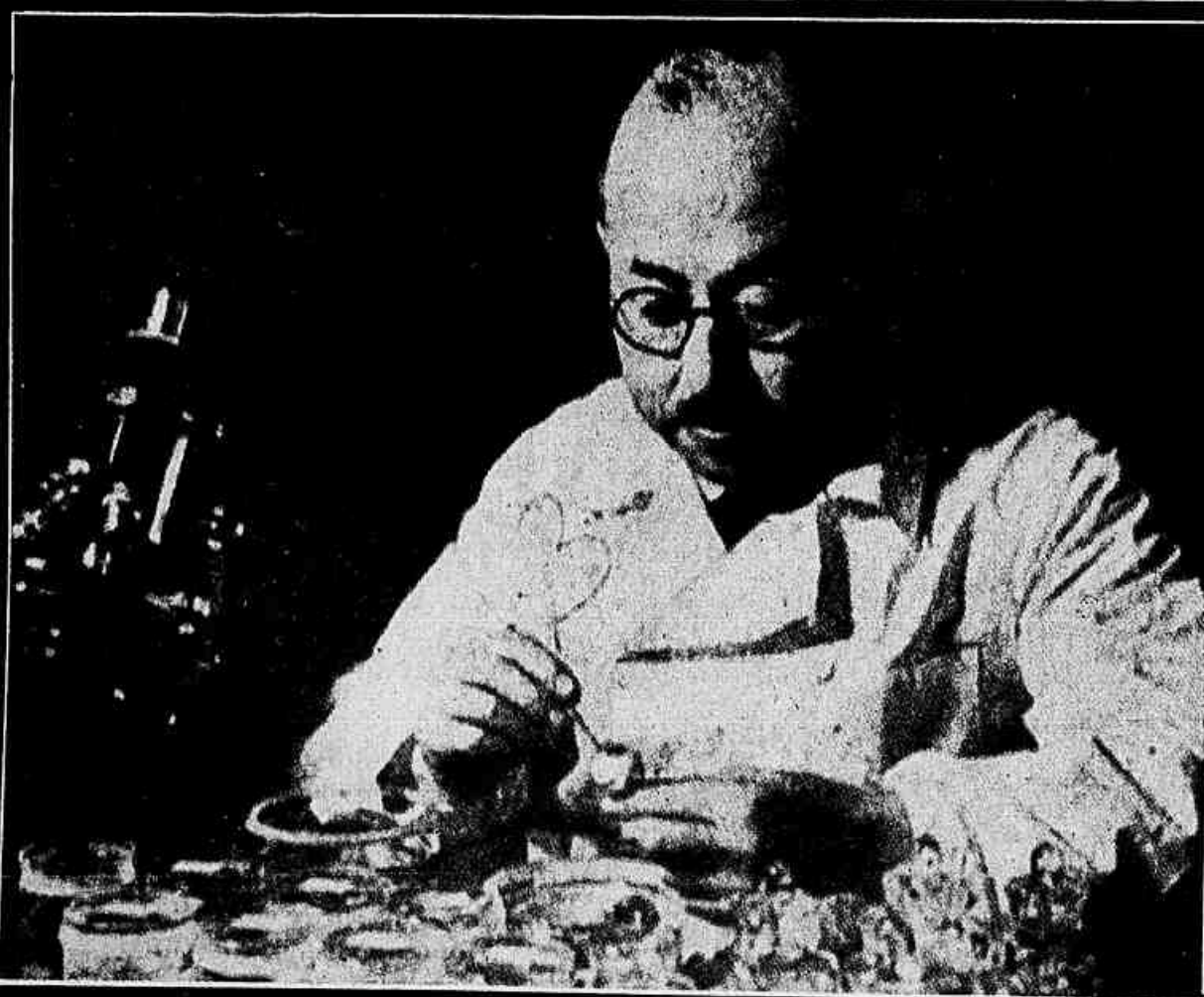
A OFTALMOLOGIA MODERNA NO JAPÃO

O método do Dr. Nakamura, de enxertar olhos

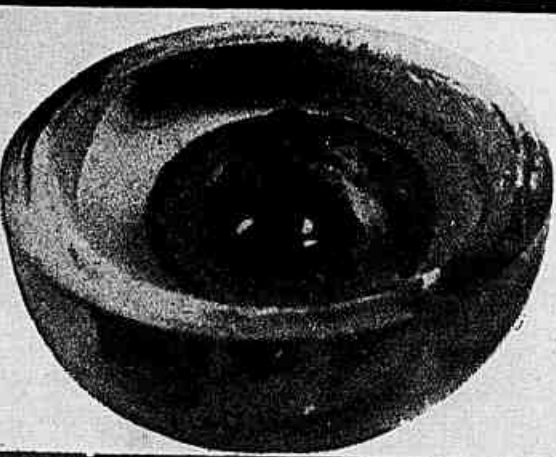


A' esquerda — O Dr. Nakamura durante uma operação cirúrgica.

Em cima — Outra fase da operação.



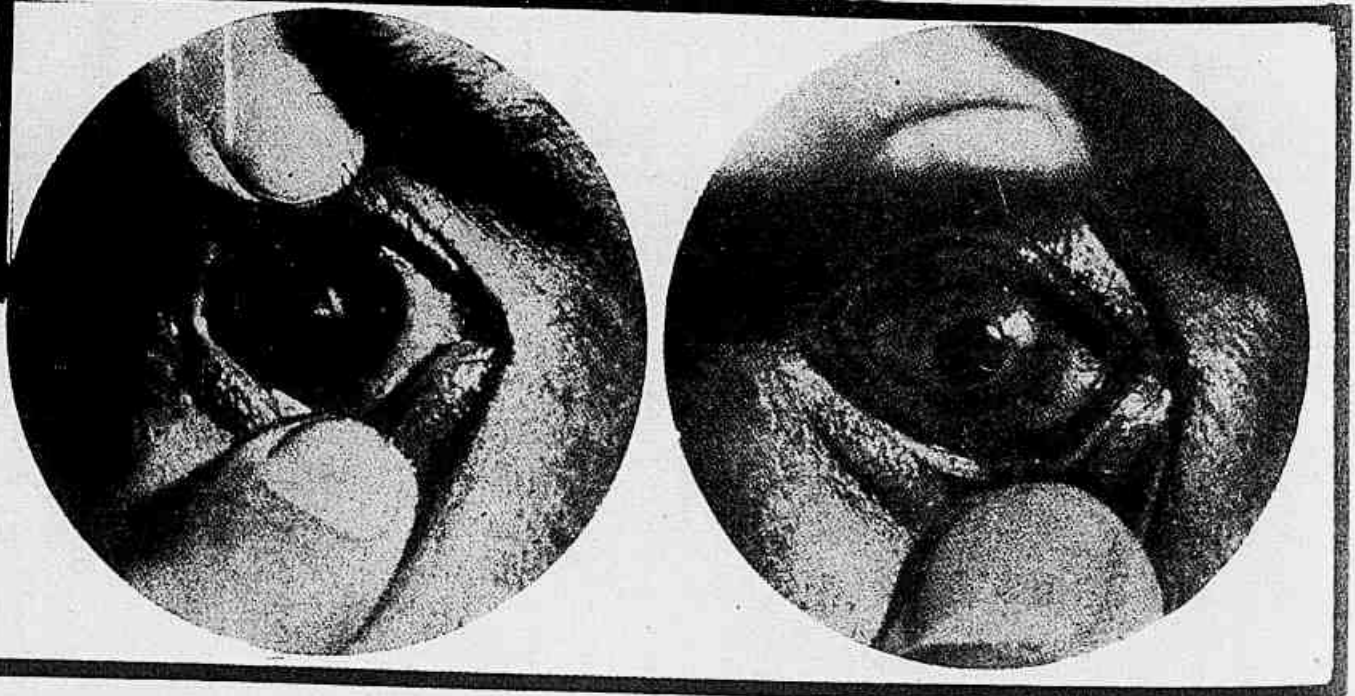
O professor japonês Nakamura, trabalhando.



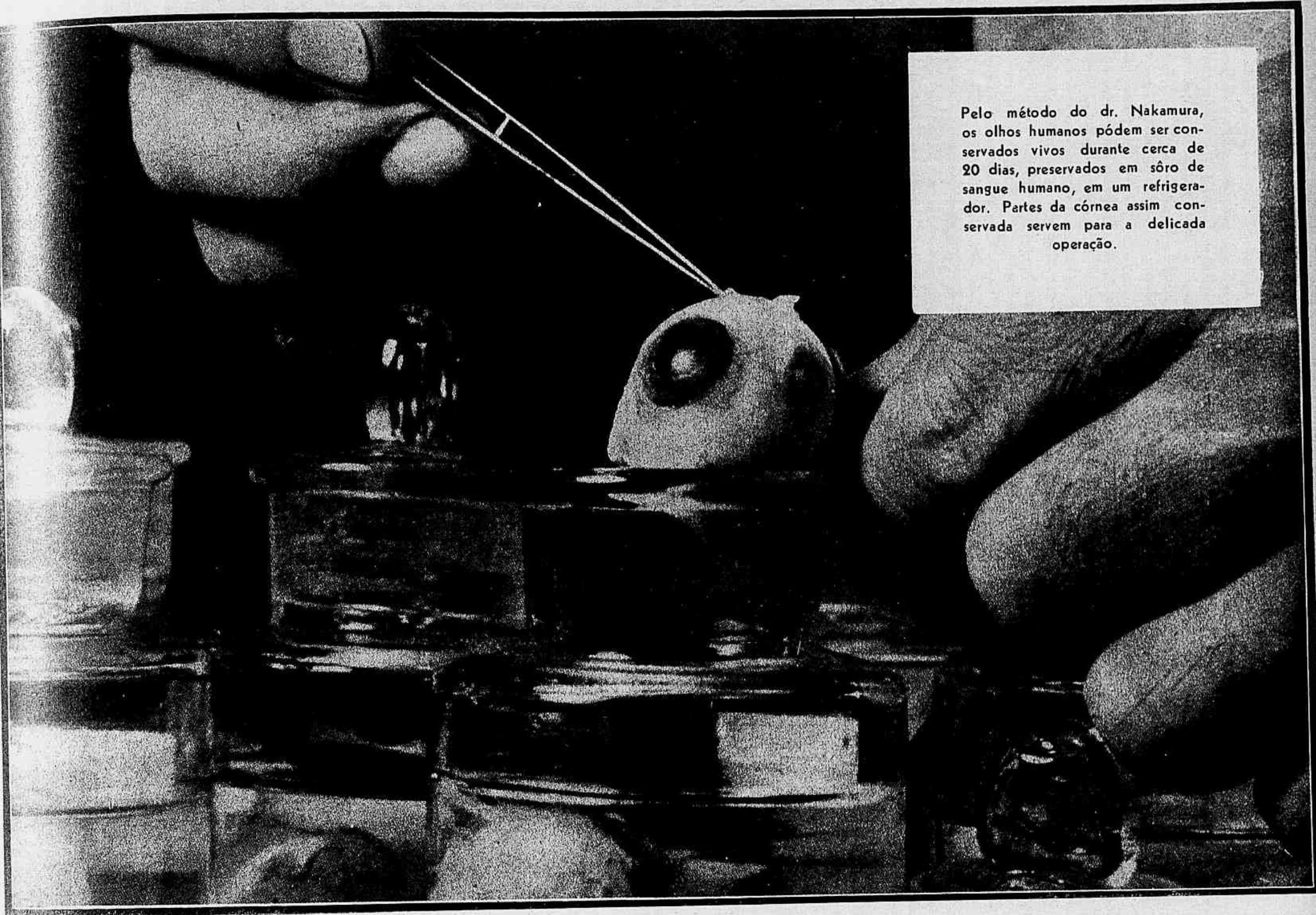
Córnea, durante o processo de conservação.

Durante mais de trinta e cinco anos os homens têm ensaiado seriamente todos os meios de se restaurar a visão aos olhos imperfeitos, inclusive o de se enxertarem, nos pacientes, olhos sãos, quer humanos, quer de animais. Só nestes anos mais recentes é que especialistas alemães — cujas pesquisas neste ramo da oftalmologia atingiram um adiantado grau — conseguiram ser bem sucedidos com tais operações, que apresentam grandes dificuldades. O feito foi mais tarde reproduzido por médicos dos Soviets e dos Estados Unidos da América do Norte, mas ainda hoje o bom resultado da operação depende dos olhos humanos. Ainda não se descobriu meio algum para se enxertar com sucesso olhos de animais.

Outro passo á frente, no sentido do adeantamento universal em matéria de cirurgia oftalmológica, foi realizado recentemente pelo dr. Yasushi Nakamura, da Universidade do Japão, que desenvolveu um método graças ao qual os olhos sãos podem ser conservados vivos pelo prazo máximo de vinte dias, em sôro de sangue, dentro de qualquer geladeira. O dr. Nakamura tem a seu crédito uma longa série de operações muito bem sucedidas. Embora nem todos os males dos olhos possam ser curados (êles elevam-se a cerca de 350 espécies) aquele professor proclama que é capaz de curar muitas das doenças comuns que causam cegueira total ou parcial.



Antes da operação (á esquerda) e depois (á direita).



Pelo método do dr. Nakamura, os olhos humanos podem ser conservados vivos durante cerca de 20 dias, preservados em sêro de sangue humano, em um refrigerador. Partes da córnea assim conservada servem para a delicada operação.

A GLÓRIA DE CEZANNE

Ao cabo de trinta e cinco anos de incessante labor artístico, cujo valor ninguém reconhecera, Paul Cézanne, verdadeiro precursor da pintura, vivia obscuramente em Aix e frequentemente apresentava amigos e vizinhos com as obras primas do seu gênio.

O dono duma galeria de Paris, negociante entendido como poucos em coisas de arte, descobriu aquelas preciosidades, comprou as que pode — a resto de barato, já se sabe — e fez na capital francesa a primeira exposição de Cézanne. Críticos, artistas, amadores, todos se sentiram maravilhados diante daquelas obras e proclamaram Cézanne um maior da arte.

Cézanne foi a Paris visitar a exposição e entrou no recinto, apoiado ao braço dum filho. Contemplou, atônito, os seus próprios quadros. E arrazaram-se-lhe os olhos de lágrimas.

— Olha! disse êle ao ouvido do filho.
— Até teem o letreiro **adquirido!**

OS DEZ MANDAMENTOS DOS CASADOS

O escritor cubano Ricardo Palma, autor do livro *Ninguém morre antes de Deus querer*, recentemente reeditado em Havana, estabelece ali êste decálogo das esposas:

"Ouvi dizer, não me lembra a quem, que os mandamentos da mulher casada, são dez como os da lei de Deus, a saber:

Primeiro, amar seu marido sôbre todas as coisas;

Segundo, não lhe jurar amor em vão;

Terceiro, cercá-lo de mimos e cuidados;

Quarto, querer-lhe mais que a seu pai e sua mãe;

Quinto, não o atormentar com ciumes e questiúnculas;

Sexto, não o enganar;

Sétimo, não lhe gastar o dinheiro em ninharias;

Oitavo, não fingir ataques de nervos nem mostrar-se excessivamente amável com os priminhos;

Nono, não desejar mais o próximo do que a seu marido;

Décimo, não cobiçar o luxo nem a ostentação.

Êstes dez mandamentos devem andar dentro da caixinha do pó de arroz, para serem frequentemente lidos, até ficarem bem de cór. O **quid** é não desobedecer a nenhum dêles, como qualquer devoto desobedece ao Decálogo.



NO MUNDO LITERARIO

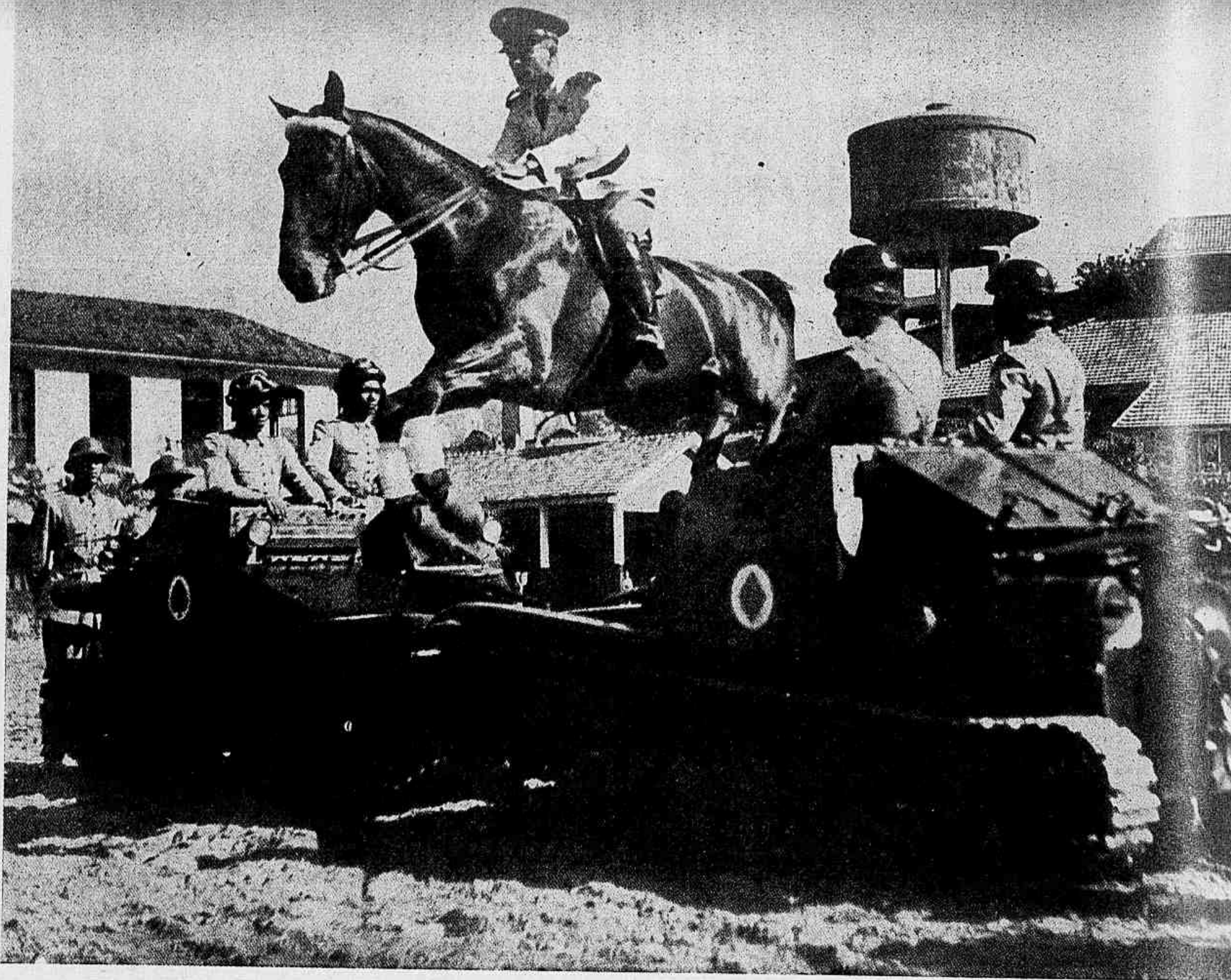
A Federação das Academias de Letras do Brasil homenageou o ilustre escritor lusitano Fidelino de Figueiredo, que foi saudado pelo academico Silvio Julio. No flagrante vêem-se sentados, da esquerda para a direita os academicos Carlos Garrido, Costa Filho, Raul Monteiro, Francisco Leite, Silvio Julio, Fidelino de Figueiredo, Souza Doca, Dioclecio Duarte, Elpidio Pimentel, Cristino Castelo Branco e Carlindo Lélis.

Saltando tanks, a cavalo

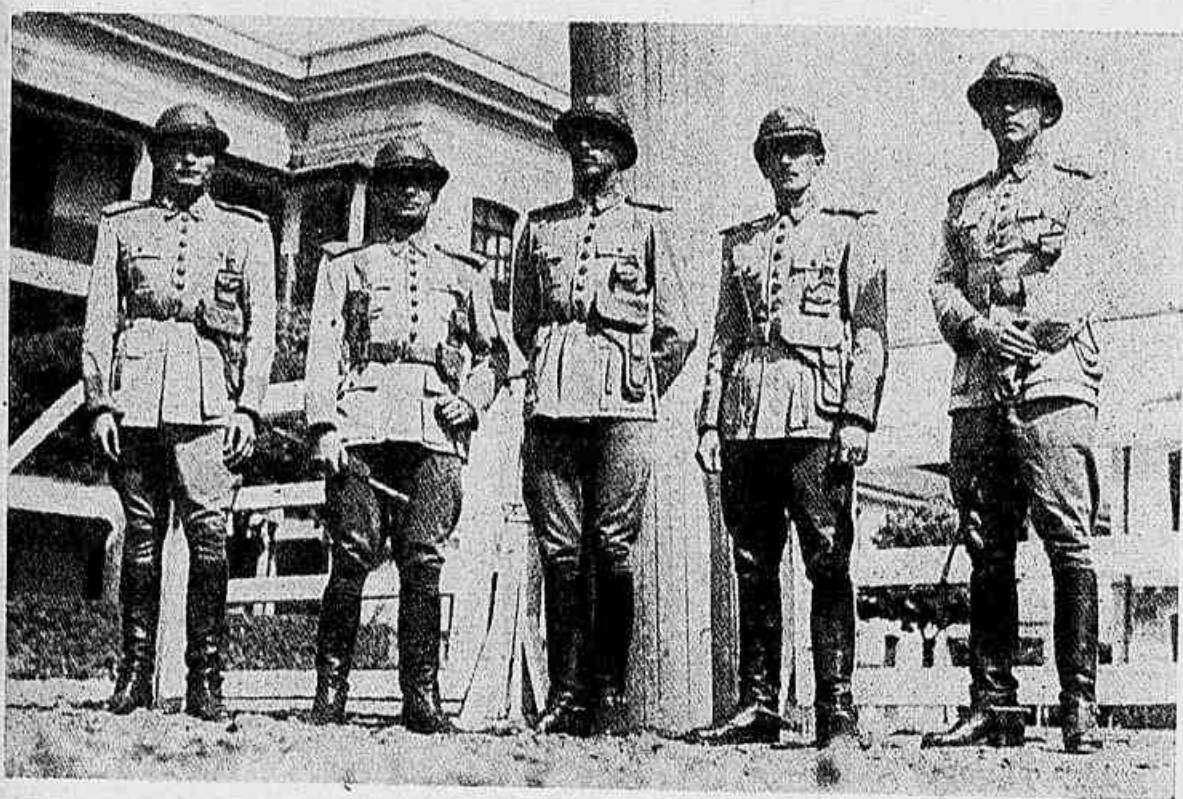
Foi na manhã do dia 13 de maio que, pela primeira vez no Brasil em provas públicas, oficiais do nosso exército transpuseram a cavalo modernos tanks de guerra, automóveis e outros produtos da luta motorizada.

Comemorava-se o aniversário dos Dragões da Independência, regimento de cavalaria fundado em 1808 pelo príncipe-regente, sendo portanto a unidade mais antiga e de maiores tradições do nosso exército. Às solenidades estiveram presentes o ministro da Guerra, general Eurico Dutra, e outras personalidades do nosso mundo militar.

A prova que atraiu maiores atenções foi a denominada "Salto de Obediência", na qual a cavalaria iria mostrar suas possibilidades em frente aos tanks. Desde o início desta guerra que se acentuou no espírito do público uma



Um dos oficiais do 1.º R. C. D. transpõe em belo salto a maior expressão dos exércitos motorizados: os tanks.



Aspecto tomado no pátio interno em que se realizaram as interessantes provas. Nele aparecem os cinco dedicados oficiais dos "Dragões da Independência" que pela primeira vez executaram em prova pública os difíceis saltos. São os tenentes Carlos Alberto, Fernando Sá, Waldo, Arnaldo e Gahyva.

dúvida a respeito da utilização de cavalos em campanhas militares. O duelo entre a arma animal e a arma mecânica despertou o interesse dos leitores, que sempre leram as notícias vindas dos "fronts" a respeito de embates entre monstros de aço e a cavalaria. Por isso é que muitas pessoas se dirigiram ao quartel da atual avenida Pedro II buscando ver a sensacional prova.

Após a sua realização palestramos com o tenente Gahyva, um dos cinco oficiais que a executaram.

Disse-nos que a prova não era, como muitos jornais anunciaram,

uma demonstração das possibilidades da cavalaria em frente à motorização. E' verdade, falou-nos, que sempre é ótimo saber-se poder o cavalo saltar tanks. Mas hoje não há mais disputas sobre a supremacia entre as duas armas. A cavalaria continuará a existir, cumprindo uma missão eficientíssima nas horas de batalha, mas bem diferente da dos tanks e armas motorizadas. A estas é que cumpre realmente abrir terreno e conquistar posições. Todos os exércitos atualmente em luta conservam a cavalaria e aumentam as divisões motorizadas. Cada uma tem seu campo de ação.



Outro oficial inscrito na mesma prova salta, depois de rápida carreira, sobre o automóvel, que numa hora de guerra seria blindado.



Flagrante do momento em que o 1.º Regimento de Cavalaria desfilava em comemoração à data de sua criação.

MUITOS núcleos indígenas possuem a nossa pátria e que ainda vivem alheios ao borborinho da vida civilizada. Quasi todo o nosso aborígene do interior veio acampar nos sertões, tanguado pelo colono ou por outros dos seus irmãos mais fortes. O drama que se passou na colonização do Brasil está em parte escrito nas magistrais cartas dos padres jesuítas à sede da Ordem, principalmente dos relatos autênticos e cheios de vida do padre Anchieta, o apóstolo da América. O índio do litoral, portanto, desapareceu na massa mameluca ou então dizimado pela tuberculose ou pela impiedade dos conquistadores. O que fugiu lá para dentro do país procurou os recessos e lugares inacessíveis e nunca mais pensou em entrar em contato com o civilizado. E' por isso que o índio visto geralmente no interior, nas cercanias das nossas cidades sertanejas, quasi sempre está abastardado, sem os característicos dos seus ancestrais. Nem pensemos que isso constitui um benefício para a civilização brasileira; o selvagem pouco trabalhado e que se não integrou na vida civilizada.



Canôa abicando a praia, tripulada por Carajás.

da, não representa um valor na comunhão nacional, é, as mais das vezes, um quisto racial, com todos os seus inconvenientes. Dentro desse panorama, todavia, há um trabalho hercúleo de integração do indígena feito pela obra patriótica de Rondon, cuja vida tem sido consagrada, desde a mocidade, ao aproveitamento da energia latente constituída pela população aborígene do Brasil. O que se pode esperar dela, a história dos nossos primeiros estabelecimentos gravou na epopéia das bandeiras e nas entradas temerárias da era de quinhentos.

No sertão o índio quasi não é visto; é um engano supôr que se tropeça com ele ao primeiro gesto de curiosidade. Para vê-los há que se esforçar o viajante, penetrando lugares ínvios e muitas vezes perigosos. Visto por exemplo nas cercanias dos garimpos, como tivemos oportunidade de observá-lo, dilue-se na massa heterogênea dos aventureiros da região e é verdadeiramente contristador o seu aspecto isolado, quasi sempre enroupado em farrapos, em fila indiana, seguido pelos seus cães esquálidos e fidelíssimos. Tem então todos os defeitos do civilizado, mormente o hábito da cachaça e da vadiagem.

Nós mesmos em tempo supuzemos que um dos seus vícios era o furto, porém depois, estudando os hábitos indígenas, chegamos à conclusão de que consideram o alheio como de sua propriedade; supõem lançar mão daquilo que lhes pertence também, pois estão habituados em suas tabas e aldeamentos à posse coletiva.

Outro aspecto é o do indígena aldeado, tanto nos arranjos e organizações da obra do general Rondon, como nas "reduções" dos salesianos. Conhecemos vários desses núcleos, onde o selvagem tem sido aproveitado com inteligência e verdadeiro espírito de humanidade. Acreditamos, entretanto, que nesses oásis, se não poderia observá-los e chegar a conclusões científicas. E' que já estão afastados do ambiente nativo, na angústia do abraço civilizador. O selvagem deve ser visto na maloca, como para tanto poucos são os lugares acessíveis e sem perigo, quem se abalança ao trabalho tem que se armar de coragem e disposição para fadigas. Também os diversos núcleos indígenas na Amazônia, mas nenhum deles nos deu tanta impressão real como os de Araguaia. Foi com os Carajás que sentimos realmente a pressão da vida dos selvagens, ainda que um pouco modificados os hábitos pelo mau trato deles com as nossas cidades vizinhas.

Antigamente os Chambioás, Carajás, Carajás e Javaés formavam uma nação. Possuíam 60 a 80 aldeias à margem do lendário Araguaia e que ocupavam uma extensão de umas cento e vinte leguas. A massa indígena era, então, de uns oito milhões habitava a região desde o furo do Bananal até Itaipaba. Hoje os Carajás são isolados, percebendo-se o cruzamento do tipo com o de outras tribus.

Araguaia nesse ponto corre entre praias de areia fina e elas são tão largas que o mato fica longe, manchando de verde a linha do horizonte. Há momentos em que o olhar confunde a linha das águas com o céu azulado, principalmente pela

Carajás

de Rezende Rubin

manhã. O silêncio majestoso interrompe-se de vez em quando: são os pássaros tagarelas esvoaçando e o possante voar do pato selvagem.

Nesse ambiente magnífico as horas de meditação sempre são as do ocaso: tudo como que se concentra e se recolhe na moldura do sol que se deita espadanando raios de ouro na água corrente, manchada a êsmo por todas as côres do espectro. Durante o dia e nos momentos de maior calor duas figuras são obrigatórias nas águas caudalosas do rio: a ariranha, como um palhaço a dar cabriolas exibindo o riso de suas bocas rasgadas em focinho roliço; o jacaré, tomando o seu banho de sol, sonolento e preguiçoso, mesmo quando despertado pela bala que espadanou a areia ao seu lado. Enquanto a gentil ariranha faz contorsões felinas, emprestando vida a tudo, o jacaré, cauteloso, mesmo fugindo do perigo, ainda vai se ajeitando, como quem procura o caminho mais fácil e macio.

E' nessa moldura que encontramos o Carajá. Denuncia-se, desde logo, como no tempo de Couto de Magalhães, pelo fumo de suas fogueiras, assinalando de momento a momento os seus aldeamentos. O fogo ainda lhes serve como sinal, alertando a tribo quando da aproximação de qualquer perigo. Além disso o fogo fornece a caça e devasta o mato na "coivara", preparando o terreno da plantação. O carajá cerca os animais ariscos nas bordas dos lagos prendendo fogo ao mato, de maneira que a caça procura escapar pela água, justamente no lugar onde ficam os índios à espera.

Muito antes de abordarmos o índio já o adivinhámos no canoeiro que passa, de porte pequeno, olhos e cabelos negros, cor de bronze alguns, outros mais acobreados, manobrando suas "montarias" em pé no fundo das "ubás", firmemente apoiados em suas pernas arqueadas. Todos os indígenas da região possuem na fala algumas palavras portuguesas; no relato de alguns salesianos, mesmo no rio das Mortes os temíveis Chavantes usam de alguns vocábulos nossos, o que faz pensar na possibilidade de se encontrarem ali alguns criminosos foragidos.



Moças carajás esperando o momento da partida.

Familia carajá

E' com a naturalidade do tempo de Cabral que o carajá se aproxima da gente. Vem quasi despido, trazendo à cintura o fio torcido de algodão que lhe cinge os rins e alarga-se na frente, à maneira de tanga. As mulheres são mais arredias, ficam olhando de longe e só se aproximam quando os homens da tribo lhes dão sinais — trazem também o fio à cintura, porém na frente teem um quadrângulo pendurado, feito geralmente de algodão ou de cascas de árvore. Esses índios são plantadores, cultivando o algodão e a mandioca. Tecem suas redes e adornos e ainda teem o costume, quando não estão em contato permanente com os civilizados, de não permitirem o casamento antes da puberdade. O curioso desse costume é que os homens levam mais a sério o preceito que as mulheres. Nunca vimos adultério entre índios, mormente entre carajás; o pecado entre eles é severamente castigado, disseram-me depois. Outro ponto que procurámos esclarecer foi o citado por alguns observadores de que as tribus carajás tinham o costume de manter índios como reprodutores, sendo os escolhidos sustentados pela nação. Nunca constatámos tal costume.

O carajá ainda é um dos poucos índios do Brasil com os hábitos quasi primitivos.

NOSSA SENHORA das

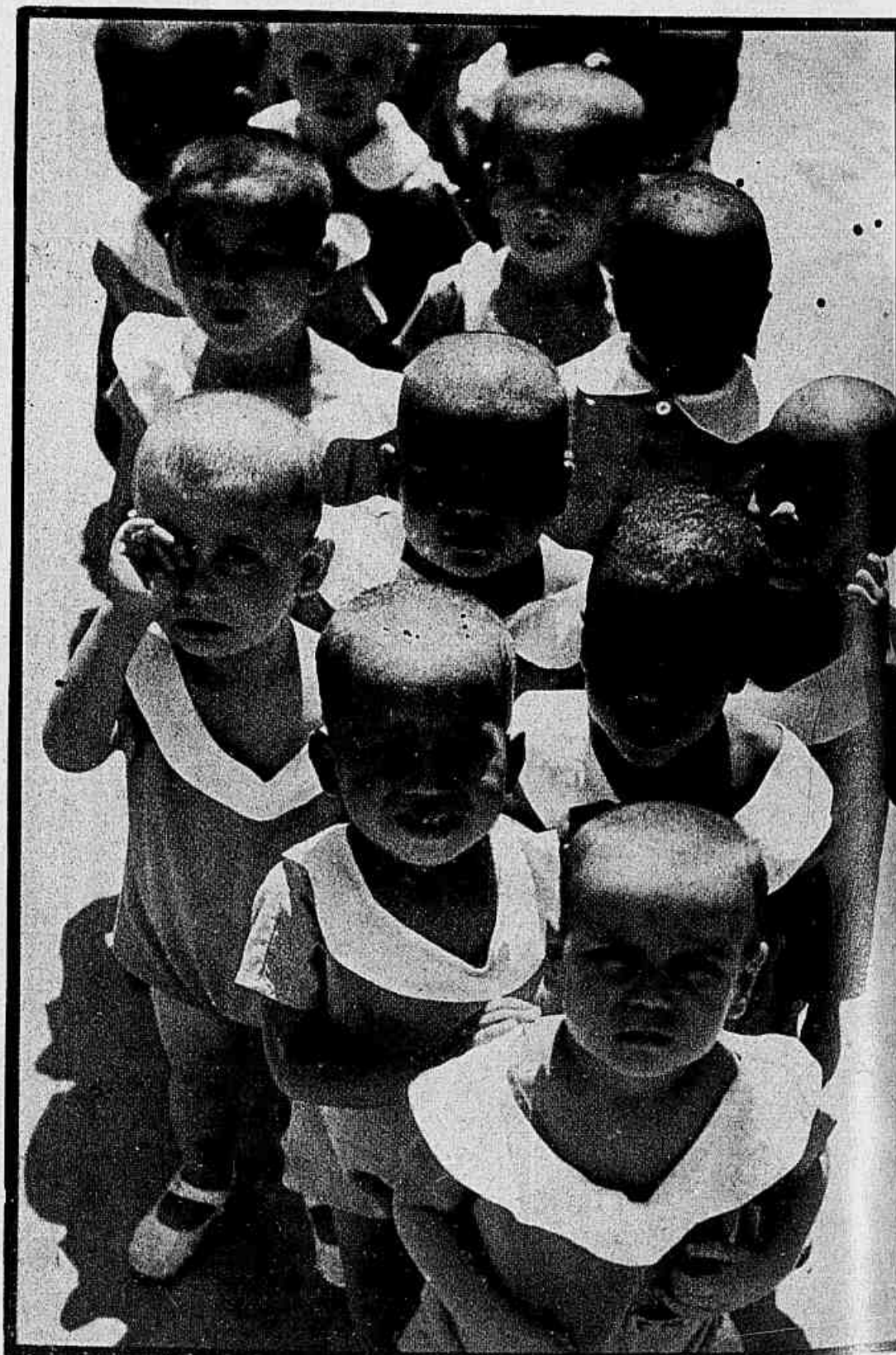


lenda de "Nossa Senhora das Crianças", que se venera em Chateaufort-sur-Cher, é uma das mais belas pelo espírito de cooperação que liga protegidos a protetores. Tornou-se também devoção de filantropos que se dedicam a orfãos e desvalidos. Esse amor que se estende em supernas dedicações surge da natureza complexa e sentimental do homem, pelo seu semelhante, mais fraco e mais digno de auxílio. Do seu coração, como de um imenso e lindo jardim, bróta a estranha flor da caridade que floresce em piedade discreta.

A Santa no seu manto azul celeste bordado de estrelas, tem sobre os cabelos louros um halo de luz resplandecente e com sorriso acolhedor, de mãos estendidas num gesto de amparo e bênção, como que repete a frase de Christo: "Deixae vir a mim, as creancinhas..."

Eis a lenda na sua simplicidade encantadora.

Um dia uma criança abandonada, numa estrada árida e deserta, chora sua desdita, e adormece á sombra de folhagens estéreis e secas. Vê, em sonho, uma linda mulher vestida de azul que tem ao lado infantes maltrapilhos como ele próprio. Ela o chama carinhosamente e



CREANÇAS

...he pão e água. Depois, serenamente, recolhe-os a todos, no seu regaço, cantando cantigas de adormecer. Era a Mãezinha do Céu!

Ao despertar, mais encorajado, partiu e, ao atravessar uma aldeia, ouviu sons que bimbavam festivamente, na capelinha branca. Entrou e sentiu a realidade do seu sonho: uma jovem, professora do local, compadecida da sua miséria e abandono, toma-o sob a sua guarda.

Passam-se anos — Amaril torna-se homem e a devoção de Nossa Senhora das Creanças não o abandona, e faz-se protetor de creanças, ele que fôra antes um desamparado.

É essa a Santa Padroeira da Casa Maternal Mello Mattos, fundada há 18 anos pelo 1.º Juiz de Menores, Dr. Mello Mattos, grande amigo das creanças.

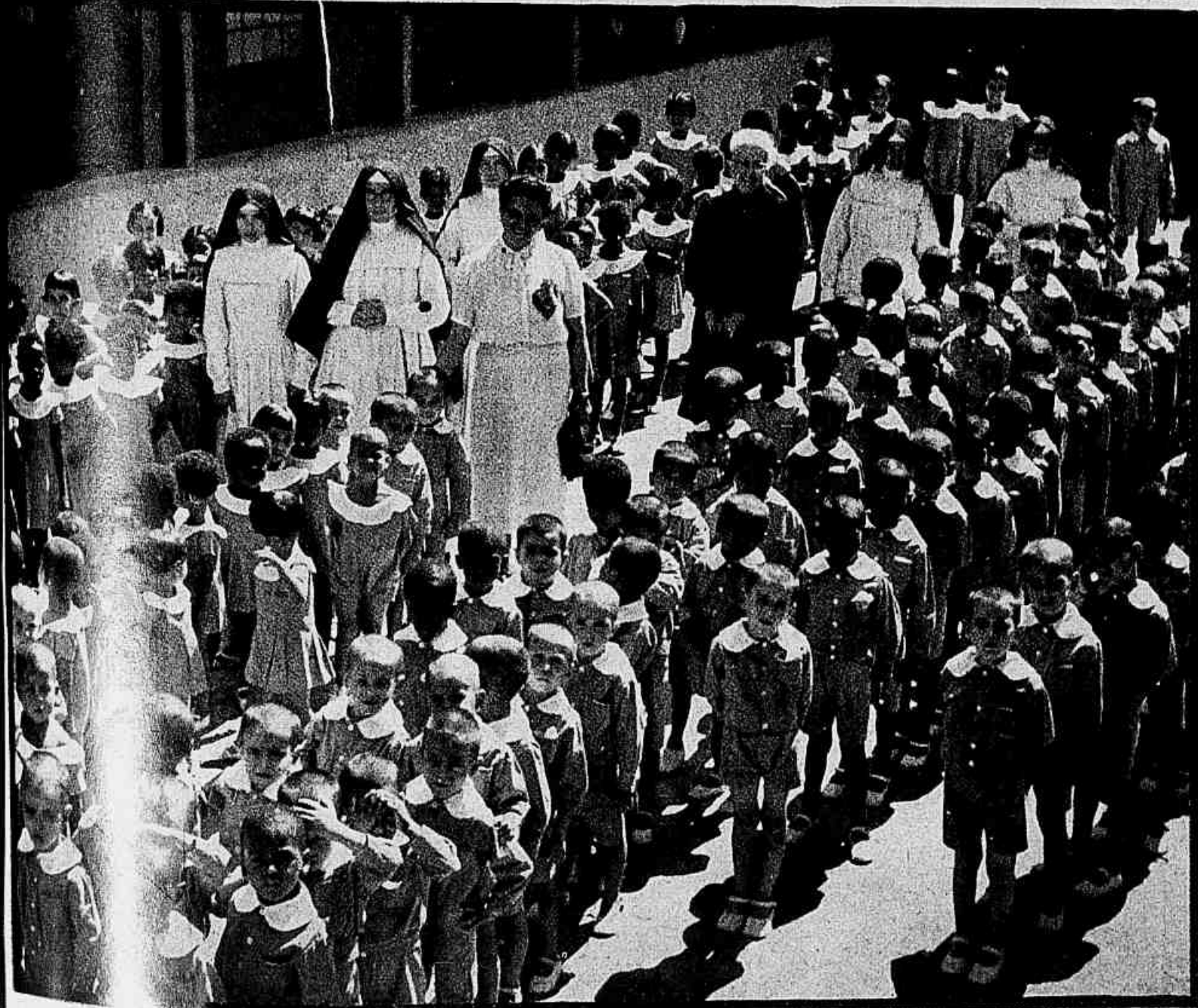
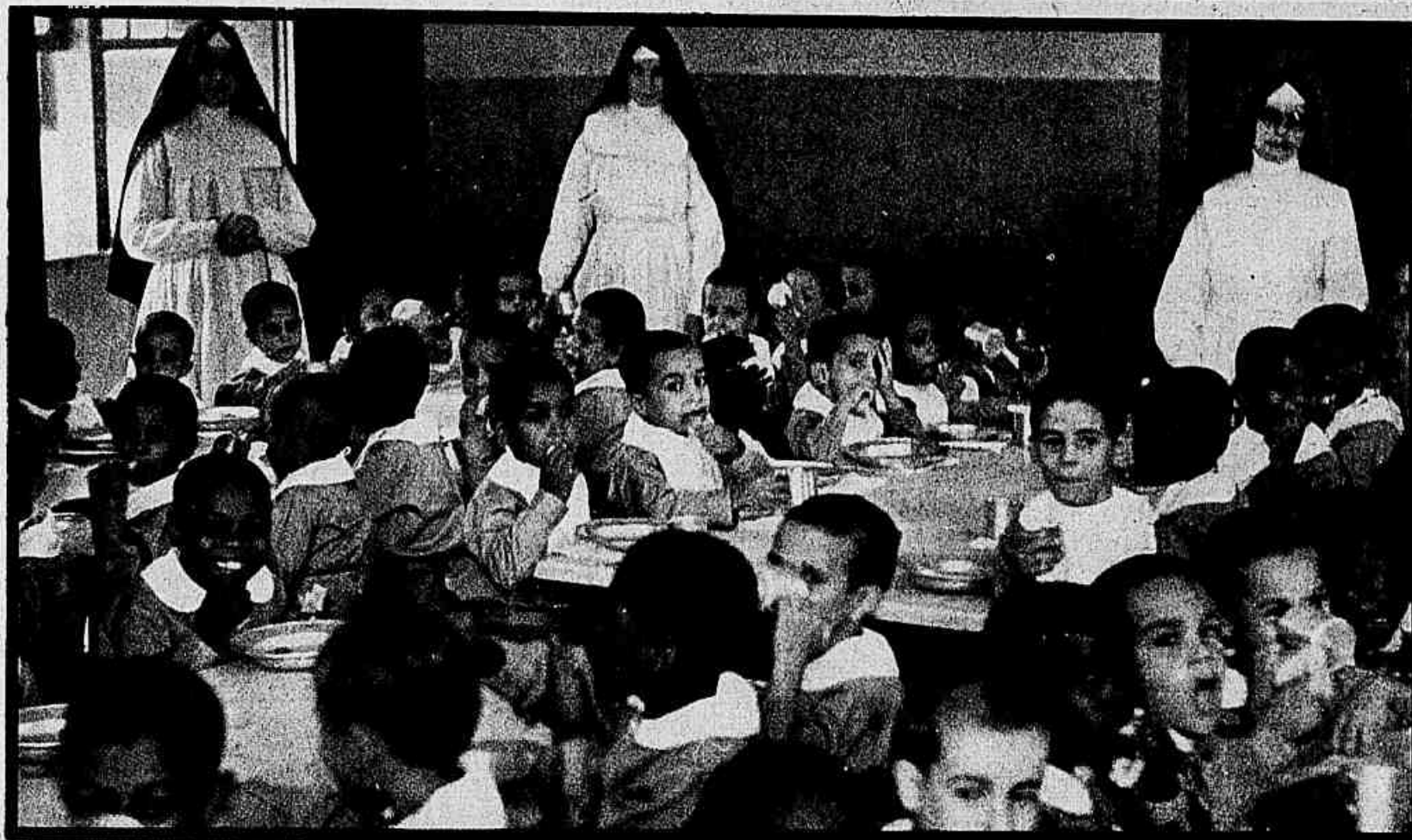
Os orfãos e abrigados daquela casa caminham, assim, protegidos pela Santa que lhes véla o destino. E d. Chiquita Mello Mattos, sua incansável diretora, ao dar o pão que alimenta, não esquece o outro, que eleva e purifica, que é lenitivo e esperança.

Ali, na Gavea, na linda e aprazível "Chacara da Cabeça", cujo panorama é um sonho, as creanças espontam para a vida, como rebentos novos, banhadas da luz que esplende vitoriosa das montanhas verdes ao mar translucido e sereno. Árvores seculares, mangueiras frondosas circundam a Casa Maternal Mello Mattos, onde as creanças são felizes e espalham-se chilreantes como passaros implumes.

Irmãos da Imaculada Conceição seguem-lhes os passos incertos e os educam para a vida.

Neste momento em que o Governo procura dar toda a proteção às creanças, considerando-as valores intrínsecos para as futuras gerações faz-se necessário que Abrigos e Azilos se desdobrem às centenas, dentro das boas regras de alimentação, hygiene e diversões.

Que Nossa Senhora das Creanças proteja e ampare a criança do Brasil!



Ela bem o merece. E' boa por destino, como sóem ser os pequeninos inocentes do mundo todo. Têm o encanto da ingenuidade, a beleza das atitudes simples, dos gestos despreocupados. Até a sua linguagem confusa é um simbolo de carícia.

As fotos destas paginas mostram-nos varios grupos de creanças da Casa Maternal Mello Mattos, colhidos em oportunidades varias, aos pés do altar da sua Santa, no refeitório, no recreio. Em todas elas ha uma irresistivel atração, porque esses pequeninos seres despertam o nosso olhar contemplativo e provocam um pensamento de compaixão. Uma compaixão pelo seu passado apenas, menos feliz do que o de tantas outras creaturas, pequeninas tambem como são elas, porque o seu presente, esse, no meio em que vivem, é calmo, é doce, é infinitamente tranqüilo, com a certeza do seu pão de cada dia e o convívio de almas boas que velam pelo seu destino.

E ainda teem elas, para melhor compreensão de que a vida algum dia lhes será risonha, a sua imagem padroeira, a Senhora das Creanças, que lhes estende do altar os braços afetivos que as guiarão e salvarão.



DENTRO DO SAMBA

DO LUNDÚ AO SAMBA

MARIZA LIRA

O lundú chegou ao Congo na saudade dos escravos, que pretenderam recorde nas senzalas as folgas africanas realizadas pelas colheitas.

O lundú era então dança de pares, lúbrica e sensual como o é toda a coreografia negra. Tinha muito da "seguidilha" espanhola, revivendo certos lances da "dança do ventre" das orientais.

O lundú do Brasil, porém, deixou-se enfeitar pelo "dengue" do mestiço, tornou-se leve, airoso e terno, marcando seus requebros no ritmo sincopado do africano, abrandado pela languidez da melodia lusa.

A dança gerou a música, mais ritmo que melodia e finalmente o canto, impiedoso, mordaz, sátira do escravo ao senhor.

O lundú mais antigo que se conhece é uma algaravia de linguajar africano e vocábulos portugueses, em remoque cruel do negro ao branco. Começa assim:

Quano iô táva em mia tera
Iô chamava capitão
Chega ni tera dim baranco,
Iô me chama — Pai João.

e termina:

Nosso preto quano fruta
Vai pará na correção;
Sinhô baranco quano fruta
Logo sai — Sinhô Barão.

O feio satírico do lundú atraiu Gregório de Matos, poeta baiano que se tornou um verdadeiro Homero do Lundú, frequentando indistintamente bailes e pagodes, onde ao som da viola, que ele mesmo fizera, satirizava tudo e todos ao som de dengosos lundús.

Laurindo Rabelo, no Rio, fez-se êmulos das sátiras de Gregório de Matos. E o lundú foi o veículo sonoro das suas críticas cruéis.

O lundú do negro, música, dança ou canto, lutou muito para penetrar nos salões. Preferia os meios agrestes, onde os capadócios e as mulatas confundiam suas habilidades capoeiras e seus imodestos requebros de quadris nos quentes "lundús-chorados", adaptação de "Lundú de Xôlo", do africano, lundú festivo.

A indolência mestiça absorveu a palavra lundú e o "chorado" passou a ser a dança dos cortiços tal como a viu Aluisio de Azevedo na sua magnífica descrição: "Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebro luxurioso, que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos a tremer toda, como si fosse afundando num prazer grosso que nem azeite em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como si voltasse à vida soltando um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava meúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra tilintando."

Assim provocante e sensual, o lundú recebeu a polca que chegava da Europa cheia de fama.

A nova dança viva e arrebatada empolgou o povo. Foi um verdadeiro delírio. Chiquinha Gonzaga, a compositora da moda, que aprendeu com Calado o ritmo do choro, adaptou a polca o quebramento mestiço, o feio nacional.

Assim a dansou todo o Brasil com passos nossos, alterados nas várias regiões de acordo com a fantasia dos danzadores da terra.

Se nos bailes a polca conservava os característicos europeus, nos chôros e nos arrasta-pés ia ganhando muito do lundú em remeio e "chamadas" alucinantes.

Certa vez, era Chiquinha Gonzaga quem afirmava, Artur Azevedo levou à cena uma peça de costumes e nela introduziu um quadro pitoresco — "Legumes"

e o maxixe, o mais africano dos legumes, dansou a polca com geito de "chorado", causando grande sucesso.

A inovação silenciosa ganhou popularidade e surgiram imitadores.

Qual seria esta peça em que o maxixe foi dançado pela primeira vez? A revista — O Rio de Janeiro em 1877? As pesquisas ainda nada deixam responder afirmativamente.

O caso é que o maxixe surgiu dança licenciosa, mas o ritmo apoiando-se à polca pôde como polca-maxixe apresentar-se impressa pelas editoras musicais.

O maxixe ficou no palco, nos cafés-concerto do Lavradio e pelo carnaval frequentava os bailes de fantasia, onde se celebrizou a famosa mundana Lili Maxixe, a mais endiabrada de suas intérpretes.

No princípio do século, Bandeira de Gouvêa, teatrólogo português, fez representar no Recreio uma peça — "Cá e lá". E eis novamente o maxixe a se requebrar no quadro — Frutas e legumes.

Mais tarde um pouco é João Foca (Batista Coelho) e Bastos Tigre que, aproveitando o nome da dança lasciva, fazem-no nome de uma peça — "Maxixe" — e também o infalível compadre, interpretado por Machado Careca, que ao som de música de Paulino de Sacramento descreve a novidade coreográfica do momento:

"O Maxixe não se aprende
Assim do pé para a mão,
Quem ser dansador pretende
Precisa ter vocação.

O cavalheiro segura
A cavalheira com geito
Pouco abaixo da cintura
E vai "chamando ela ao peito".

Ela a cara toda terna
"Gruda" na cara do "méco"
E depois, perna com perna
Caem os dois no "pereréco".

O Maxixe, porém, como todo o mestiço, era ousado, sonhava com o prazer dos salões aristocráticos, das festas oficiais e audaciosamente compareceu pela primeira vez a um baile de gala dado em honra a Júlio Roca, presidente da República Argentina, quando em visita ao Rio de Janeiro, em 1903. Foi o que contou um cronista portenho da época...

O Maxixe fez mais: atravessou o Atlântico com Plácida dos Santos e a graça morena da gaucha galante, estonteou os espectadores do "Embassadeurs", do "Folies Bergère" de Paris, com os remeio alucinantes de um Maxixe brasileiro.

Era a consagração. O Maxixe passou a ser a nossa música característica.

Estamos em 1896. Cessara a guerra de Canudos, a luta contra o fanatismo de Antônio Conselheiro, no sertão baiano. Os soldados retornam vitoriosos ao Rio. Enche-se o pátio do Quartel General, pequeno para agasalhar aquela gente toda agora sem ocupação. Como era de hábito, as "cabrochas" acompanharam as "praças" e da Favela baiana, deslocou-se um verdadeiro contingente de mulheres, que se alojou nas encostas do morro do Pinto.

Aquela gente estranha trouxe os ritmos, as dansas e os cantares do rincão natal. Soldados e cabrochas recordavam tanto a Favela baiana que assim ficou batizado o morro carioca. Dia e noite chorava o violão e dansava-se o samba sertanejo, variante do batuque africano.

Aquela gente tostada escorria pelas ladeiras do penhasco para a Praça Onze, propício esquadro que levava à rua Visconde de Itaúna e adjacências, para onde se abriam as sórdidas rótulas das mulheres decaídas.

Ali, na casa da Tia Ciata, baiana mandingueira, reunia-se o pessoal do morro e a malandragem do Rio. Os trovadores da época, Sinhô (J. B. Silva), Caninha (José Luiz de Moraes), Patrício Teixeira, Donga (Ernesto Santos), Pixinguinha (Alfredo Viana) e outros iam buscar nas tocatas da casa da Tia Ciata inspiração para as suas serestas.

Entre as muitas toadas baianas que se ouviam na casa da Tia Ciata dominava o ritmo original do "Ai a rolinha, sinhô, sinhô...". Ouviu-o gostosamente o Donga, reuniu-o a outras toadas anônimas e levou-os à casa Edison, que as fez editar e gravar com o nome de "Pelo telefone", marcando explicitamente a modalidade musical: — *samba*, que já de há muito aparecia em números teatrais e composições desde os tempos imperiais.

Mas esse samba era diferente, herdara algo da polca nos quebramentos rítmicos e muito do maxixe nos remeio coreográficos.

Sinhô, mulato, esperto, pianista de pensões alegres e de clubes carnavalescos, já tentara o ritmo dengoso. Fez-se compositor de sambas, mas de sambas seus, originais, inéditos, únicos, de um sabor carioca inconfundível.

Rival de Caninha, lutaram juntos pela urbanização do samba. Da Penha ao Carnaval um e outro apresentava os mais lindos sambas que o povo colecionava espontaneamente.

Sinhô, porém, de inspiração mais alevantada, foi a própria alma do samba. Exímio violonista, tocando também flauta, piano, cavaquinho e chocalho, Sinhô, espontâneo e mordaz, compôs sambas perigosos, evidenciando casos e vultos políticos, que alcançaram grande sucesso, como "A Baía é boa terra", "Papagaio Louro" e outros.

A sua obra prima é sem dúvida o "Jura", linda música em um tesouro de ritmos, de letra sentimental, que ainda vive na memória do carioca. Valeu-lhe o cognome de Rei do Samba.

Boêmio, sofreu os desenganos do destino com resignação. Morreu pobre, repentinamente, numa barca que vinha da ilha do Governador.

Sucedeu-o nas peijas sambísticas Noel Rosa, jovem, branco, estudante, mais poeta que músico, que conseguiu dar aos seus sambas feio original.

Cantando, apresentou com dolorosa sinceridade as páginas mais tristes da vida dos humildes.

Tem lindas produções de uma beleza e mordacidade encantadoras. Não foi só o "Filósofo do Samba", como o chamam os cariocas, foi também o seu estilizador.

No momento cabe a Ari Barroso, com as suas criações inéditas, das quais a mais notável é o "Aquarela do Brasil", continuar a obra de nacionalizar mais ainda essa modalidade musical, que é, no momento, a característica da música popular no Brasil, característica que desde o lundú vem, através de gerações, tentando fixar-se definitivamente.

CHILE DE HOJE



Santiago (Ministério da Fazenda e Hotel Carrera).



Santiago (Praça Baquedano).

A capital do Chile, Santiago, é uma cidade americana de grande importância comercial, industrial e turística.

Suas construções modernas, seus parques, bosques e avenidas constituem uma das maravilhas nas metrópoles sul-americanas.

É digna de nota a Quinta Normal de Agricultura, constituída de plantas raras.

Existem em Santiago diversos museus: o Nacional, o Histórico e o de Belas Artes.

Existem, também, numerosos clubes e centros sociais, alguns mantidos pelos membros de colônias estrangeiras.

O magnífico Estádio Nacional, construído pelo Governo, tem capacidade para conter 80.000 pessoas.

O Clube Hípico de Santiago é um dos mais belos do mundo.

O dia 21 de maio é dedicado, no Chile, à evocação da bravura dos marinheiros que pereceram heroicamente na batalha naval de Iquique.

Durante a guerra do Pacífico, entre o Chile, de um lado, o Peru e a Bolívia, de outro, dois barcos chilenos, antiquados e de madeira, o "Esmeralda" e o "Covadonga", sob o comando do capitão Arturo Prat, mantinham o bloqueio do porto de Iquique quando, em 21 de maio de 1879, são atacados pelos coraçoados peruanos "Huascar" e "Independência". A luta foi desigual, porém renhida. A certa altura, o barco inimigo lançou-se sobre o "Esmeralda", afim de destruí-lo de uma vez. O comandante Prat, de espada em punho, saltou sobre o convés do coraçoado peruano "Huascar", pelejando até morrer.

O almirante peruano Grau remeteu depois à viúva de Prat uma carta comovida, acompanhando a espada do chefe chileno, que ficara cravada na coberta do "Huascar".

Faz muito tempo que Chile e Peru estão irmanados nas conquistas de paz e progresso. Evocar episódios como a batalha naval de Iquique, vale, sobretudo, como uma exaltação da bravura da gente americana.

É este grandioso país que sempre manteve relações amistosas com o Brasil, vem agora ampliando suas relações comerciais com o intercâmbio de suas matérias primas.

Até há pouco, a compra do Chile

Santiago (Aspecto do Bairro Cívico).



no Brasil alcançava a cifra de 50 milhões de pesos. Tudo nos garante que esta compra atingirá a 100 milhões, segundo o resultado dos entendimentos realizados nesta capital, pela Missão Econômica do Chile.

Quando entrevistado em São Paulo sobre as negociações chileno-brasileiras, o deputado Amílcar Fiorini declarou:

"— Firmamos com a comissão central do Banco do Brasil e um representante do Itamarati, general Mario Silva Moreira, um acordo que deverá ser ratificado pelas diretorias dos bancos do Chile e do Brasil.

"Com este convênio, desaparecendo todas as dificuldades que impediam um maior desenvolvimento no comércio entre as duas repúblicas sul-americanas, suas relações terão um desenvolvimento de grande vulto."

Após algumas referências carinhosas à boa vontade do ministro do Exterior bem como da diretoria do Banco do Brasil e do ministro da Fazenda, o sr. Amílcar Fiorini declarou:

"— Isto testemunha a boa vontade das autoridades brasileiras. Aliás o acordo é de grande importância para a vida econômica das duas nações, já que o intercâmbio é uma necessidade fundamental na vida dos povos. E o Brasil, cujo desenvolvimento comercial e industrial tem sido verdadeiramente notável, compreendeu muito bem essa necessidade e identificou-se com o pensamento das autoridades chilenas, na certeza de que estava assim cumprindo um alto designio de compreensão pan-americana.

"Nós exportamos e poderemos continuar exportando sulfato, fosfato e adubos de diversas espécies para o Brasil. O salitre, por exemplo, há 30 anos que é exportado para o Brasil e, agora, já possuímos grandes fábricas de tratamento de fosfatos. Começamos a exportar também a potassa — o 3.º adubo necessário e que, durante 20 anos, vinha somente da Alemanha.

"Ao mesmo tempo poderemos importar do Brasil fios de seda, algodão, tecidos, ferramentas etc.

"É até de interesse para o Chile trocar adubos por algodão, açúcar e café do Brasil" — concluiu o ilustre entrevistado.



O sr. José Miguel Ferrer, encarregado dos serviços consulares da Embaixada dos Estados Unidos de Venezuela.

VENEZUELA

irmã gêmea, a Colômbia; possuidora do majestoso Orinoco, que lhe abre as portas de comunicação a todas as nações do continente sul-americano; dando o rosto, simultaneamente, às mais fortes potências, tanto do Velho como do Novo-Mundo, e sempre de ouvido atento à celeuma das raças que se disputam o domínio do orbe — a Venezuela ocupa a posição mais vantajosa no tabuleiro onde jogam as nações os seus destinos, e a natureza dotou-a das prendas mais cobiçadas para ser o primeiro dos países hispano-americanos, o primeiro em riquezas, o primeiro em promessas e o primeiro nas combinações da política mundial."

Por ocasião da eleição do novo governo venezuelano, que se realizou no corrente mês, o representante consular em nosso país, cuja fotografia ilustra esta página, fez-nos revelações interessantíssimas sobre a pátria de Bolívar.

"— Apesar de seu clima delicioso, sem extremos de calor e de frio — disse-nos ele — a Venezuela é extgua em sua população,

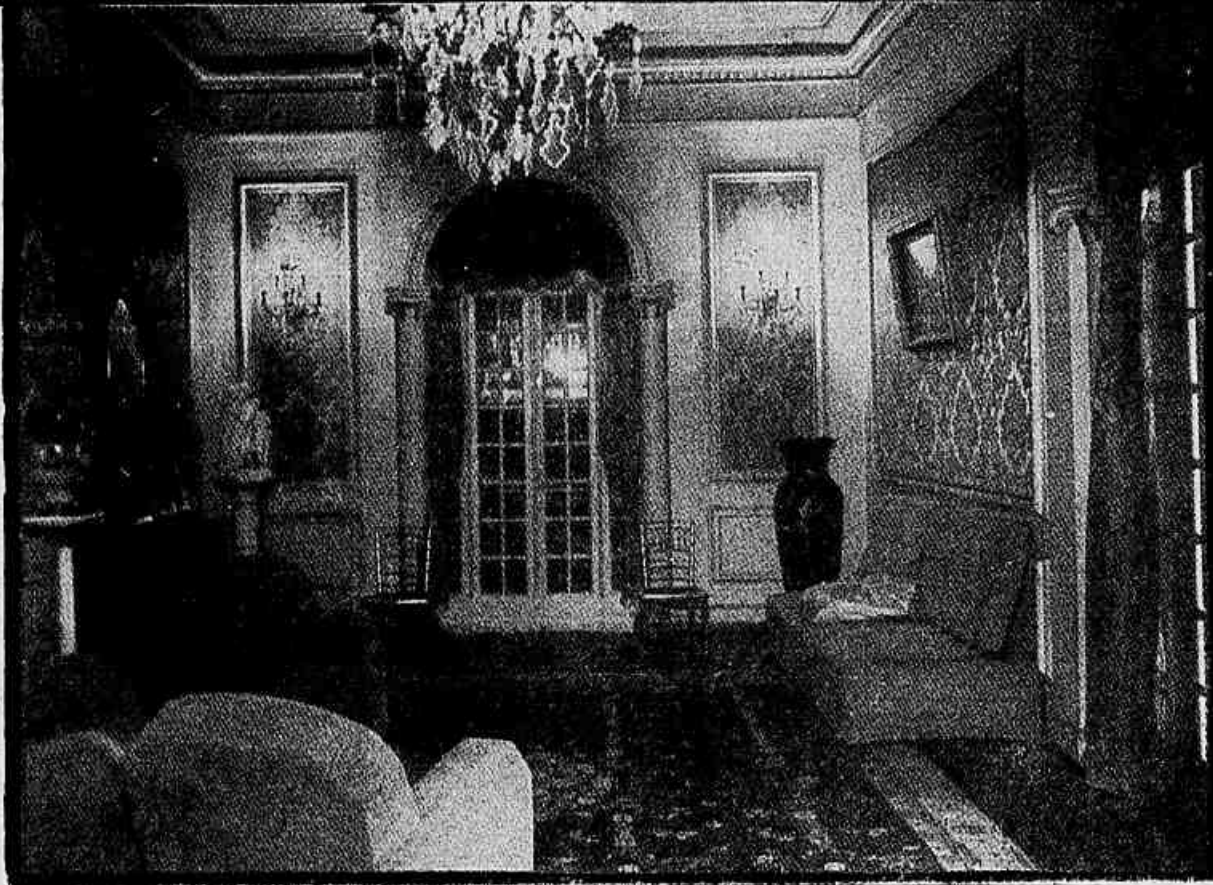
Semelhante a uma leoa deitada sobre as cabeceiras do nosso Rio Negro, com as patas dianteiras encostadas à Colômbia, a cauda enrolada sobre as três Guianas, o meio do dorso sob as Pequenas Antilhas e a juba debaixo das Ilhas de Sotavento, estava a Venezuela destinada a exercer o mais glorioso papel na América meridional, especialmente na América espanhola, da qual era a primeira sentinela, vigilante e heróica, em frente à velha metrópole ibérica. Ela gerou e aumentou com o seu leite, sadio e tonificante, toda uma raça de titãs, dos quais os três maiores, Bolívar, Miranda e Sucre, escreveram, com a ponta das suas rútilas espadas, a titânica epopéia da libertação do Novo-Mundo, desde Boyacá e Carabobo até Junim e Ayacucho.

Não há muitos anos, conferenciando em Madrid, disse dela um dos seus mais ilustres filhos, o escritor Rísquez, estas belas palavras, verdadeiras e proféticas: "Plantada, qual um olho vigil de cíclope gigantesco à frente da América meridional; posta à frente das suas irmãs, qual a histórica atalaia da soberania americana; nimbada pelo diadema, que parece cingir-lhe às têmporas as índias ocidentais; situada sobre o mar das Antilhas, banhada pelo oceano Atlântico e abraçada à sua

relativamente à não pequena extensão territorial, pois conta apenas 4 milhões de habitantes numa superfície de 912.050 quilômetros quadrados. Assim, possui pouca terra e pouca gente. Mas esta pouca

gente é de portentosa atividade, como se infere da exportação em constante aumento de quase todos os produtos, notadamente o petróleo. Tem representação diplomática e consular em todos os paí-

ses, sendo que o serviço consular no Rio de Janeiro é importantíssimo, atendendo diariamente a uma legião de interessados que vão a Venezuela em viagens de negócios e de turismo."



Entrada principal da Embaixada da Venezuela.

O "Salão Verde", um dos belos interiores da Embaixada da Venezuela.

HELENA

(Continuação da pag. 22)

Logo aos primeiros meses de casados, compreendeu que Aurélio não a amava como ela sempre tinha sonhado ser amada.

Desde o começo assumiu, para com ela, uns ares de proteção e domínio absoluto.

Ao seu lado, ela se sentia diminuída, humilhada.

Era tão orgulhoso que seus próprios ciúmes, uns ciúmes ferozes e sempre vigilantes, ele não os confessava abertamente, não querendo que se compreendesse a sua fraqueza.

— Não tenho ciúmes! dizia. — O que receio é unicamente o ridículo de ser tomado como um marido condescendente.

E, sob o pretexto desse receio, encerrava-a em casa, não a levando consigo a parte alguma. Controlava todos os seus gestos, todos os seus olhares, todas as suas palavras.

Helena não se atrevia mais a olhar ninguém de frente. Tornou-se tímida, num eterno medo de que qualquer expansão fosse mal interpretada.

Aurélio, porém, não modificava em nada seus hábitos de solteiro. Seu ordenado, suficiente para viver sozinho, não bastava, naturalmente, para as despesas do casal. Apesar disso, ele sempre colocava em primeiro plano as suas despesas particulares.

Vestia-se bem, não sendo capaz de envergar um terno que mostrasse qualquer desgaste do uso. Suas camisas tinham de ser sempre novas e corretas. Seus sapatos, sem um arranhão.

Mantinha as velhas amizades, com os gastos obrigatórios dos cafés e bars. Gostava do teatro e não se privava dele.

Viviam em pensão, pagando quatrocentos mil réis por mês. Os duzentos que sobravam do ordenado, ele os consumia sozinho, pagando apenas vinte mil réis à lavadeira que servia ao casal.

Helena não podia, pois, gastar nada com a sua toilette. Apanhava-lhe, de longe em longe, alguns níqueis para as coisas estritamente indispensáveis.

Mas seus vestidos se gastavam e deformavam, sem serem renovados. Suas meias eram concertadas grosseiramente em casa e só de longe em longe ele consentia que ela mandasse os seus sapatos, o seu único par de sapatos, ao sapateiro para mais um remendo.

Quando nasceu a filhinha, as despesas extraordinárias exigiram que ele recorresse a um empréstimo. E seu ordenado ficou onerado, de então em diante, com a primeira consignação. E as consignações foram crescendo a tal ponto que eles não se puderam mais manter na pensão.

Passaram a viver na casa da mãe de Helena. Ajudavam-na com duzentos mil réis por mês, sem que Aurélio perdesse seus velhos hábitos de moço bonito e vaidoso.

Depois, o auxílio foi reduzido para cem mil réis, com visível sacrifício para a pobre velha, que costurava até altas horas da noite, para cobrir as deficiências do orçamento doméstico.

Então, vendo a pobre mãe sacrificada, Helena se revoltou, pela primeira vez na vida.

O egoísmo do marido, a sua vaidade, lhe haviam matado todas as ilusões.

Era um presunçoso, um fátuo, que não havia vencido, na sua carreira, senão graças à sua audácia e à sua aparência de grã-senhora.

Helena sentiu toda a angústia do seu erro, todo o fracasso do seu sonho, todo o desmoronar de sua vida.

Enfrentou-o corajosamente e expulsou-o de casa.

Aurélio pouco se preocupava, no fundo, com a separação. Na verdade, não amava a mulher nem a filha, amava-se a si mesmo.

Uma única coisa o incomodava, naquele momento: o reflexo que poderia ter o caso na sua situação de funcionário. Tentou reagir:

— Estás louca! Jamais consentirei nessa situação que me encheria de ridículo diante dos meus colegas.

— Oh, eu sei que a única coisa que te preocupa — disse ela — é a tua situação no Ministério e o teu prestígio junto aos teus amigos. Nunca quizeste bem a tua mulher e a tua filha, porque adoras a tua própria pessoa e não compreendes o mundo senão com uma coisa que te pertence com exclusividade. Descansa, porém. Deixa-nos livres, porque é preciso que compreendas que não temos interesse em prender-te, ao contrário, estás sendo pesado a mamã. Ela não se queixa, porque é boa e generosa e muito me ama. Eu é que não posso consentir que ela continue a matar-se para dar de comer a um zangão como tu.

— E como vão viver vocês?

— Voltarei ao trabalho. Tenho a certeza de que meu emprego está à minha disposição, porque fui uma auxiliar dedicada e trabalhadora.



Maurício a escutou, até ao fim, sem dizer uma palavra. Quando ela terminou, levantou-se, pagou a despesa e disse:

— Vem amanhã às nove horas retomar o teu emprego. Não falei com o patrão, mas assumo a responsabilidade.

E, apertando-lhe a mão:

— Tchão. Até amanhã.

F JORNAL DAS FAMILIAS



Costume de tafetá de fantasia, casaco longo e ajustado.



1 — Acaba de ser lançado pelos costureiros novaiorquinos, este modelo com uma coisa inteiramente nova — o colete feminino — que pode ser de lã, atim de servir de proteção ao frio. O vestido é de crepe listado, verde e branco e o chapéu com uma fita e uma pena também de cor verde. 2 — Casaco ultima-moda para os dias de frio. Dá-se um laço elegante no cinto e deixa-se as as pontas caírem bem abaixo dos bolsos. As pregas dos bolsos e das mangas são originais. 3 — Capa de lã azul, combinando com as luvas, bolsa e chapéu amarelos. O ves-



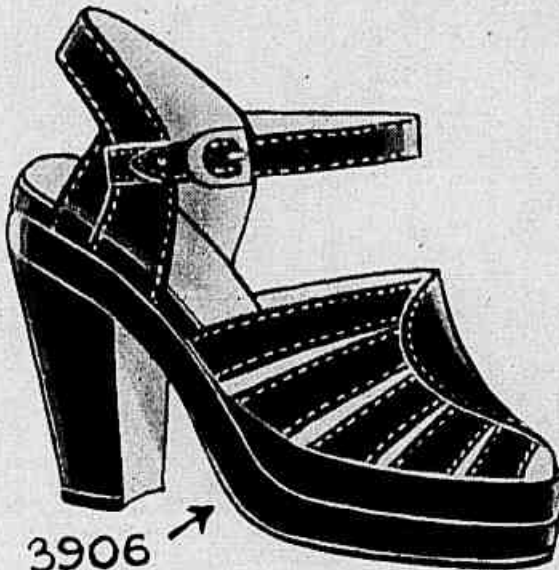
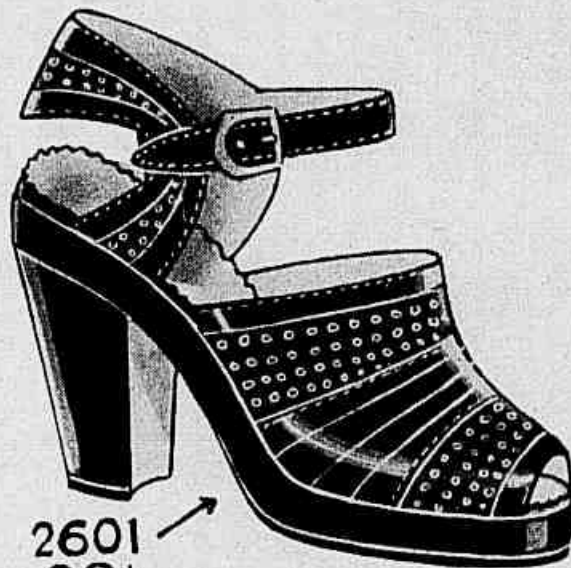
No nosso clima as capas de lã e os vestidos mais pesados ficam esquecidos durante a maior parte do ano. Mas quando junho vem chegando todas se lembram das noites de São João e São Pedro com o termômetro um pouquinho abaixo do normal.

Entretanto, mesmo no inverno, em nossa terra os dias continuam bonitos e o sol aparece diariamente a espalhar vida e alegria. Por isso as mocinhas brasileiras se vestem com as mesmas cores atraentes e com a mesma elegância leve no período de junho a setembro. Vestidos com estampados de flores azuis, vermelhas, verdes e rosas são preferidos espontaneamente. Mas a capa ou o *manteau* devem estar sempre à mão para as noites frias da Avenida Atlântica, do Silvestre ou da rua Conde de Bonfim.

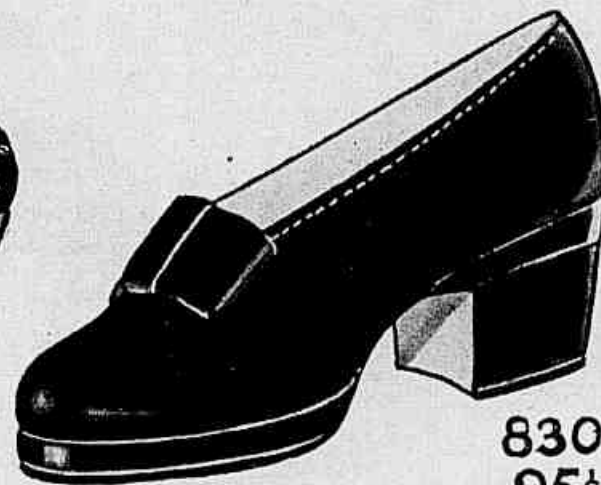
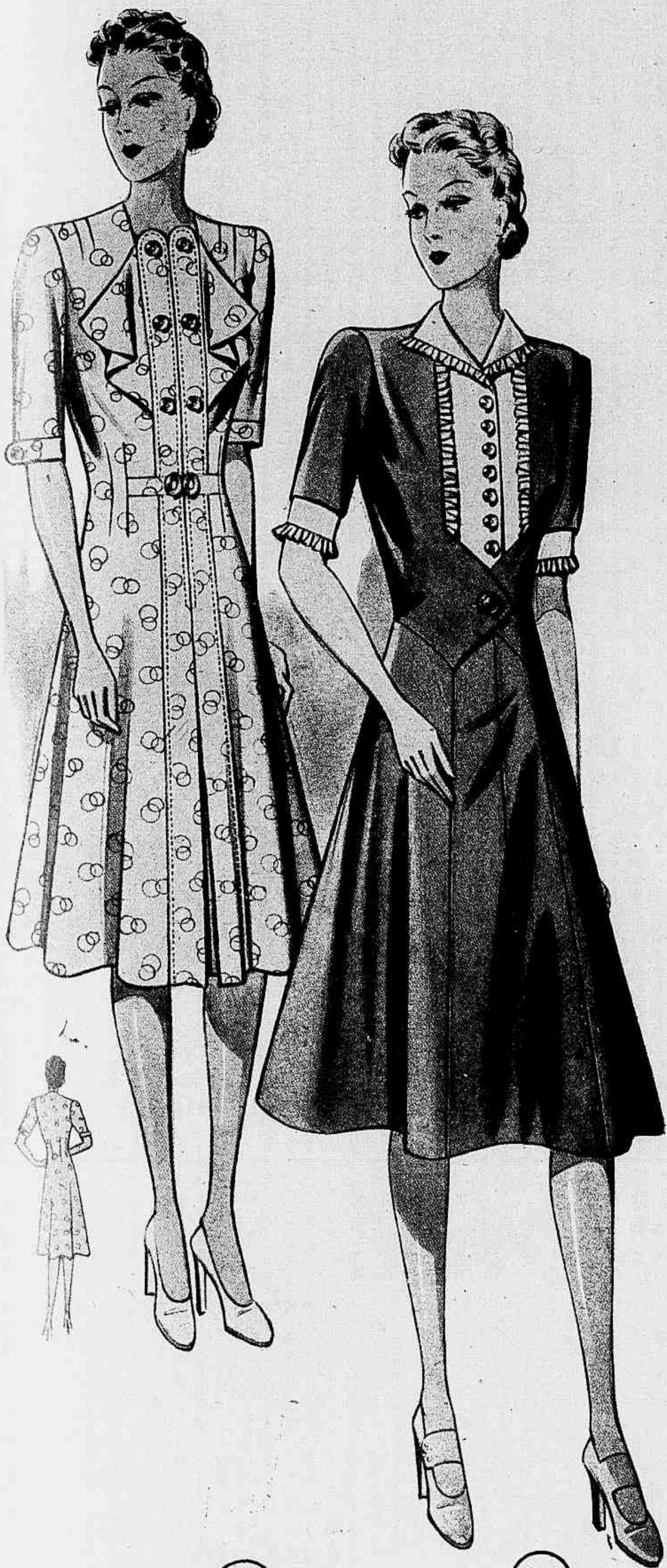


tido é de crepe azul e branco. 4 — Vestido cor de rosa com bolero da mesma cor. O tecido deve ser crepe estampado com pequenas flores brancas. O chapéu é em estilo mexicano. 5 — Capa de lã, de xadrez marron sobre fundo bege, guarnecida com pespontos marron. 6 — Capa vermelha de linhas moderníssimas. Chapéu azul e vestido de tecido xadrezado azul e vermelho escuro.

QUANDO O FRIO

O DITADOR DA MODA
DE CALÇADOS*Bastos Filho*SAUDANDO
RESPEITOSAMENTE
SUA DISTINTA
CLIENTELA
APRESENTA OS
SEUS RECENTES
E EXCLUSIVOS
MODELOS2574
90\$3906
78\$2601
90\$831
95\$

AT SEMOGI

Modelos em camurça e em
todas as cores modernas.830
95\$Estes modelos não estão su-
jeitos a descontos.
Preços fixos.

9

10

- Vestido de crepe de fantasia, favorecendo aquelas que não são esbeltas.
- Vestido de crepe marocain azul marinho, com frente, gola e punhos de crepe branco, guarnecidos com babadinhos plissados.

SE APROXIMA

NÃO TEM FILIAL
31-URUGUAIANA-33PELO CORREIO
2\$000 POR PAR

MAQUIA *das CRIANÇAS*



1—A "Gata" está chorando em frente ao espelho. Com notável facilidade Diva Pieranti nos mostra sua vocação artística. 4—Três garotas que se revelaram no "Passaro Azul". 5—Com sete anos de idade Dadá é uma das artistas mais interessantes do elenco. 6—A "Gata" e seu companheiro são ferozes. Chegaram a ameaçar transformar a orçãzinha do Chapelinho Vermelho num bom petisco.



A CRIANÇA no PALCO

O teatro infantil que representou há dias atrás no "República" nasceu, acima de tudo, da espontaneidade de algumas vocações e da vivacidade dumas vinte creanças. Porque não há quem ignore a "queda" que as meninas e os meninos têm pelas representações teatrais. Eles gostam de se expandir, de ingir, de brincar enfim.

O mal é que muitas mães forcem seus filhos a declamar e a representar numa forma dura, rígida, em peças de espírito adulto. A criança, no teatro, só se sente bem trabalhando em peças infantis, com enredos e situações infantis.

*Presentes
que eu gosto!*

- BATERIAS DE ALUMÍNIO E AÇO INOXIDÁVEL
- TORRADORES ELÉTRICOS
- APARELHOS PARA FAZER "WAFLE"
- BATEDORES ELÉTRICOS PARA MASSAS
- VIDRO "PIREX" PARA FOGO E FORNO
- ESPREMEDORES DIVERSOS PARA FRUTAS
- JARROS TÉRMICOS
- BATEDORES DE COCKTAIL
- FERROS ELÉTRICOS
- ASPIRADORES DE PÓ
- ENCERADEIRAS ELÉTRICAS
- REFRIGERADORES ELÉTRICOS
- MÁQUINAS PARA MACARRÃO
- MÁQUINAS PI MOER CARNE
- MÁQUINAS PARA FAZER CAFÉ
- BALANÇAS PARA COZINHA
- SORVETEIRAS ELÉTRICAS
- SERINGAS E MODELADORES PARA DOCES
- GRELHADORES DE CARNE
- FAQUEIROS DE ALPACA E AÇO INOXIDÁVEL

Grande sortimento
de
Utensílios domésticos
e
Objetos úteis para presentes

SEMPRE NOVIDADES!

Pedam catálogos

MESBLA
SOCIEDADE ANONYMA

RIO DE JANEIRO — RUA DO PASSEIO, 48/50
SÃO PAULO — RUA 24 DE MAIO, 1.411
PORTO ALEGRE — RUA SETE DE SETEMBRO, 353
PELOTAS — RUA FELIX DA CUNHA, 628/630
BELLORHORIZONTE — RUA CURITYBA, 454/456
NITHEROY — RUA VISC. RIO BRANCO, 521



2—Eis o elenco completo do "Teatro Infantil de Operetas". Trabalha melhor do que muitos de gente grande. 3—Dadá zangada fez uma careta para o reporter. Que é isso Dadá? 8—O "Dunga" bate com alegria no bombo, que está enfeitado pelas figuras de três damas elegantíssimas.

COMO NASCEU O "PASSARO AZUL"

Foi numa noite qualquer que D. Maria Santa Cruz Lima teve a ideia de fazer uma opereta tipicamente infantil. Uma opereta especial para crianças. Pouco depois ela passou para o papel o entredo do trabalho e leu-o para duas meninas, que gostaram muito. E quem melhor que as crianças pode aquilatar o valor duma peça infantil?

A pouco e pouco foram chegando os pequenos artistas: Dunga, com seis anos, Ivete, com sete; Déa Rafanelli, e muitas outras. Estava tudo pronto para a representação.

A SENHORITA "GATA" SE REVELA

Vimos os ensaios da peça. Surpreendeu-nos a capacidade teatral duma menina de 12 anos: Diva Pieranti. Tem um desembaraço notável, tanto no palco como na vida real. Sabe fazer caretas, chorar, rir, brigar e tudo o mais. Estuda na Escola príncipe de Piemonti, onde já está bem adiantada. Resolvemos entrevistá-la.

— Senhorita "Gata", que acha do teatro?

— É a melhor diversão. Trabalhar no cinema pode ser bom, mas não dá um certo agrado. Cansa-se.

— Você já trabalhou noutra opereta antes desta?

— Já, na "Gata Borralheira" e na "Bela Adormecida". Sou também irmã de Itai Pirajá. Dizem que sou um gênio.

— Você gostou do papel que faz nesta peça?

— Gostei. Brigo muito com o Totó, mas não o machuco. Só puxo o rabo dele e ele o meu. Mas sou muito simples. Aceito qualquer papel.

— Que é que você quer vir a ser no futuro?

— Cantora lírica ou atriz dramática.

— Muito bem, Gatinha, felicidades.



*De Novo Sentido
à sua beleza*

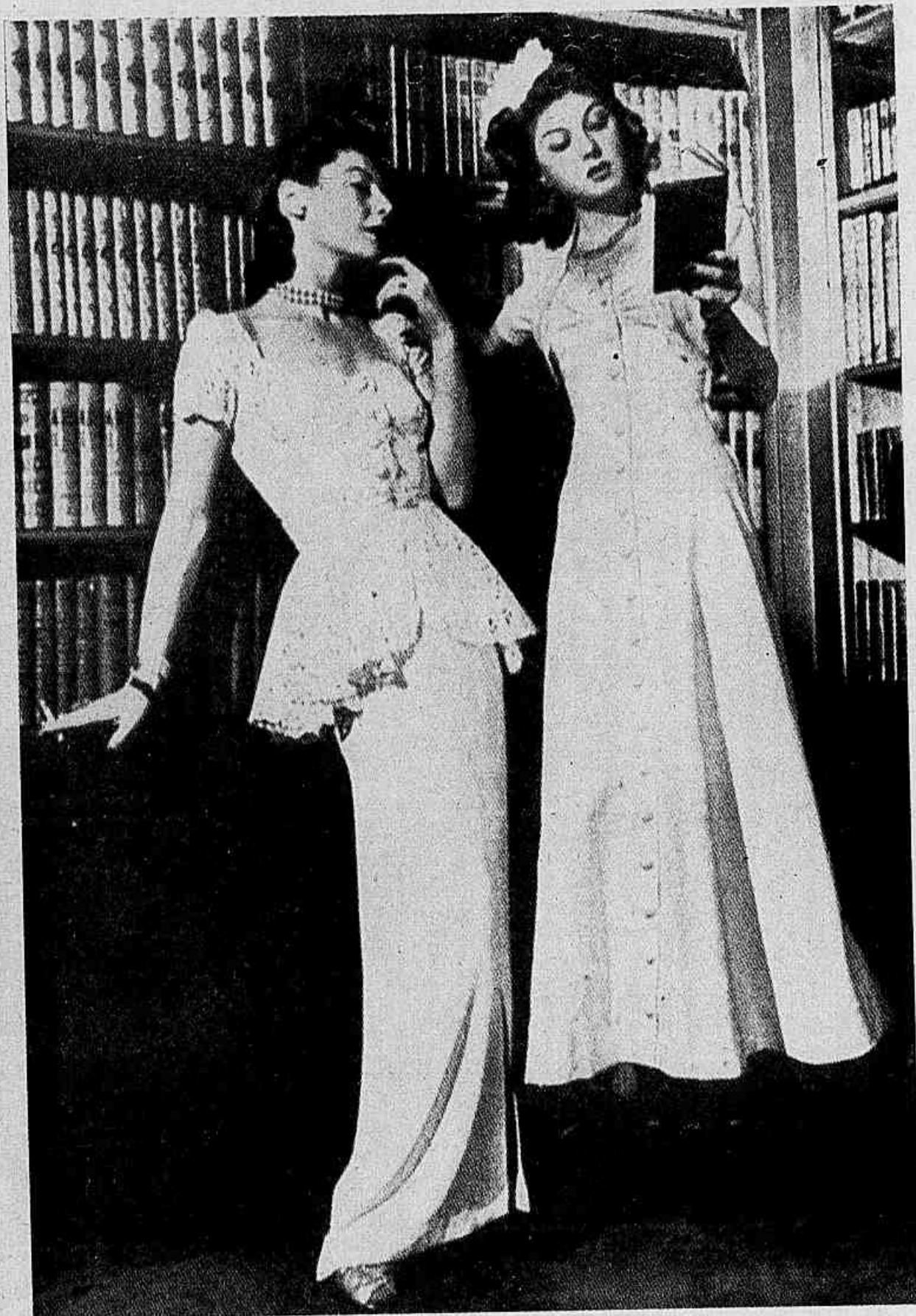
**corrigindo e não
disfarçando as
imperfeições do seu rosto**

LEMBRE-SE, enquanto é tempo, que os encantos do seu rosto não devem depender somente do "maquillage", mero artifício aconselhado apenas para realçar a beleza feminina... As imperfeições da sua pelle exigem tratamento e não disfarces. Com o uso permanente do Leite de Colonia, a Sra. dará á sua cutis um tratamento commodo de apenas dois minutos diários, corrigindo as imperfeições do seu rosto e dando novo sentido á sua beleza. Leite de Colonia, de facil applicação, é um tonico que remove sardas, manchas e espinhas. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a sua pelle, e é um optimo fixador para o pó de arroz.

Leite de Colonia

STAFIX o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.





1 — Costume para a noite, a saia de fustão e o casaco de laise bordada.
2 — Vestido princeza, de fustão branco. Bolero do mesmo fustão, guarnição em volta do decote e do bolero, de bordado branco.

Sal Jacaré

O mais puro sal nacional.
Tipos especiais para Cozinha,
Xarque e Salgas Finas.

Ribeiro de Abreu & Cia.

RUA DO ROSARIO, 104

Fone -- 23-1378

— RIO DE JANEIRO —

Provérbio chinês:

"Não podemos evitar que a ave da melancolia bata as asas sobre a nossa cabeça, mas podemos impedir que nela faça ninho."

Perguntou alguém ao multimilionário e grande filantropo André Carnegie qual era, na sua opinião, o mais importante fator da indústria: a inteligência, o trabalho ou o capital; e ele, sem hesitar, perguntou por sua vez:

— Num banco de três pés, qual o pé mais importante?

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.

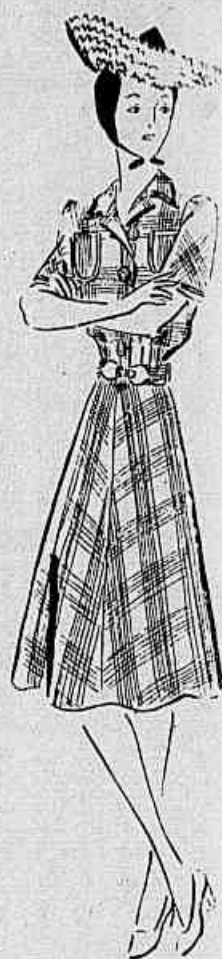
EXPORTADORES DE CAFÉ

CINTAS E SOUTIENS DE BORRACHA

Veja nossa vitrine na frente da CASA FLORA e examine nossa variedade de modelos no 2º andar. RUA GONÇALVES DIAS, 67. Tem elevador. Fone 22-1022. Marcas registradas. Cinta Anatómica, confecção sob medida. Cinta Standard, confecção pronta para vestir.

SEM O CARIMBO DE NOSSAS MARCAS. É IMITAÇÃO. RECUSE.

O bom diplomata é um homem instruído, educado, afável, solícito e cuja especialidade consiste em evitar conflitos que não existiriam se não existisse a diplomacia.



Vestido de zephyr, fundo branco com xadrez verde.



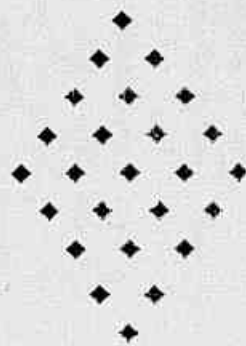
Casaco de fustão de fantasia.

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM



Interessante toilette composta de uma saia de tafetá escocês e de uma blusa de organza branca, guarnecida com finas prégas.



Chronica de Paris

Trabalha-se com ardor febril nos ateliers da moda. O lapis dos modelistas desenhavam encantadores modelos, os costureiros elaboram maravilhas, os habéis dedos das operarias franzem, pregueiam, bordam os lindos tecidos, tudo isto para o gozo das faceiras. Teremos, pois, modelos os mais lindos e tentadores possiveis. As novas collecções reflectem o desejo de conseguir uma elegancia sobria, mas alegre. Os vestidos são em geral de feitiço simples, umas vezes com blusado acima da cintura, outras vezes aparentando o genero princeza.

Os casacos, as blusas (tão em voga actualmente) e os boleros apresentam-se sob mil aspectos diversos. Todos esses modelos fazem valer os coloridos e os desenhos dos tecidos.

Os tecidos de fantasia assim como os de um só tom têm coloridos encantadores desde os tons quentes até os deliciosamente pastelizados. As listras e os quadrados, trabalhados em opposições, estão cada vez mais em voga; as pintas e bolas continuam a guarnecer os tecidos, assim como as flôres.

Nos tecidos floridos os desenhos são em geral pequenos, seja a flor solta ou o bouquet. Os vestidos destinados á noite, para as pequenas reuniões, são em geral curtos, podendo perfeitamente ser usados á tarde nas reuniões elegantes. Os vestidos para baile são muito longos quando a linha é fina; os de saia cloché menos compridos, mas não tendo mais a roda exagerada.

Marinette.



Uma nova beleza

Nos dias do Outono, quando o sol da estação que passou deixou manchada a cutis feminina, Elizabeth Arden ensina como tornar a tez clara e transparente.

O Creme de Limpeza e o Tónico para a Pelle de Elizabeth Arden limpam profundamente a cutis. A combinação desses preparados, constitue o passo inicial e indispensavel em todo o tratamento da pelle.

O Unguento contra Manchas Escuras estendido após a limpeza da cutis, sobre uma fina camada de Ardena Creme Velva, ou Creme de Laranja (si a tez estiver ressecada), clareia a pelle manchada pelos raios solares.

O Ardena Creme Velva, ou o Creme de Laranja, applicado sempre depois de removido o unguento, evita o ressecamento do rosto e suavisa a cutis que alva e avelludada, se apresenta com uma nova beleza.

Elizabeth Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



1 — Vestido de noiva, de tafetá branco, saia franzida e corselet. Toque do mesmo tafetá mantendo o véu de tulle. 2 — Vestido de casamento de pesado crepe branco, com pala, mangas e babados na saia de renda. Turbante de crepe mantendo o véu de tulle.



Vestido de crepe ou voile de fantasia, os quatro bolsos rodeados por babadinhos do proprio tecido.



Costume de lã ou linho. A basquinha, voltada nas duas frentes, forma originaes bolsos.

PENSAMENTO

Ande reto, proceda com dignidade, para poder manter a cabeça sempre erguida. Os homens de bem não se curvam, olham com altivez para a frente e para cima.

Renato Kehl



Costume com casaco longo de crepe branco com pintas pretas, bolsos originaes no casaco. Cinto preto.

Yardley

LAVENDER



Yardley English Lavender
— Sabonete, Sais para Banho,
Talco, Brilhantina, etc. Ilus-
trados também o famoso Pó
de Arroz, Creme e Baton,
produtos Yardley indispen-
sáveis para perfeita beleza.

Yardley Lavender é, há muitos anos, o
perfume mais apreciado pelas damas
elegantes de todas as grandes metrópoles.
De fragrância pura e suave, é delicioso
para uso durante o dia e em reuniões
vespertinas despidas de formalidade.

LAVENDER e BELEZA
YARDLEY 33 OLD BOND STREET LONDON

Dialogo entre Luiz XVIII que queria
mandar Talleyrand para Valençay:
— Qual a distancia de Paris a Valençay?

— Majestade, não sei ao certo, mas
deve ser mais ou menos a mesma distancia
que ha de Paris a Gand.



VESTIDO DE NOIVA.



Vestido de crepe preto. As nervures na blusa
formam babados na frente. Chapéo de palha guar-
necido com violetas brancas.

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quéda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



Vestido de tecido bordado, composto de saia, blusa
longa com abotoamento nas costas e gola de
fustão branco.

Para
**SENTIR-SE
BEM...**



e ter
**ASPECTO
SAUDAVEL**

peça auxilio do
TONICO BAYER
que enriquece o
sangue e fortifi-
ca o organismo.

Vendido
em vidros
de dois
tamanhos



Tonifique-se com

**TONICO
BAYER**

tonico poderoso
de sabor delicioso

Castiçae

CA

Escolhe
desossar e p
panella e co
brando até
mergulhar a
orelhas, divi
As orelhas o
tudo dentro
o sal neces
roços, o qu
cebolos, um
cheiros, um
do. Os mio
neira, mas u
A guar
os carogos
de ovos co
O mól
faz polpa d
mangerona
pedacinhos
nho Madei
Arrume
em cima os
nições em v

Fazer
agua, dois
Al pa
neiro, de
tos com m
pitadas de
Abri
sobre a me
de café. O
rolo, com
Pôr pare
do. Retira
com maí
ralado e
todo com
tres quito
E' lito
mais fino

PRATOS PARA ALMOÇO

RECEITAS DE ESCRITORES E DE ARTISTAS FRANCEZES

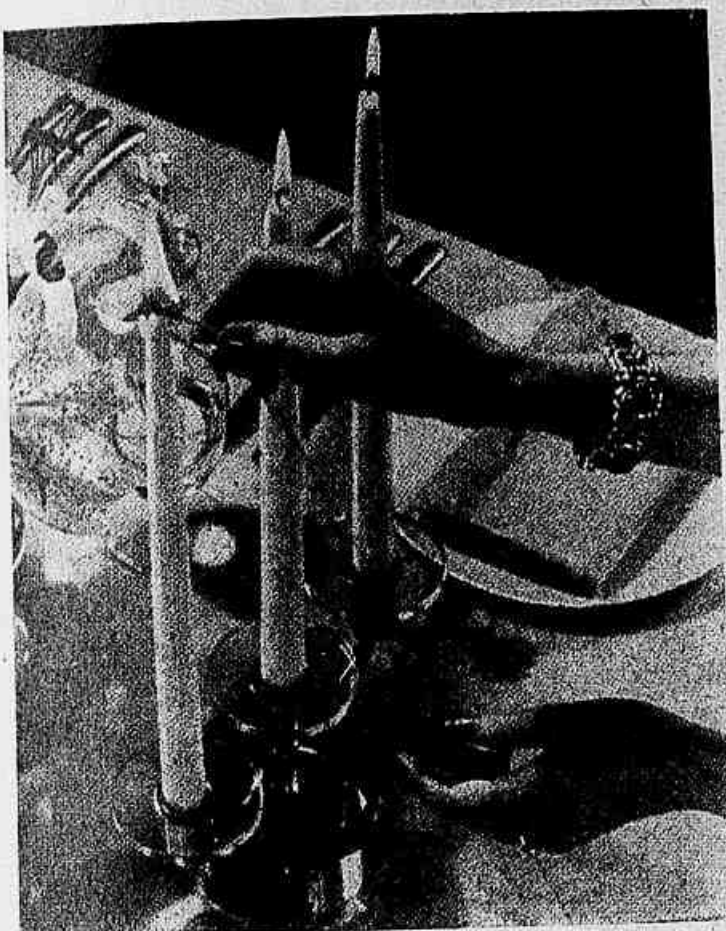
ALMONDEGAS DE PEIXE — PURE' DE BATATAS — (receita de Georges Cain) — CABEÇA DE VITELLA A' LA GUERIN (receita de Albert Flament) — AGNELOTTI (receita de Henry Bordeaux) — BOLO DE ARROZ COM RIM E OVOS (receita de Marcelle Lender) — BIFTECKS A LA MIREMONDE (receita de Martin Arlen) — AL-CACHOFRAS A' TOULONNAISE — (receita de Henry Kistmaeckers) — LA FONDUE (receita de Pierre Ginisty)

ALMONDEGAS DE PEIXE *

Para seis pessoas — Um peixe de um quilo. Tirar as carnes e pesar, socar com metade do peso de miolo demolido no leite e bem cozido; deixa-se esfriar. Duzentas e cinquenta grs. de manteiga; juntar tudo e misturar muito bem; juntar um depois do outro tres ovos. Temperar com sal e pimenta, passar por uma peneira fina e deixar descansar tres horas.

Em seguida formar as almondegas sobre uma tábua peneirada com farinha de trigo, dando-lhes o formato de um ovo; pôr para cozinhar dez minutos na agua fervendo.

O molho — Com as aparas e pelles do peixe faz-se um caldo bem temperado (salsa, cebola, meia folha de louro); juntar ao caldo côado vinho branco. Engrossar o molho com farinha de trigo que se deixou alourar antes numa frigideira com manteiga. Juntar alguns camarões picados e um pouco de crème de leiteria. Mergulhar as almondegas neste molho e pôr a panela em banho-maria até à hora de servir.



Castiaes de cristal guarnecem as mesas modernas.

CABEÇA DE VITELLA A' LA GUERIN

Escolher uma beila cabeça de vitella, bem branca; desossar e pôr de molho na agua, coilar em seguida numa panela e cobri-la com agua fria. Deixar cozinhar em fogo brando até ferver. Na primeira ebulição, escorrer a agua e mergulhar a cabeça na agua fria. Cortar em seguida as orelhas, dividir o resto em pedaços de seis a sete centímetros. As orelhas devem ficar inteiras assim como a lingua. Arrumar tudo dentro de uma panela, cobrir bem com agua fria. Pôr o sal necessario, a polpa de dois limões (mas sem os caroços, o que tornaria amarga a cabeça de vitella), duas cebolas, um cravo da India, duas cenouras, um ramo de cheiros, uma folha de louro; deixar cozinhar em fogo brando. Os miolos devem ser cozinhados à parte, da mesma maneira, mas um quarto de hora basta para o seu preparo.

A guarnição compõe-se de champignons, azeitonas sem os caroços, pedacinhos de pepino de conserva e gemmas de ovos cozidos.

O molho é feito com caldo de carne, no qual se desfaz polpa de tomates e todos os temperos: tomilho, louro, mangerona, segurelha. Juntar, depois de coado o molho, pedacinhos de presunto regofados na manteiga. Juntar vinho Madeira e pimenta Cayenna.

Arrumar na travessa torradas fritas na manteiga, collocar em cima os pedaços da cabeça de vitella, collocar as guarnições em volta e por cima, o molho na molheira.

AGNELOTTI

Fazer uma massa com farinha de trigo, um pouco de agua, dois ovos e sal.

A' parte, preparar um picado de carne cozida de carneiro, de perna de preferencia. Fazer refogar alguns minutos com manteiga, juntar um pouco de caldo de carne, umas pitadas de farinha de trigo, e deixar esfriar.

Abriu a massa com o rolo (metade da massa), formar sobre a massa montinhos do picado, com uma colherinha de café. Cobrir com a outra parte da massa, aberta com o rolo, com a ajuda de um calice de licor, cada agnelotto. Pôr para cozinhar vinte minutos no caldo de carne fervendo. Retirar e collocar num prato que vá ao forno, untado com manteiga. Salpicar cada camada com queijo gruyère ralado e com uma pitadinha de pimenta do reino. Cobrir o todo com caldo de carne forte. Deixar tostar no forno, uns tres quartos de hora pouco mais ou menos.

É indispensavel abrir a massa de maneira a torná-la o mais fina possível.

BOLO DE ARROZ COM RIM E OVOS

1.º — Começa-se por lavar muito bem o arroz; deixar depois escorrer bem a agua, refogar o arroz na manteiga, mexendo bem uns dez minutos; juntar em seguida caldo de carne, temperar com sal, pimenta e deixar cozinhar em fogo brando. O arroz está no ponto quando se formam pequenos buracos na superficie, retirar para o lado do fogo, para ir secando durante uma meia hora.

2.º — Refogar na manteiga um rim de vitella bem lavado, sem pelles nem fibras e picado em pequenos pedaços; quando estiver bem refogado juntar uma colher de farinha de trigo, misturar bem e depois um bom copo de caldo de carne, metade de um copo de vinho branco e metade de um copo de vinho Madeira, tudo muito bem temperado.

3.º — Fazer uns ovos mexidos com oito ovos, um bom pedaço de manteiga, sal, pimenta e meio copo de crème de leiteria.

Pôr o arroz numa fôrma com buraco no centro, virar sobre um prato redondo, pôr os ovos mexidos no centro e o rim enfiado em volta.

BIFTECKS A' LA MIREMONDE

Pôr 40 grs. de miolo de pão numa vasilha com cinco ou seis colheres de leite, deixar descansar. Quando o miolo de pão tiver absorvido todo o leite, esmagar, escorrer e pôr numa outra vasilha. Pôr numa panela manteiga e uma pequena cebola picada muito fina, refogar bem, mas sem deixar alourar. Passar na machina meio quilo de carne de vacca (sem pelles nem fibras), juntar bem amassado o tutano contido dentro de dois pedaços de osso. Temperar a mistura com sal, pimenta e um pouco de noz moscada ralada. Misturar tudo muito bem e depois ir juntando um a um tres ovos e uma colher de sêmola fina. A massa deve ficar com boa consistencia. Deixar descansar uma hora, depois formar os bifes de tamanho regular tendo dois a tres centímetros de espessura. Fazer derreter um bom pedaço de manteiga numa frigideira, arrumar dentro os bifes, tampar e deixar cozinhar em fogo moderado durante uns trinta minutos. Deve se virar os bifes assim que estiverem no ponto. Arrumar os bifes numa travessa



SORTIDOS AYMORÉ

Escolhido sortimento de finos biscoitos para chá ou café.



BISCOITOS AYMORÉ

Confeitaria Colombo

O Ponto preferido pelo Mundo
elegante do Rio para Almoços,
Lunchs, Cocktails etc.

SERVIÇO irrepreensível a domicilio de

BANQUETES
E
RECEPÇÕES

Doces -- friandises -- geléias --

BEBIDAS FINAS

Armazem de generos ali-
menticios de 1.^a qualidade

Rua Gonçalves Dias, 32-36 || Telefone
Rua Sete de Setembro, 94 || 22 - 7650

e pôr na frigideira um pouco de vinho branco ou de cognac, ou simplesmente caldo de carne, umas gotas de caldo de limão, salsa picada. Pode servir-se também com molho de tomates. O interior desses bifes deve ficar tenro e o exterior tostadinho.

ALCACHOFRAS À TULONESA

Escolher alcachofras pequenas, cortar essas alcachofras no feitio de maçã, fazer saltar o miolo, temperar em cru, tomando cuidado que o sal, a pimenta e a pitada dos quatro temperos fiquem bem mettidos entre as folhas. Pôr no fundo de uma panela de barro cebolas picadinhas, um dente de alho esmagado e pedacinhos de toucinho, uma folha de louro, e fazer refogar tudo isto com um pouco de azeite de azeitona. Depois arrumar sobre este refogado as alcachofras. Regar depois com a seguinte mistura, da qual eis as proporções essenciais: dois terços de caldo de carne, um terço de vinho branco e duas colheres de vinagre. Cobrir a panela com um prato fundo cheio de vinho tinto que se vai renovando à medida que se vai evaporando. Deixar cozinhar em fogo brando umas seis horas.

LA FONDUE

La fondue, orgulho de Friburgo, gloria do paiz de Vaud, antiga fonte de rivalidade entre os dois cantões, prato nacional, prato democrático, não exigindo para sua confecção preparos caros nem temperos raros. Basta tomar um quilo de queijo Gruyère, cortar em fatias o mais finas possível e fazer derreter no fogo com um litro de vinho branco.

Mexe-se sem cessar, até que a mistura tenha tomado a apparencia de um creme bem liso. Este creme é ligado com um pouco de fécula, regado com um calice de licor de kirsch, e deve ser servido bem quente.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO COSTEIRA

Grandes estaleiros de construções navaes na Ilha do Vianna

Navegação de Porto Alegre a Belém
Serviço rapido de passageiros e de cargas

AS MAIS IMPORTANTES OFFICINAS DA AMERICA DO SUL.
CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE NAVIOS SOB A DIREC-
ÇÃO DE COMPETENTES ENGENHEIROS NAVAES.

APPARELHOS COM TODOS OS APERFEIÇOAMENTOS MO-
DERNOS PARA QUAESQUER TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO
E REPARAÇÃO NAVAL

Extenso caes acessível a navios de grande calado

:: Dique secco parâ grandes navios ::

Escreptorios: AVENIDA RODRIGUES ALVES, 303-31 (Caes do Porto)

TELEPHONE 23-1900 --- END. TEL. "COSTEIRA"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

BLUSAS



1 — Blusa de crepe de seda branca com listas verdes, mangas raglan.
2 — Blusa de jersey de seda ou de linho, guarnecida com pespontos.



Blusa de crepe bege, bolsos com franzidos.

Gola e punho de setim branco, guarnecidos com franzidos.



Frente e punho de organdi, enfeitados com babados plissados.

MARILU'

Enviou da Argentina para o Instituto de Mme. Hygino, Avenida Rio Branco, 128-2º andar, sala 209, um creme que põe a pele como uma porcelana — "Creme PORCEL-LANA". Tem também uma agua da conservação que conserva a mulher sempre joven, sempre bela! Verdadeira Maravilha!

PENSAMENTOS

Acredito facilmente em muitas coisas que os outros podem ter e que as minhas forças não podem atingir.

Nossos julgamentos são muitas vezes doentes e seguem a corrução dos nossos costumes.



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

APR. PELA CEHS. SANIT. N. 56 - J. M.

Modelos para Crianças



- 1 — Vestidinho de tecido listado, com gola e punhos de fustão branco. 2 — Vestido de zephyr listado de branco e azul, guarnecido com o mesmo tecido azul. 3 — Calça de linho marron, blusa de linho bege claro, guarnecida com pes-pontos. 4 — Calça de lã cinzenta com listas azul marinho, a blusa de jersey azul, o casaco de lã cor de cinza. 5 — Vestido de zephyr escocês, guarnecido com fustão branco. 6 — Blusa de tecido branco de lã ou linho, saia de tecido azul marinho, os punhos, gola e gravata do tecido da saia. 7 — Vestidinho de crepe ou voile branco com pintas de cor, guarnecido com franzidoszinho de abelha e babadinhos.



Vestido de fustão branco, guarnecido com cadaço zig-zag vermelho, a flôr bordada com linha vermelha. Este vestido pôde ser executado no tom azul, o cadaço branco e o bordado de aplicações, os balões recortados em tecido vermelho, branco, verde e amarelo. As rodela são rodeadas por pontos de festão no tom do tecido, os fios no ponto de haste com linha verde ou preta.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

PRECEITOS DE HYGIENE

A trichinose

Chama-se assim uma doença causada pela presença, no organismo, dum verme chamado trichina. Este verme é absorvido com a carne de porco, porque é nella que se encontra enrolada em espiral, e enquistada, a larva da trichina. O ciclo vital da trichina não é complicado seguindo a carne de porco, introduzimos a larva no estômago. O suco gástrico envolve o envólucro do parasita que se encontra assim livre, e em dois dias torna-se adulto. O verme então põe-se em movimento, atravessa as paredes do tubo digestivo e vai fixar-se nos músculos e

a doença da trichina está constituída. Para dar uma ideia da gravidade deste mal, diremos que simula ora o cólera, a febre tifóide ou o reumatismo, podendo algumas vezes trazer a morte. O pior é estarmos ainda desarmados deante da trichinose contentando-nos apenas em tratar um a um os sintomas sem poder atacar a trichina com sucesso.

Felizmente a profilaxia é facil. Todos os países onde se consome grande quantidade de carne de porco defendem-se contra a invasão do parasita. Começam por cuidar da alimentação dos porcos, evitando que se infeccionem entre si. Depois a carne é examinada antes de ser entregue ao consumo. Na Alemanha ha

um laboratorio junto de cada matadouro de porcos, em Chicago tambem.

Mas felizmente ha um meio de defeza ao alcance de todos. Para livrar a carne da trichina basta o cozimento chegar a um certo grau. A larva não resiste. Portanto nunca comer a carne de porco mal assada. Tudo está nisso. Não creiam que o fumeiro, a frigorigeração e o salgamento sejam suficientes. Sua ação é quasi nula sobre o parasita que é vulneravel sómente ao calor. Se chegarem a ver algum atingido pela trichinose (infelizmente o caso não é raro), podem jurar que isso fará refletir antes de apreciar uma excelente costeletta de porco cuja carne está ainda rosada e por conseguinte mal assada.





Conselhos Práticos

COMO "GLACER" A FRIO OS BOLOS



Desfazer assucar cristalizado em um pouco de agua fria para obter uma massa espessa bem lisa. Póde-se substituir com vantagem a agua por um licor: rum,

kirsch, anisette, cacau, etc. Póde-se tambem juntar um colorante. Deixar descansar pelo menos 10 minutos. Espalhar bem sobre o bolo com a lamina da faca. O trabalho tem que ser feito rapidamente, começando pela parte de cima.

PARA EVITAR QUE OS OBJETOS DE METAL FIQUEM EMBACADOS

Encerar imediatamente depois de limpos, conservação assim mais tempo o brilho. Naturalmente, esta recomendação diz respeito somente aos objetos servindo de guarnição.



Vestido para a noite de jersey ou crepe rosa de dois tons.

Minha fraqueza não altera absolutamente as opiniões que posso ter da força e do vigor daqueles que o merecem.

Não é raro ver-se lastimar a morte de alguém que não se desejaria de todo que estivesse vivo.



CONSULTORIO ODONTOLÓGICO

Toda a correspondência para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião dentista **ALEXANDRINO AGRA**. Rua S. José, 84 - 3º andar - Tel. 22-6200

Ernani Fernando (Minas Gerais) — As festas comemorativas do jubileu do professor Frederico Eyer terão início no dia 29 do corrente na Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil.

Carlos Monteiro (Minas Gerais) — O colega vai encontrar o que procura na magistral obra do professor Pucci, recentemente publicada.

Zilda Soares (S. Paulo) — É possível.

Alberto Pereira (Santa Catarina) — Deve haver uma íntima relação entre os dois pontos de que me fala em sua carta.

Feliciano Taveira (Minas Gerais) — Chama-se Odontometria.

Salvino do Couto (Rio Grande do Sul) — Antes de deitar-se, de preferência.

Monteiro Nunes (S. Paulo) — A chupeta, uma das causas.

Vitor Sebastião (S. Paulo) — Não deve ser colocado como pensa.

Bernardo Nogueira (Rio Grande do Sul) — O professor Cirne Lima que, na minha opinião, é um dos elementos de maior projeção na odontologia, poderá resolver o seu caso com muita facilidade.

Adão Pinto (Amazonas) — Nem sempre.

Silva Melo (S. Paulo) — Tenho conhecimento e espero uma oportunidade para abraçar os meus ilustres colegas e amigos da Faculdade de Farmácia e Odontologia de S. Paulo, pela magnífica obra que realizaram em benefício do ensino de odontologia.

Fabício Junqueira (S. Paulo) — A prova radiográfica enviada não está em boas condições.

Gertrudes Amoreira (S. Paulo) — Enfim, vá lá. Temporário ou permanente, o cuidado deverá ser o mesmo.

Carlos Lima (Espírito Santo) — Não se esqueça das vitaminas com magníficos efeitos em casos relatados pelo ilustre colega em sua estimada carta de 15 do corrente.

Tertuliano Monteiro (Rio Grande do Norte) — Para os músicos de instrumento de sôpo, cantores e oradores inflamados.

Natividade de Melo (Alagoas) — A colega está correndo muito. Cuidado com a fadiga.

Miranda Barbosa (Minas Gerais) — Não deve empregá-lo na dose de que me fala em sua carta.

Ana Cruz (Minas Gerais) — Procure o seu dentista com urgência.

V. I. T. O. L. (Paraíba do Norte) — Aplicar duas vezes ao dia.

Armando Gonçalves (Minas Gerais) — Não é possível.

Rita Gomes (S. Paulo) — Falta de cuidados higiênicos.

Arminda Ferreira (Rio Grande do Sul) — Antes das duas principais refeições.

Wenceslau Buarque (Alagoas) — Deve examinar cuidadosamente o estado das raízes antes da colocação da peça protética.

Magno Cerqueira (Amazonas) — É assunto importante para o cirurgião-dentista clínico.

Mateus de Oliveira (S. Paulo) — Procure aí o professor Luiz Silva, uma das mais, sinão a maior autoridade em odontologia legal em toda a América latina.

Almerinda Nonato (Minas Gerais) — O regime alimentar deve ser imposto.

Maria da Conceição (Alagoas) — É curioso e digno de estudos especiais.

Hercílio Amaral (Santa Catarina) — Durante o tratamento enriquecer as refeições com vegetais e frutas.

Margarino Junior (Alagoas) — Agradeço-lhe, profundamente sensibilizado, as bondosas referências contidas em sua estimada carta de 16 do corrente.

Alexandrino Agra.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

ORNAMENTAÇÃO DO LAR

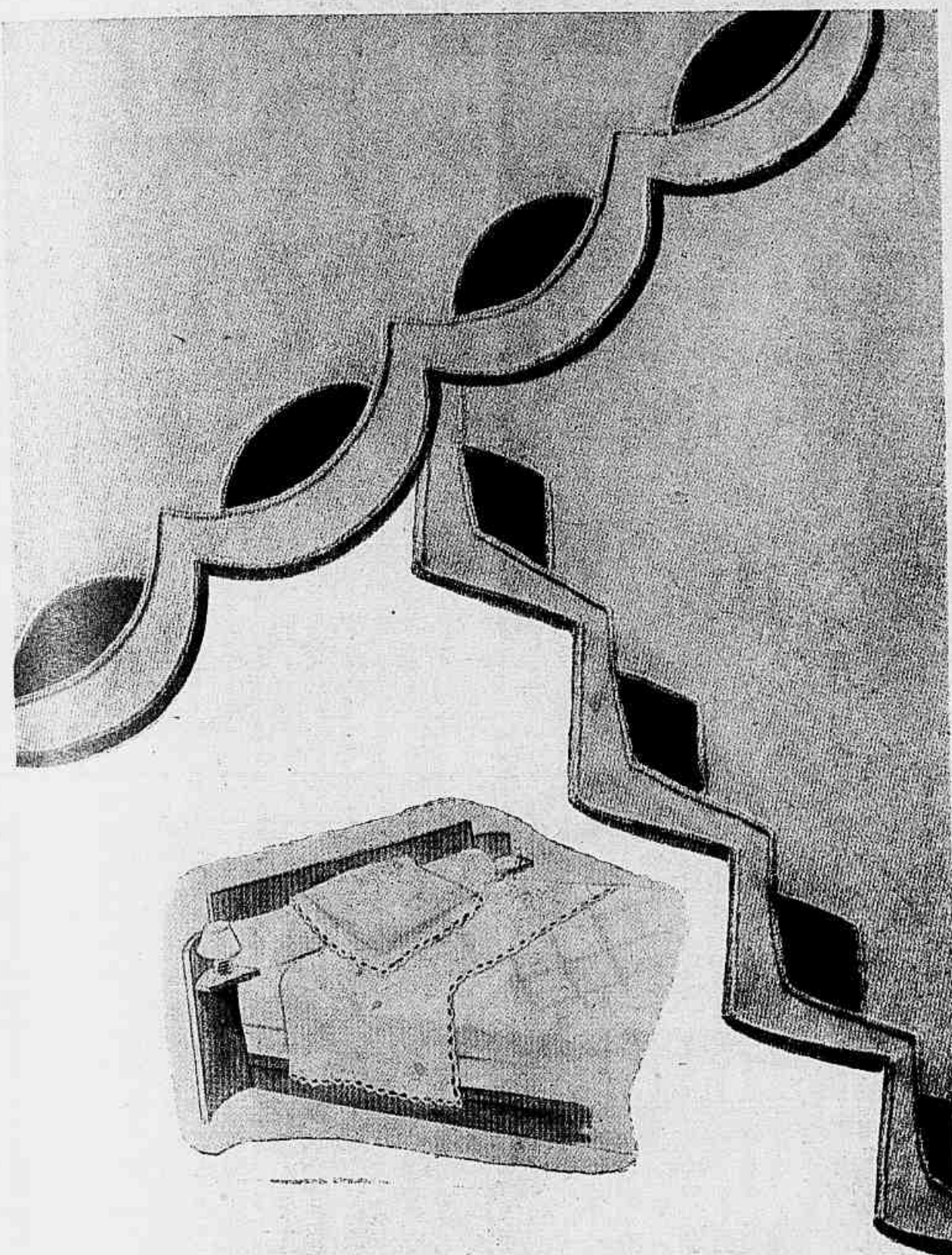
Bordado para guarnecer
toalhas ou panos de mesa

Este bordado é executado com a linha perlée, as campânulas bordadas no tom azul vivo; a coróla e o cálice em rosa arroxado, as folhas e hastes em dois tons de verde.

O bordado pode ser executado sobre linho rosa claro, amarelo pálido ou branco.



Guarnições bordadas para lençóis e fronhas



Já Está
Na Moda
a côr
**VERMELHO
AMAZONAS!**

... **sensacional tonalidade
do famoso BATON COLGATE**

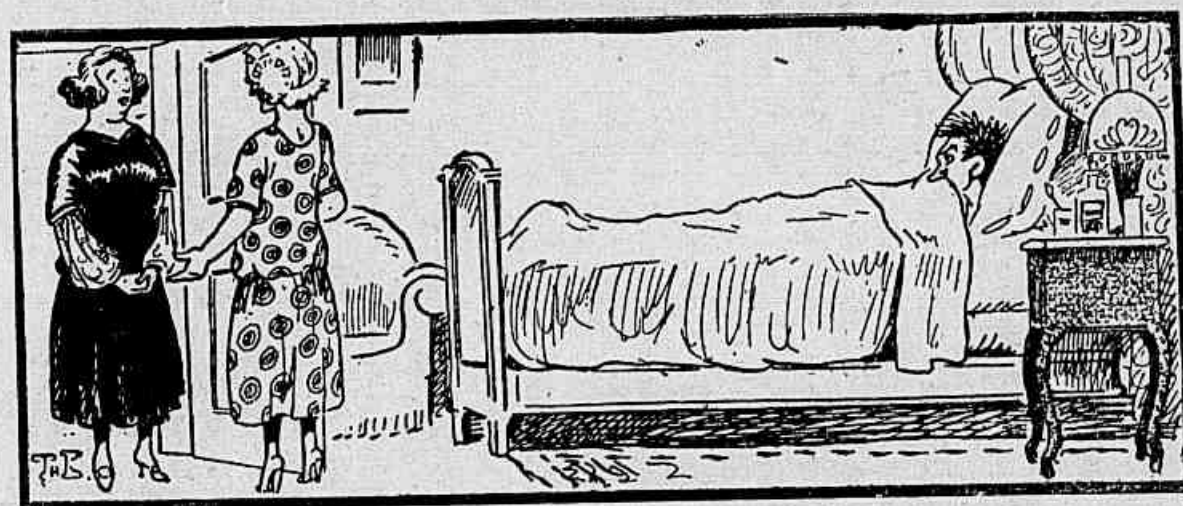
Inspirado no vermelho vivo da flora da Amazonia, o Baton Colgate apresenta a grande sensação da moda: Vermelho Amazonas! É uma maravilhosa tonalidade que faz *mais beijeis* os lábios das mulheres dos trópicos... Vermelho Amazonas é a côr que as mais lindas jovens estão usando... é a côr que ellas apreciam e os homens admiram! O Vermelho Amazonas do Baton Colgate é feito com karanuva, o sensacional emoliente embelezador dos lábios. Por isso, dá uma beleza exótica e sedutora. Use a côr da moda! Peça hoje Baton Colgate, Vermelho Amazonas e torne os seus lábios *atrachentes, calidos e mais beijeis*!

IMPORTANTE! Assim como um grão de arroz cresce na água, as suas partículas dilatam-se também com a humidade da pelle, provocando a dilatação dos poros. O novo pó para rosto COLGATE finissimo e delicadamente perfumado, não contém uma só partícula de arroz.

Grande
3\$500
Medio
2\$500



**BATON
COLGATE**



— Devíamos ser quatorze á mesa, um convidado não poude vir; meu marido comeu por dois, e ahí está com uma indigestão!...

— E ainda ha quem diga que o numero treze não dá azar!...

O ideal é necessario á vida. Ergue a alma e deixa-nos, pelo menos por algum tempo, num sonho que nos impede de contemplar a terra e a monotonia da vida. O ideal cristão dá ao coração da-quele que o possui uma grande paz, uma grande alegria que lhe garante a felicidade

de no futuro, no além. Escolham pois um ideal, qualquer que ele seja, que faça agir as energias que estão adormecidas e faça surgir o entusiasmo, o aspero gosto da luta, que faça subir alto, sempre mais alto, até os cumes onde se respira o ar verdadeiramente puro, até Deus, até sua luz.



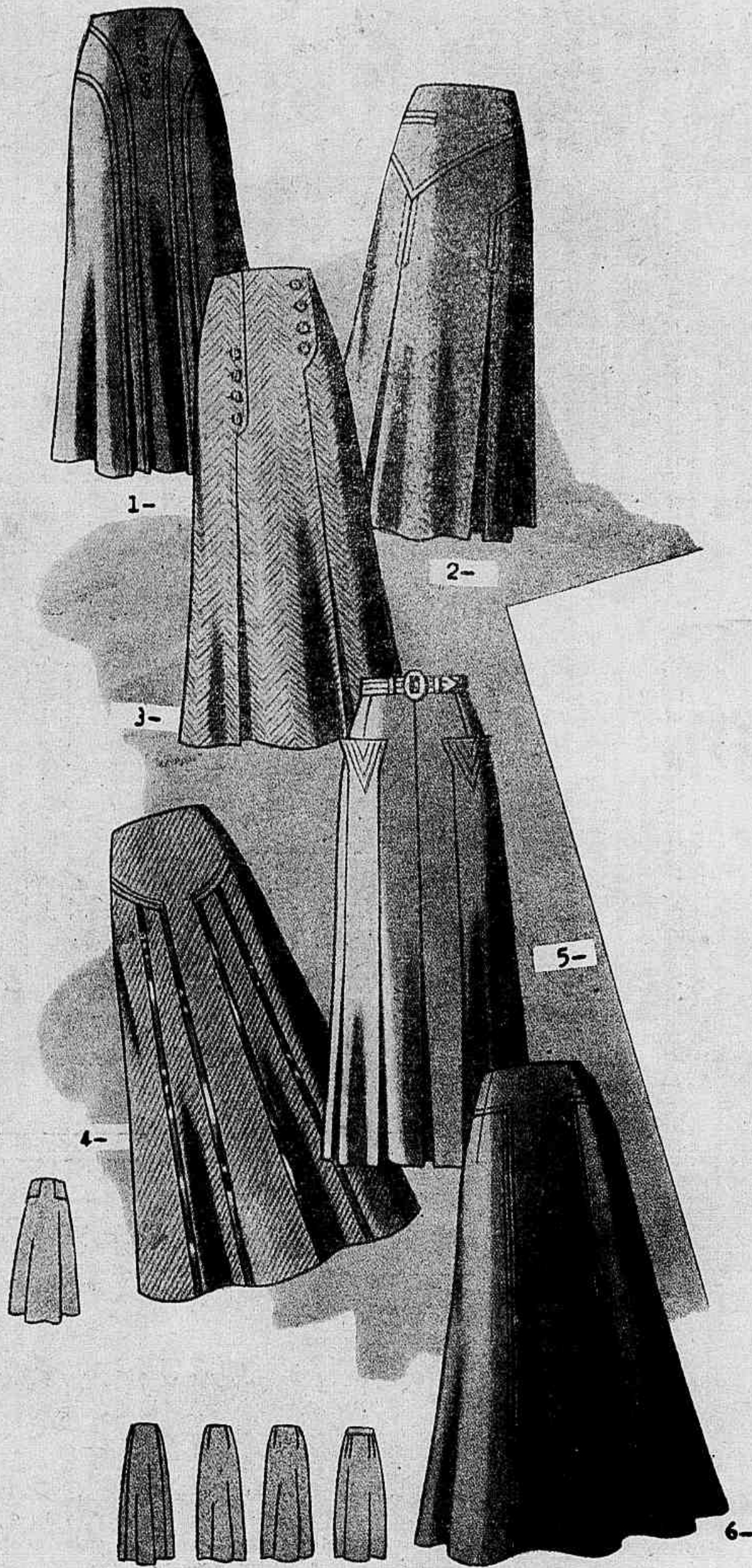
— Sim, sim, eu sei... O senhor não recebeu o ultimo trimestre... mas não me traz senão um atestado de vida para este. Que é que prova que o senhor estava vivo ha tres mezes?...

TRADICIONAL **VENDA ANUAL** MAIO-JUNHO
MOVEIS · TAPETES · CORTINAS
GRANDES REDUÇÕES DE PREÇOS EM TODOS OS ARTIGOS

ASA MARCA
UNES REGISTRADA

MATRIZ **RIO** ANEXO
65-R. DA CARIOCA-67 • 82-R. 7 DE SETEMBRO-82

Saias para blusas



- 1 — Saia de crepe marocain azul marinho, guarnecida com tiras aplicadas.
 2 — Saia de lã de fantasia no tom bege. A pala formando um bico na frente estreita-se atrás. 3 — Saia de lã de fantasia guarnecida com botões. 4 — Galões cirés guarnecem a frente desta saia, de lã diagonal. 5 — Saia de jersey de lã, o cinto e os bolsos com pespontos. 6 — Saia de crepe marocain bege ou marron, guarnecida com pespontos.

CONSELHOS PRATICOS

Limpeza das portas, janelas, lambris pintados

Um meio indicado para esta limpeza é o seguinte: fazer uma gema rala e bem cozida com farinha de trigo. Desfazer numa tigeia uma colher de farinha de trigo na água fria e despejar, depois de bem desfeita, numa panela com água e mexer, sem parar com uma colher de pau até a ebulição, que deverá durar cinco

minutos. A goma, como já dissemos, deve ficar muito rala. Deixar esfriar completamente antes de empregá-la.

Espalha-se esta goma com escova-pincel sobre toda a madeira a limpar; depois, com um pedaço de flanela, esfrega-se fortemente pondo de vez emquando um pouco mais da goma, sempre com o pincel. Não deixar secar e passar em seguida água pura com uma esponja, para tirar toda a goma e as impurezas que aderiram. Depois enxugar com um pano macio.

Faschine os homens acariciando os lábios com Zande Baton

Experimente a senhora gozar também a homenagem dos olhares fascinados — preito dos homens ao triunfo da maquilagem suprema. O Baton ZANDE imprime aos lábios uma tonalidade atraente e requintada, que é um deleite duradouro e irresistível!

Só se vende ZANDE nas melhores casas — quatro tamanhos, mas todos a um preço que o põe ao alcance de todos os lábios.



... e o Rouge ZANDE!
 Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente à cutis durante muitas horas. Seis cores — para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.



Vestido e casaco de crepe de fantasia vermelho e cinza claro.



... e a senhora, torturada pelos sofrimentos de todos os meses, nem pode gozal-a! Uze, diariamente, 2 a 3 colheres do Elixir das Damas — formula que faz mulheres ditosas — e goze a vida com saúde, alegre e feliz!

ELIXIR DAS DAMAS

Dist. Araujo Freitas & Cia



Vestido de zéphyr de fantasia guarnecido com pespontos.

MORTA ou VIVA

A SUA PELLE REJUVENESCERÁ EM 8 DIAS COM A

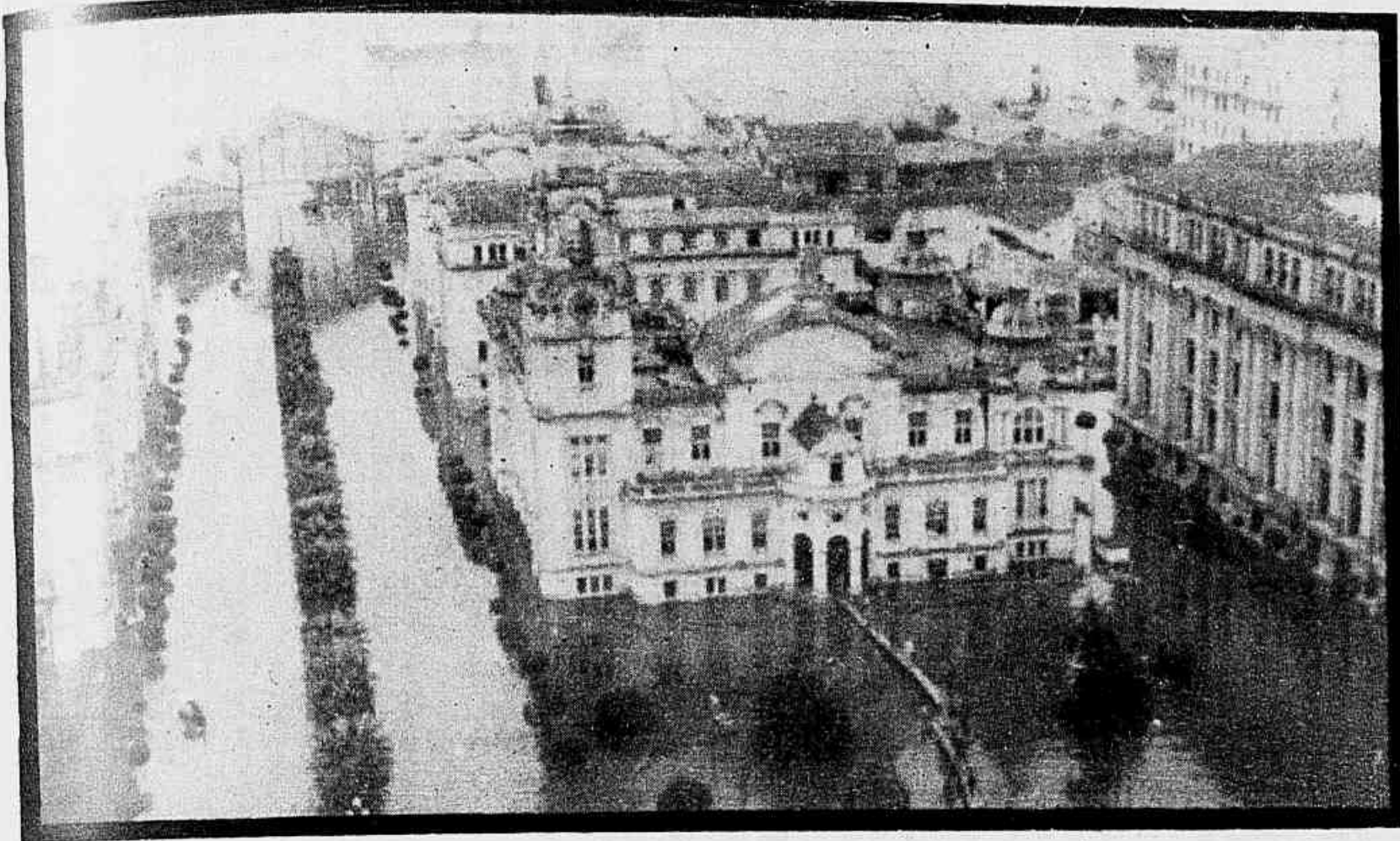
MASCARA DE LAMA
 MARCA REGISTRADA SOB O Nº 480/51
 APLICADA EM SUA CASA OU NOS SALÕES DA ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA M.ª CAMPOS
 SOB CONTROLE MEDICO, JUNTAMENTE COM O

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA
 A VENDA EM TODO BRASIL
 DEPOSITO: ASSEMBLEA IIS, RIO



Costume de linho verde. A saia com pregas e o casaco com bolsos.

A CHEIA DO RIO GRANDE



A Avenida Mauá — no primeiro plano, o edifício dos Correios e Telégrafos; à direita, o Banco do Comércio; ao fundo, o caos, submerso.

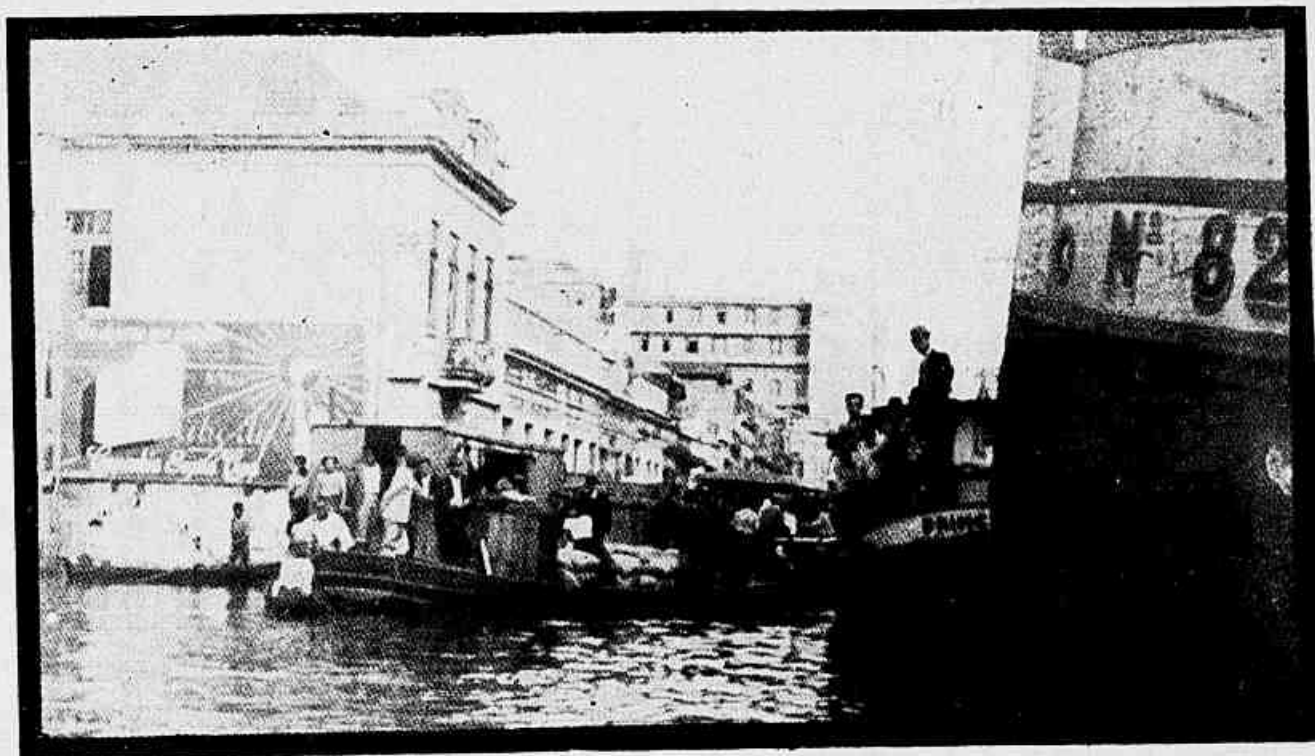


A Delegacia Fiscal ilhada.

Estado do Rio Grande do Sul viu-se a braços com a maior cheia de que ha notícias na sua história, e foi principalmente Porto Alegre — a linda capital gaúcha — o centro mais maltratado pela brutalidade das águas. Situada á beira do Guaíba, o estuário que é receptáculo de cinco rios, a cidade linda se viu de improviso invadida por um verdadeiro mar. Não fôra a sua topografia acidentada, que é um dos seus índices de beleza, e Porto Alegre, onde em alguns logares as águas subiram a cinco metros e mais, teria ficado integralmente submersa. A série de desgraças que caíram sobre a cidade é inumerável. Gente sem teto, sem luz, sem pão... O paiz inteiro acompanhou, através das notícias alarmantes da imprensa, com o coração tensido, a tristíssima catástrofe. inserimos aqui alguns aspéctos — que não são, aliás, os mais eloquentes — da cheia que assolou Porto Alegre.



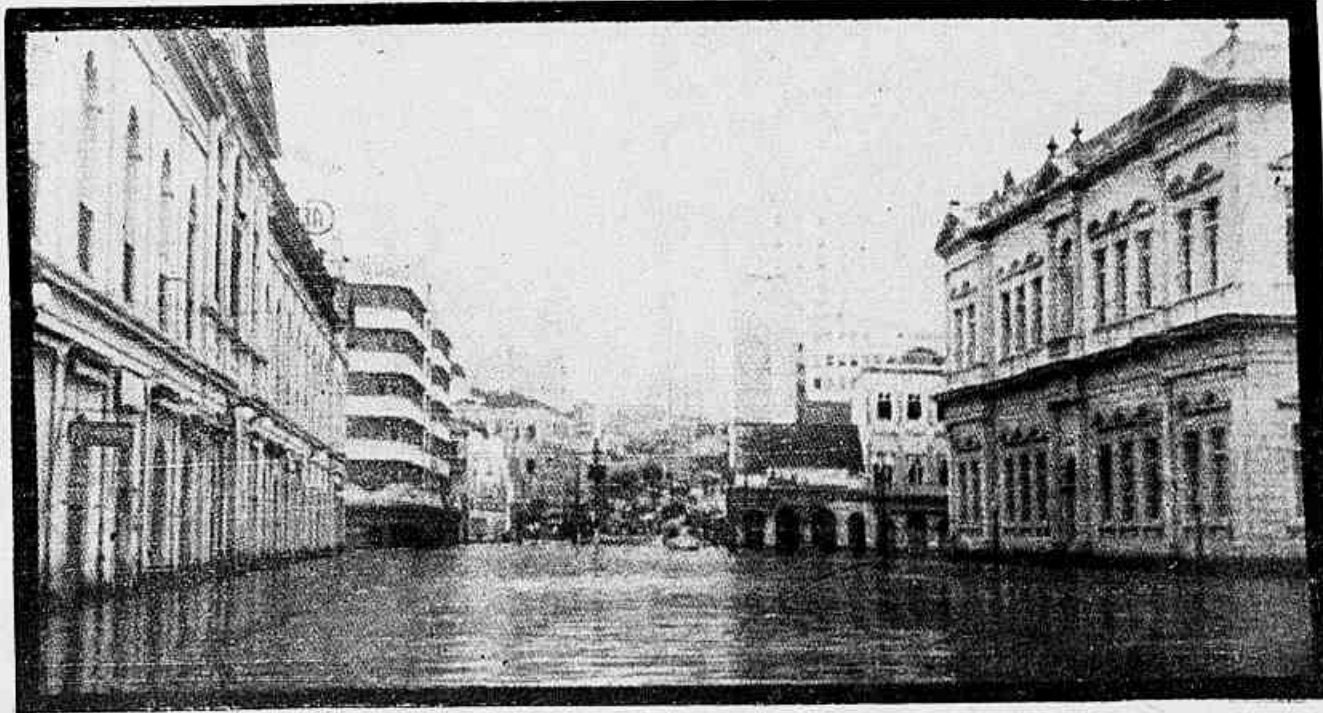
O edifício dos Correios e Telégrafos cercado de água.



A rua da Conceição, ao lado da Estação da via-ferrea.



o Senador Florêncio, vendo-se no primeiro plano a estatua de Rio Branco e no último o Edifício Imperial e o Club do Comércio.



A Avenida Borges de Medeiros, vendo-se aos lados o Mercado Publico e a Prefeitura.

*Este é
dos meus!*

CIA SOUZA CRUZ



DELIO SA'